CETADEB

CENTRO EDUCACIONAL TEOLÓGICO
DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS
DO BRASIL



TEOLOGIA PASTORAL II

Pr João Antônio de Souza Filho

TEOLOGIA PASTORAL II

TEOLOGIA PRÁTICA PARA O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO

Pr João Antônio de Souza Filho

Copyright © 2010 by João Antônio de Souza Filho

Capa e Designer: Márcio Rochinski
Diagramação: Hércules Carvalho Denobi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

Todas as citações foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação entre parêntesis ao lado do texto indicando outra fonte.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Lex Ltda

1ª Edição – Abr/2010

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor

Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo

Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR
Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR
Pr José Polini – Ponta Grossa-PR
Pr Valter Ignácio – Guaíra-PR

Coordenação Pedagógica

Dagma Matildes de Souza dos Santos – Guaíra-PR

Coordenação Teológica

Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP
Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica

Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR
Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR
Dr Altenar Aparecido Alves – Umuarama-PR
Dr Wilson Roberto Penharbel – Apucarana-PR

Autores dos Materiais Didáticos

Pr José Polini
Pr Ciro Sanches Zibordi
Pr Genildo Simplício
Pr Paulo Juarez Ignácio
Pr Jamiel de Oliveira Lopes
Pr Marcos Antonio Fornasieri
Pr Sérgio Aparecido Guimarães
Pr José Lima de Jesus
Pr José Mathias Acácio
Pr Reinaldo Pinheiro
Pr Edson Alves Agostinho
Rubeneide O. Lima Fernandes

NOSSO CREDO

- Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo. (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
- Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17).
- Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
- Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
- Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
- No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
- No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
- Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos

capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pe 1.15).

- No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
- Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1Co 12.1-12).
- Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatar a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).
- Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
- No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
- E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil - CGADB

ABREVIAÇÕES

a.C. – antes de Cristo.
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrida
AT – Antigo Testamento
BV – Bíblia Viva
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
c. – Cerca de, aproximadamente.
cap. – capítulo; caps. – capítulos.
cf. – confere, compare.
d.C. – depois de Cristo.
e.g. – por exemplo.
Fig. – Figurado.
fig. – figurado; figuradamente.
gr. – grego
hb. – hebraico
i.e. – isto é.
IBB – Imprensa Bíblica Brasileira
Km – Símbolo de quilometro
lit. – literal, literalmente.
LXX – Septuaginta (versão grega do AT)
m – Símbolo de metro.
MSS – manuscritos
NT – Novo Testamento
NVI – Nova Versão Internacional
p. – página.
ref. – referência; refs. – referências
ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).
séc. – século (s).
v. – versículo;
vv. – versículos.
ver - veja

SUMÁRIO

LIÇÃO I – O MINISTRO E O SUA VIDA SEXUAL 11
TAREFAS DO DIA-A-DIA DO MINISTRO 27
ATIVIDADES - LIÇÃO I 39

LIÇÃO II – O MINISTRO E O SEU GABINETE 41
O MINISTRO NO PÚLPITO 52
ATIVIDADES – LIÇÃO II 67

LIÇÃO III – O MINISTRO: CARISMAS E CARÁTER 69
OBSERVANDO O PADRÃO: JESUS, O EXEMPLO DIVINO 84
ATIVIDADES – LIÇÃO III 98

LIÇÃO IV – PAULO, O PADRÃO 101
BARNABÉ: EXEMPLO DE PERSEVERANÇA 116
ATIVIDADES – LIÇÃO IV 128

LIÇÃO V – O MINISTRO E SEUS RELACIONAMENTOS 129
O MINISTRO: FAMA, ORGULHO E HONRA 142
ATIVIDADES – LIÇÃO V 157

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 158

Lição I

O Ministro e Sua Vida Sexual
Tarefas do dia-a-dia do Ministro

O Ministro e sua Vida Sexual

As editoras evangélicas brasileiras dispõem de boa literatura tratando de maneira franca sobre a vida sexual do obreiro cristão. Na maior parte do país os preconceitos quanto ao tema desapareceram, e em outras regiões há uma abertura para que o assunto seja abordado sem constrangimento algum.

Em apenas uma lição não se poderá fazer um estudo exaustivo do tema, o que se propõe é uma abordagem que sirva de salvaguardas ao ministro do evangelho.

Pode-se ter uma vida de plenitude sexual em santidade sem quaisquer conflitos, e quando estes existem, precisam ser resolvidos pelo obreiro. Alguns acham que para serem santos é preciso abster-se do sexo, e que sexo e santidade não combinam entre si. Isto acontece por vários motivos. *Primeiro*, por desconhecerem o que a Bíblia tem a dizer.

Segundo, por haverem vivido de maneira desregrada, isto é sem regras ou limites antes de se converterem, e têm medo de cair na prática do pecado. Terceiro, pelo ensinamento errado, muito comum no meio da igreja.

Certos grupos da igreja, inclusive a teologia romana ensinam que o sexo é só para a procriação, e que não pode ser praticado como forma de prazer, teoria que pode ser refutada pelo ensinamento da Bíblia sagrada. Por isso, todo ministro precisa estar seguro do que ensina a Bíblia e conhecer, pela palavra de Deus os limites da prática sexual, mesmo dentro do casamento.

1. O Sexo É Um Presente De Deus

Existe um falso conceito, até mesmo entre os pentecostais, de que Adão e Eva pecaram quando tiveram relações sexuais, teoria sem qualquer embasamento teológico, até porque, "*Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a*" (Gn 1.28).

Alguns acham que esta "bênção" refere-se somente a procriação; outros, que ela se estende a toda atividade sexual do casal.

O sexo é um presente de Deus ao homem e a mulher. A escritura tem regras claras quanto ao comportamento sexual, especialmente nas leis de Moisés no Antigo Testamento. É preciso entender que os impulsos sexuais são uma dádiva divina, e que a prática sexual, dentro dos parâmetros permitidos nas Escrituras, não é pecado.

Deus formou o homem e a mulher, distintos física e emocionalmente, aptos a se tornarem um só corpo, o que para a maioria dos expertos se dá por ocasião da cópula.

A falta de compreensão deste tema tem perturbado os obreiros, e alguns até confessaram que se sentiam em pecado depois do ato sexual, exatamente por não compreenderem o tema abordado nas Escrituras.

1.1. A Herança Teológica Romana

A igreja evangélica, de certa forma, se deixou influenciar pela teologia romana, que transmite a idéia de que o ato sexual é algo impuro, e vê a mulher, como símbolo do engano e da desgraça, dando a entender que o simples pensamento de sexo requer penitência, sacrifícios e pedido de perdão.

Um dos defensores desta doutrina foi Agostinho. Depois de viver dissolutamente, ao se converter, passou a ver o sexo por um ângulo pecaminoso.

Em suas *Confissões* escreve: *"Mas na minha memória, de que longamente falei, vivem ainda as imagens de obscenidades que o hábito inveterado lá fixou. Quando, acordado, me vêm à mente, não têm força. Porém, durante o sono, não só me arrastam ao deleite, mas até à aparência do consentimento e da ação. A ilusão da imagem possui tanto poder na minha alma e na minha carne, que, enquanto durmo, falsos fantasmas me persuadem a ações a que, acordado, nem sequer as realidades me podem persuadir."* (Agostinho, Confissões, Editora Vozes, 1988 p 245).

O medo de pecar involuntariamente mesmo em sonhos, atormentava esse servo de Deus. Richard Foster, diz de Agostinho: *"Talvez ninguém tenha contribuído tanto para levar esses ensinamentos até o coração da igreja quanto Santo Agostinho. Não há dúvida de que suas próprias estripulias sexuais quando jovem são responsáveis pela atitude negativa que tinha para com a sexualidade depois de sua conversão. Em A Cidade de Deus, ele se refere à "vergonha que acompanha toda relação sexual"*. (*In* Dinheiro, Sexo e Poder, Richard Foster, Mundo Cristão, p 92).

A influência do pensamento de Agostinho quanto ao sexo permanece na igreja evangélica entre pastores, e é tão forte que alguns chegam a aconselhar a abstinência sexual em dias de cultos da igreja, o que, convenhamos traz sérios riscos e problemas conjugais àqueles que se ocupam quase todos os dias da semana com a obra de Deus.

Outros teólogos mais moderados recomendavam total abstinência na semana que antecedia a Ceia do Senhor, como se a prática do sexo no casamento fosse um pecado terrível aos olhos de Deus. A influência de Roma no pensamento pentecostal, tanto em relação à vida sexual como em alguns costumes, ainda é forte.

Foster cita um *"tal de Yves de Chartres (que) aconselhava os devotos a absterem-se de relacionamentos sexuais nas segundas-feiras, em respeito às almas que já haviam partido, nas quintas-feiras em memória à ascensão de Cristo, nas sextas em memória à crucificação de Cristo, aos sábados em honra à Virgem Maria, aos*

domingos em comemoração da ressurreição de Cristo..." (FOSTER, Richard, obra citada, p.92).

Pior ainda é o ensinamento de que o Espírito Santo abandona o quarto do casal na hora do ato sexual, ensinamento atribuído a Tertuliano: "*Sendo todos nós o templo de Deus, depois de em nós introduzido e consagrado o Espírito Santo, a castidade é a guardiã e a superiora desse templo, a qual não permitirá que nada de impuro e de profano se introduza, não vá Deus que nele tem morada abandonar ofendido a sua habitação conspurcada.*" (TERTULIANO, Os adereços da mulher, Editora Verbo, Lisboa-São Paulo, p 54). Se Deus abandona o casal na hora do ato sexual, como dizia Tertuliano, então o sexo se constituiria, realmente, uma grande ofensa a Deus.

O apóstolo Paulo alertou que este tipo de ensinamento que leva a total abstinência é herético, comentando que nos últimos tempos, "*alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios (...) que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos...*" (Veja todo texto em 1 Tm 4.1-5). Portanto, a proibição sexual, não procede dos ensinamentos bíblicos.

2. O Sexo Faz Parte Da Natureza Humana

Deus colocou no ser humano mecanismos biológicos que produzem hormônios a partir da puberdade alterando o aspecto físico e emocional das pessoas.

Os mesmos hormônios que dão vigor sexual são os que abastecem os músculos e mente com a energia de que se precisa para gastar no trabalho.

É preciso voltar ao livro de Gênesis para rever o tema: "*Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*" (Gn 1.27).

Traduzindo o hebraico de forma rudimentar, pode-se afirmar que Deus criou seres que se encaixam sexualmente, como macho e fêmea. A expressão "homem e mulher" aponta

diretamente para as diferenças físicas e emocionais deste complexo ser humano.

A idéia de que a atividade sexual não é apenas para a procriação reside na diferença do ser humano e dos animais irracionais, pois estes quando chega o tempo de reprodução entram no cio que os leva instintivamente a procurar alguém da mesma espécie para procriar e preservar a raça. Não é assim com o homem e a mulher.

Deus concedeu aos seres humanos não apenas a capacidade de procriar, mas de fazer do ato sexual um prazer. O livro de Provérbios dedica um capítulo inteiro à questão do prazer (Capítulo 5), e traça a diferença entre o prazer com a mulher amada e a prostituta. Afirma: "*Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço. Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, corça de amores e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias*" (Pv 5.15,18-19).

Salomão parece exagerar, mas faz uma afirmação que deve ser levada a sério por homens e mulheres: "*Goza a vida com a mulher que amas... porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol*" (Ec 9.9).

Mas também não se pode fazer do sexo apenas uma fonte de prazer. Hoje há uma forte tendência ao hedonismo na igreja. Este é um termo grego que vem de *hedone*, palavra usada para explicar o prazer como a melhor forma de vida.

Paira no ar o apelo, e até os pastores caem nesta cilada, que se dê vazão a todo tipo de prazer, inclusive o sexual fora do casamento. A literatura hedonista – da liberdade e do prazer – está indo além dos limites éticos e morais.

Pastores com problemas matrimoniais têm a tendência de cair nesta armadilha, porque a idéia por trás do hedonismo admite que precisamos aproveitar os prazeres do sexo. E existem limites que precisam ser observados, pois a Escritura não ensina que o prazer sexual pode ser obtido fora do casamento; ele é restrito à vida conjugal.

2.1. O Relacionamento Sexual É Uma Figura Da União Entre Cristo E A Igreja

Paulo, ao fazer uma analogia do relacionamento entre Cristo e a Igreja comparando este relacionamento ao de um homem com sua esposa tem em vista a intimidade entre os dois, pois é na privacidade da comunhão que se tem intimidade. Isto requer do aluno uma profunda compreensão do propósito de Deus com a igreja, pois Paulo, depois de abordar o relacionamento entre homem e mulher, começa a falar do relacionamento entre Cristo e a igreja (Leia Efésios 5.22-33).

Ele fala sobre a vida do homem e da mulher, de submissão e de amor, e exclama no final: "*Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja*" (v.32). Se existem mistérios a serem desvendados da relação entre homem e mulher, muito mais entre Cristo e a igreja.

Pedro dá a entender que a relação sexual e o relacionamento entre esposo e esposa é algo que transcende a compreensão humana, isto é, vai além do conhecimento natural e humano. Ele faz questão de dizer que a quebra de relacionamento entre marido e esposa (brigas, discussões, separação, etc.), implica automaticamente na quebra de relacionamento do homem com Deus.

Para ele, se o casal não souber viver a vida comum do casamento, até mesmo as orações dos dois ficam interrompidas "*Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações*" (1 Pe 3.7).

James Moffatt, comentando a argumentação de Pedro, pondera: "*Tendo em vista a tendência daqueles dias em alguns círculos da igreja que afirmavam ser a vida conjugal incompatível com o cristianismo, vale a pena observar que a ética de Pedro está livre dessa aberração ascética. Ele ensina que as relações normais*

entre marido e esposa devem ser a regra de mais alta consideração na religião cristã". (MOFFAT, James. *The General Epistles, James, Peter and Judas* (Epístolas Gerais de Tiago, Pedro e Judas), Harper and Brothers, N.I.).

O escritor da carta aos Hebreus, aborda o tema sob outro ângulo, o da santidade. "*Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros*" (Hb 13.4). Observa-se que em nenhum momento o autor de hebreus tem em mente homem e mulher deitados na mesma cama sem qualquer atividade sexual, como interpretam alguns; refere-se, isto sim, a uma vida sexual pura entre o casal.

3. Conselhos Práticos Para Uma Vida Sexual Saudável

O aluno conheceu nos textos acima os pontos de vista contrários e favoráveis à prática sexual entre marido e mulher. No entanto, as questões sexuais não se limitam ao sexo entre marido e mulher, por isso será importante observar uma série de passos práticos para a vida sexual do obreiro.

3.1. Mantenha-Se Vigilante

Paulo adverte: "*Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia*" (1 Co 10.12). Ninguém cai em pecado sexual porque foi tentado além da medida. Quando um ministro cai no pecado sexual é porque vinha alimentando sua mente com pensamentos nesta área. O maior problema da vida sexual não está fora do casamento, mas dentro dele. É aconselhável que os obreiros leiam, pesquisem, e busquem orientação e ajuda nas questões sexuais, buscando aprimorar seu relacionamento conjugal, aprendendo a resistir às tentações e a viver uma vida com sua esposa o mais próximo possível dos padrões divinos.

Muitos obreiros afirmam que têm muito vigor sexual e não são acompanhados pela esposa. Precisam de disciplina mental, espiritual e física.

Há ótimos livros no mercado editorial evangélico que abordam com clareza o ato conjugal e questões como masturbação, impotência sexual, traumas sexuais, etc. que precisam ser resolvidos.

David Reuben, disse: "*o casamento é como uma longa viagem em um barco pequenino; se um dos dois passageiros começar a fazer o barco balançar, o outro tem que segurá-lo, fazê-lo ficar firme; senão irão ambos para o fundo*" (*In* PETERSEN, J.Allan *O Mito da Grama mais Verde*, JUERP, 1985, P. 127).

3.2. Pornografia E Masturbação

Nada há na Bíblia que aborde diretamente estes dois temas, mas são questões atuais e devem ser estudados e analisados pelos obreiros. Existem pastores mais velhos, já avós, que caem em pecados sexuais, na prática do homossexualismo e na pedofilia ou assédio sexual a crianças.

Tanto o ministro jovem como os de mais idade precisam disciplinar-se na vida sexual, pois enquanto viver haverá de lidar com os desejos sexuais. Quando se fica mais velho e o corpo não mais reage aos estímulos, os pensamentos continuam a ser estimulado ao sexo. O ministro, jovem ou velho sempre se debaterá em torno deste tema.

Um dos estímulos ao pecado vem pela pornografia, assunto também abordado noutra lição. O obreiro que não souber controlar seu ímpeto de ver fotos e cenas de sexo, tão comuns em fitas de vídeo, Internet, programas de tevê e revistas, facilmente cederá e cairá em pecado.

O obreiro deve reagir com reservas e temor quando a questão da santificação é deixada de lado nos tópicos apresentados em seminários sobre a vida matrimonial.

O ensino de que o pastor, ou o homem casado pode dar vazão ao sexo pela masturbação deve ser analisado caso a caso, pois muita coisa nesta área é ensinada sem que o aspecto santificação seja levado em conta.

Aqui reside o extremo daqueles místicos da igreja do passado: enquanto para eles um simples pensamento sexual gerava total desconforto espiritual, nesse caso a recorrência a métodos de alívio sexual não gera desconforto algum.

Por serem questões abordadas em muitos livros, com idéias contra ou favoráveis, cumpre ao estudante buscar um ensinamento bíblico equilibrado que não vá de encontro ao propósito de Deus para o casal.

3.3. Mantenha Uma Vida Sexual Plena Com Seu Cônjuge

Linha de ensinamento de que o sexo é apenas para procriação adotada por alguns segmentos evangélicos trouxe sérios problemas a um pastor e sua esposa. Ele confessou que após cada ato sexual sentia-se em pecado. Felizmente o ministro tomou conselho com outros pastores e abandonou tal idéia – e também a denominação que pregava abstenção sexual.

Paulo tratou muito bem a questão da sexualidade do indivíduo, respondendo com franqueza questões sobre sexo à igreja de Corinto. Para os costumes da época, Paulo está além de seu tempo - atualizado no tempo de Deus - e o que ele diz é como se estivesse escrevendo pessoalmente nos dias de hoje. Paulo era celibatário, o que se depreende de suas palavras – "*no entanto cada um tem de Deus o seu próprio Dom*" (1 Co 7.7).

Mas, jamais induziu outros ao celibato nem condenou o sexo dentro do casamento. "*É bom*", diz ele "*que o homem não toque mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa; e cada uma o seu próprio marido*" (1 Co 7.1-2).

Aliás, Paulo recomenda que "*o marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa ao marido*" (1 Co 7.3), sem negarem-se um ao outro.

Seria bom que todos fossem como Paulo, que não tocassem em mulher, no entanto, Paulo ao abordar o tema está preocupado com a sexualidade do homem, com suas tentações pessoais, com a

vazão sexual e com a tensão física e emocional do homem e da mulher, por isso passa a discorrer sobre o sexo entre os dois.

Avançado nas questões sexuais para os seus dias, Paulo propõe algumas regras de vida a dois, aconselhando que não se "*recusem um ao outro, exceto por mútuo consentimento e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não os tente por não terem domínio próprio*" (1 Co 7.5-7 NVI). E mais adiante aconselha aos solteiros: "*Mas se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo*" (v.9 - NVI). Outras versões usam a expressão "*viver abrasados*", isto é, em fogo.

3.4. Mantenha Controle E Disciplina Sobre Os Desejos Da Carne

Parece um contra-senso entender que por um lado, a pessoa é exortada a manter uma vida sexual ativa com seu cônjuge, e por outro, cuidar e fiscalizar os apetites da carne e da alma. Estes dois extremos levam a pessoa ao equilíbrio sexual.

O ministro aprende assim, a exercer rígida disciplina sobre seu corpo, suas reações e emoções. Depois que aprende a controlar seus desejos sexuais, pode liberar seus desejos no momento certo dentro do casamento.

João da Cruz, místico português tinha razões sobejas ao falar dos apetites da alma. Ele dizia: "*Porque é próprio de quem tem apetites estar sempre descontente e destemperado, tal qual os que têm fome... os apetites cansam, atormentam, obscurecem, sujam e enfraquecem a alma...*". (Da CRUZ, João, Carmelo, Editora Carmelo de São José, Portugal, 1958 pp 36-37).

Uma pessoa casada com uma vida sexual plena, luta contra os apetites que desequilibram o homem, e que, se não forem controlados impelem-no para os braços de outra pessoa.

Num de seus ditos, João da Cruz adverte: "*O que não se deixa levar pelos apetites, voa ligeiro, segundo o espírito, tal como a ave a que não faltam penas*". (Ibidem, no capítulo Ditos de Luz e Amor, p 59).

Os desejos sexuais são normais, porém, quando nutridos constantemente levam a pessoa cometer desatinos num piscar de olhos. Foi assim com o rei Davi. Almoçou e foi tirar sua sesta. Foi descansar. Ao se levantar, olhou pela janela e viu uma linda mulher se banhando.

Depois de um bom descanso, com suas energias renovadas, o quadro que viu diante dele era demasiadamente tentador: uma mulher nua a banhar-se. Foi tomado de desejos por ela e a possuiu (2 Sm 11).

Não é diferente hoje quando se liga a tevê ou se navega pela Internet. A cada momento o obreiro – seja ele homem ou mulher – se depara diante de apelos sexuais. A tentação sexual ronda o obreiro a todo momento, seja durante o aconselhamento pastoral, enquanto está pregando, viajando, etc.

As reações sexuais não devem ser admitidas como pecado e transgressões; são coisas normais na vida de qualquer pessoa, a menos que esteja doente. E o obreiro deve encarar essas reações como normalidade, sem receio de que, por sentir-se tentado ou atraído por outra pessoa esteja pecando. Ceder às tentações, sim, configura-se pecado.

É comum, no aconselhamento pastoral, a mulher desabafar e despejar sobre o obreiro tudo o que se passa com ela, suas frustrações, seu relacionamento com o marido e até mesmo sua vida sexual. Às vezes, age com sinceridade buscando ajuda, noutras ocasiões visa conquistar seu conselheiro.

Por isso, sempre que for aconselhar uma mulher que esteja desacompanhada do marido ou de outra pessoa, faça-o ao lado de sua esposa ou de outra irmã da igreja.

3.5. Pureza Na Vida De Solteiro; Pureza Depois De Casado

Terapeutas sexuais ponderam que uma pessoa que aprendeu a controlar seus impulsos sexuais quando solteira, saberá conter-se depois de casada. Enganam-se os que pensam que, depois de casados, seus desejos sexuais ficarão plenamente satisfeitos.

Ao contrário, a vida sexual plena possibilita que os hormônios trabalhem com mais intensidade, e os desejos por afeto e carinho sexual aumentam. Por isso, ninguém deve casar para resolver problemas sexuais; o sexo é apenas um dos componentes da vida matrimonial, mas não o único.

Pesquisas revelam que uma mulher sente-se muito bem quando é amada e desejada, e a mulher sente quando seu marido a procura porque a ama e lhe quer bem, e não porque deseja "descarregar" suas tensões sexuais. O ato sexual, neste caso, é secundário.

A pessoa que mantém uma vida de santidade quando é solteira, não terá dificuldades em se disciplinar depois de casada.

Os místicos da igreja não tinha o mesmo apelo visual como os que se têm nesses dias, e no entanto, descrevem a tortura que sentiam para se manterem puros em sua luta contra as tentações sexuais.

Mesmo naquele ambiente, inimaginável dos dias atuais, quando a vida do místico se resumia à cela onde dormia, ao jardim que cultivava e a cozinha onde trabalhava ele era tentado por suas paixões, e sentia a presença do pecado aflorando na mente, no corpo e no espírito.

Diferentemente do ambiente de hoje cercado de informações globalizadas, violentas e cheias de hedonismo, tão fortemente presentes nas igrejas. Juan Arintero em *La Evolución Mistica*, livro que trata da mística na igreja, disse a esse respeito: "*Até as próprias paixões se desencadeiam, mostrando-se mais vivas e agitadas do que nunca; quanto maior o perigo, com maiores anseios fito os olhos na luz da fé, clamando com o coração despedaçado: Senhor! Salva-nos. Perecemos! (Mt 8.25). A santificação não é obra de um dia apenas, mas de toda a vida e não se consegue obtê-la na força da carne, mas com humildade e paciência, perseverantes na oração e na confiança em Deus.*" (ARINTERO, Juan, La Evolución Mística, Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1954, pp 416-418).

Isso que o universo dos místicos se resumia a poucos lugares do convento: a cela, onde estudavam e dormiam, a capela, o refeitório e a horta. Era um universo pequeno. Trancados em conventos, qualquer pensamento ruim gerava grande culpa. Eles não viviam, como hoje, expostos aos apelos sexuais diários, mas enfrentavam os mesmos tipos de problemas, tendo que resolver as tentações sexuais como cada mortal nos dias de hoje.

O pecado passa a exercer seu domínio sobre o homem quando esteja deixa de viver intimamente com Deus. O ministro que subjuga seu corpo em jejuns, orações, retiros espirituais, que vive intensamente a busca de uma maior comunhão com Deus, que tem bons amigos, consegue vencer qualquer área de tentação em sua vida, especialmente na área sexual.

Os místicos contam que sofriam terríveis tentações sexuais nos momentos em que buscavam maior intimidade com Deus. Tinham visões nessa área, sentiam o corpo arder em desejos e lutavam em oração e jejuns para dominar o corpo da carne.

Por que alguns pastores levam a vida como se não existisse tentação na área sexual, como se não tivessem que enfrentar o orgulho que os assola, nem tivessem que lutar contra o desejo de fama e de posição de autoridade? Esses solitários, muitas vezes conseguem esconder o pecado nessas áreas, e cedo ou tarde cairão nas mesmas falhas que procuram encontrar nos membros de suas igrejas.

Muitas das moças crentes que se tornam mães solteiras foram vítimas de abuso sexual de líderes de igreja, daqueles zelosos pelos bons costumes e aparências. São obreiros que têm um discurso de santidade, mas vivem na prática do pecado. Por isso a palavra é tão clara: "*Tais cousas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; todavia não têm valor algum contra a sensualidade... Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva...*" (Cl 2.23 e 3.5). Quantos pastores gostam desse "culto de si mesmo", dessa "falsa humildade"?

Alguém contou sobre certo pastor que mantinha um olhar fulminante sobre a igreja e os pecadores; as irmãs o respeitavam por sua moral, os homens o viam como um homem de Deus, até que descobriram que ele estava vivendo com a regente do coral há vários anos. Como isso pode acontecer?

3.6. Diálogo Sobre Sexo Com a Esposa

Ela é a melhor companheira para ouvir e sentir o que passa em sua vida. A esposa do obreiro costuma ter um faro apurado, e percebe quando alguém dele se aproxima com segundas intenções. Por isso a Bíblia fala que ela é "auxiliadora", "mulher idônea".

Paulo aborda esta questão da comunicação sobre questões sexuais entre marido e esposa, quando afirma que eles não devem se separar, a menos que haja um acordo entre eles, para que separem um tempo para oração. "*Não vos priveis um ao outro, salvo talvez, por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência*" (1 Co 7.5).

A constante abstenção sexual entre marido e mulher é caminho fácil para a tentação do Diabo. Por isso, marido e esposa devem conversar sobre suas dificuldades, tentações, e privações sexuais entre eles.

Questão para reflexão: Deus realmente se preocupa com minha sexualidade? Se de fato é assim, por que tenho tantos problemas nesta área?

Centralidade da reflexão: O sexo é um presente de Deus. Considere, sempre, que suas reações neste campo se devem a esta capacidade de reação do corpo e da mente. O mesmo Deus que lhe capacitou sexualmente haverá de ajudá-lo nesta área.

TAREFAS DO DIA A DIA DO MINISTRO

Neste capítulo o estudante se defrontará com algumas tarefas pessoais que acontecem no dia a dia do ministério. Em módulo separado foram abordados os temas da oração e do estudo da palavra de Deus – duas coisas importantes na vida diária de um ministro. Nesta parte do estudo o aluno verificará sobre a importância da administração de seu tempo, de como deve organizar sua agenda diária, seus compromissos, folgas e o tempo necessário para a preparação de sermões.

1. ADMINISTRANDO O TEMPO

O dia tem vinte e quatro horas para quem vive em qualquer parte do mundo, mas algumas pessoas precisariam de trinta horas ou mais no dia para levarem a termo seus compromissos.

Existem também diferenças culturais na maneira como cada povo administra o tempo. Tanto os ministros daqui quanto os de outros países dispõem do mesmo tempo para dar cabo de suas responsabilidades. Também existe uma sensível diferença entre um ministro do evangelho que reside numa cidade pequena e pastoreia um pequeno rebanho, daquele que pastoreia uma grande igreja numa cidade grande.

Não se propõe aqui ensinar o ministro a fazer uma agenda que lhe deixe "engessado" sem ter tempo para coisas que acontecem inesperadamente, no entanto, é necessário um mínimo de organização diária se ele quiser aproveitar bem o tempo. Um obreiro que pastoreia numa cidade grande e uma igreja de tamanho regular, pode dispor de uma secretária, ou de algum irmão ou irmã que trabalhe voluntariamente como seu auxiliar.

Geralmente, os pastores mais velhos usam os mais jovens ajudando-lhes nas atividades e na secretaria da igreja. Pode-se crescer ministerialmente ajudando o pastor, aprendendo a organizar a agenda de endereços particular dele e da esposa, os endereços de igrejas da cidade, etc. Fazendo estas coisas desafoga-se o trabalho deles.

2. ADMINISTRANDO O TEMPO PARA O PASTOREIO

Quando a igreja cresce, o *primeiro* obstáculo ao bom pastoreio é se tornar um pastor apenas administrativo. O que se vê hoje na maioria das igrejas são pastores envolvidos demasiadamente na administração da igreja, correndo de um lado pro outro, esquecendo-se de sua função principal que é a de conduzir o rebanho do Senhor.

Pastores há que correm contra o tempo pagando contas, enfrentando filas, etc. perdendo o tempo com questões que um auxiliar ou um bom administrador poderia realizar.

Pode-se ter pessoas capacitadas na administração dos recursos da igreja, um dom bem especificado por Paulo em Romanos 12.8: "O que preside (faça-o) com diligência". Administrar é tarefa de administrador.

Pode acontecer de o pastor titular ser um bom administrador, neste caso, ele pode utilizar os que têm dons de pastoreio para cuidar do rebanho.

Via de regra, quando um obreiro se envolve em questões administrativas tem a tendência de abandonar o cuidado das ovelhas. No entanto, deve haver o cuidado para não gastar o tempo somente com coisas administrativas, do contrário, não sobrará tempo para se dedicar à palavra, oração, visitação, preparação de mensagens e estudos, aconselhamento e tudo o que envolve o dia-a-dia pastoral.

A *segunda* tentação é a de se tornar um pastor virtual. Com o avanço da tecnologia, as informações chegam com rapidez, e o

computador e os sistemas de informática podem ajudar, mas também atrapalhar no relacionamento do pastor com os membros da igreja.

Afinal, de seu gabinete, utilizando uma máquina o pastor acessa as notícias mundiais, e em poucos minutos fica a par do que acontece no país e no mundo.

O computador agiliza o pagamento de contas – tudo pela Internet – canta parabéns a você para os membros que aniversariam naquele dia, envia mensagens a todos os membros, boletins, avisos, etc. No sábado o boletim da igreja já aparece nos E-mails de todos os membros, que ficam sabendo o que acontecerá no culto de domingo. Se por um lado é prático, por outro pode servir de laço para esfriar os relacionamentos.

Mesmo em cidades menores, no distante interior do país, estes recursos tecnológicos estão se tornando cada vez mais disponíveis. Em alguns lugares o pastoreio tornou-se uma tarefa virtual, seja pela máquina computadorizada ou pelo telefone.

Percebe-se que a nova geração de ministros tende a se tornar escrava da tecnologia e da Internet. Hoje, certos pastores passam a maior parte do tempo conversando "on-line" com amigos, respondendo perguntas... E isto também é desgastante.

Porque na telinha do computador aparecem programas de rádio, de tevê, coisas para se pesquisar que podem afastar o pastor de suas principais prioridades.

A comunhão entre irmãos e seus pastores não pode dispensar o calor de um abraço, do toque, do cheiro humano, bom ou ruim, e o pastoreio virtual isola as pessoas umas das outras, inda que se falem pela Internet, não se sente o mesmo calor de um café e de uma refeição compartilhada.

Quando a pessoa tem um chamamento para pastorear, evangelizar, cuidar, ministrar, pregar, ensinar, seja o que for, deve ser fiel ao seu dom e ao serviço que Deus lhe designou fazer. "*Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério (serviço),*

dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria" (Rm 12.6-8).

Qualquer trabalho requer qualificação em alguma área. Requer fé, dedicação, aperfeiçoamento, liberalidade, diligência e alegria.

Agora, quando Deus vocaciona alguém para ser um administrador, deve se enquadrar perfeitamente na categoria dos que presidem ou lideram. Na prática, contudo, o ministro aprende a fazer um pouco de tudo.

3. Administrando O Cuidado Com O Rebanho

No ministério pastoral, os membros da igreja e a salvação dos perdidos devem ocupar o centro de nossa atividade todo o dia.

Davi foi escolhido para ser pastor do rebanho de Deus, a nação de Israel, porque desempenhou muito bem sua tarefa como pastor de ovelhas. "*Procura conhecer o estado das tuas ovelhas e cuida dos teus rebanhos*" (Pv 27.23). Um ditado popular afirma que o boi engorda sob o olhar do dono.

Muitos são os pastores que já não mais pastoreiam o rebanho alimentando e cuidando das ovelhas, e suas igrejas tornaram-se, apenas, um montão de gente religiosa que se acostumou a uma rotina semanal litúrgica. Quando o pastor tem comunhão com Deus, o rebanho engorda.

Paulo afirmou: "*Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue*" (At 20.28-29). O pastor deve cuidar bem de sua tarefa pastoral. Paulo acrescenta que "lobos vorazes", não pouparão o rebanho.

A pergunta, "o que fazer, quando não se tem nada para fazer?", perde sentido, porque o homem de Deus quando não está fazendo, está sendo. Os membros da igreja precisam saber que o

pastor, quando não está em atividade no campo, está em atividade com Deus. Antes de fazer, ele é. E o ser é mais importante para Deus do que o fazer. Como administrar as horas do relógio? Com bom senso e equilíbrio.

Apesar da rapidez que a tecnologia oferece, nada pode ofuscar a comunhão espiritual do ministro e Deus. Nem mesmo os bons livros, bons programas de tevê ou de rádio, nem o que de bom existe na WEB – rede mundial de computadores – deve atrapalhar e se tornar obstáculo à sua comunhão com Deus. Como já mencionamos, a vida de oração e de estudo fazem parte de nossa comunhão com Deus.

Deus valoriza o obreiro pelo que ele é, não pelo que ele faz. Deus possui critérios diferentes para medir o sucesso da atividade de seus obreiros; certamente, ele não mede o sucesso do ministério de alguém pela muita atividade e pela correria diária, mas pela obediência à vontade dele.

O profeta Ezequiel fala de dois tipos de sacerdotes: os que se ocupavam apenas das atividades do dia-a-dia junto ao altar de sacrifício e os filhos de Zadoque que tinham acesso à presença de Deus (Ez 44.1-19). A lição espiritual deste texto deve ser motivo de reflexão espiritual.

4. Administrando A Visitação Pastoral

Uma igreja pode se acostumar tanto com a visitação pastoral que ficará dependente da visita do pastor para continuar freqüentando os cultos.

Assim, é preciso pastorear a igreja e cuidar bem do rebanho sem viciar a igreja na visitação pastoral. Mas como? Pesquisando a origem das visitações pastorais, descobre-se que o costume da visitação tem sua origem no catolicismo romano. Isto porque o padre, isto é, o pároco local era sempre uma pessoa solitária, além de solteiro, e que, sem esposa e filhos para cuidar, tratava de visitar as pessoas e de cuidar da vida alheia.

Não apenas isto: aproveitava para fazer suas refeições na casa dos paroquianos, inteirando-se, através das visitas, do que ocorria entre os membros da comunidade. O mesmo costume permanece na igreja evangélica, só que os pastores são casados e têm famílias para cuidar. Esta prática criou crentes dependentes que dependem da visita pastoral para comparecerem aos cultos. Se o pastor não visitá-los, não vão ao culto seguinte.

Os irmãos devem ser menos dependentes emocionalmente do pastor e assumir com maior responsabilidade sua vida de fé, de compromisso com Deus e com a igreja. Não se deve fazer da visitação pastoral uma regra de fé ou de fidelidade ministerial. Felizmente, este costume, aos poucos vem sendo alterado pelo próprio estilo de vida do povo que foi se modificando no decorrer dos anos. O cuidado pastoral é necessário, mas não pode deixar vícios e trazer dependência espiritual aos crentes.

Nas cidades de porte médio e grande, a maioria das pessoas trabalha fora, retornando só à noite, além de que a televisão mudou totalmente o estilo de vida das pessoas. Hoje, mulheres e homens ficam grudados ao que acontece na telinha, ignorando até a presença do pastor. Por isso, o cuidado pastoral deve se ater às necessidades mais urgentes dos membros da igreja, do que apenas visitar, por visitar. Os homens de Deus têm mais coisas a fazer do que ficar contando e ouvindo "casos" dos membros da igreja, e ouvindo os programas que a família está vendo na tevê.

A seguir algumas orientações para que o ministro cuide de alguns detalhes nesta questão:

a) O obreiro deve manter um o senso de autoridade pastoral. Quando um pastor se submete aos vícios congregacionais, tende a perder sua autoridade. A autoridade que recebe de Deus é que lhe capacita a exercer um bom pastoreamento.

b) Deve separar o importante do comum. Alguns irmãos exigem a visitação pastoral porque querem conversar e encher o tempo, já que não têm nada a fazer. Estes, muitas vezes vão ao

gabinete pastoral, apenas porque querem gastar tempo e conversar. Outros, no entanto, carecem de atenção, especialmente quando estão enfrentando problemas em casa, ou problemas pessoais. Mesmo assim, deve utilizar o gabinete pastoral com sabedoria, e deve procurar trazer o membro da igreja para a "área" do pastor, seu gabinete, para conversar.

c) O obreiro deve usar o tempo que dispõe para o treinamento de novos discípulos. Se tiver que visitar alguém, deve fazê-lo com produtividade, ensinando a palavra de Deus, usando lições bíblicas ou discipulando as pessoas. Uma hora de estudo bíblico e oração surte grande resultado. Assim, todo tempo é usado na formação dos irmãos e obreiros da igreja.

Neste caso, deve ensinar a igreja sobre como é importante aprender a viver a vida cristã sem depender de uma visita semanal. Deve deixar os irmãos cientes de que, sempre que necessário estará disponível para visitar e abençoar cada membro da igreja. Bastam os problemas de relacionamento entre casais, entre os membros, e as dificuldades que lhe ocupam a maior parte do tempo. Gastá-lo com visitações, apenas por visitar é lançar fora o precioso tempo que Deus lhe deu.

5. Administrando O Tempo Na Preparação De Sermões

A administração do tempo na preparação de sermões é tema tratado com mais detalhes no capítulo sobre a vida de estudo do pastor. Ali foram colocadas algumas dicas de como se pode estudar a palavra de Deus de maneira progressiva e inteligente.

Ao pregador itinerante basta meia dúzia de sermões, pois costuma pregar a mesma mensagem em lugares diferentes, diferentemente do pastor local que tem de esforçar para dar alimento semanal ao seu rebanho. Este não se sente bem repetindo mensagens, e o rebanho a cada semana parece faminto de uma nova palavra de Deus. O pastor local age como o padeiro, tirando do forno pão novo todos os dias e não apenas nos fins de semana. Sua "fonte" de mensagens tende a secar mais rapidamente do que se imagina.

O pastoreio do rebanho é desgastante, pois a todo momento o ministro tem de resolver problemas administrativos e de relacionamentos, e estas coisas drenam sua energia criativa. Depois de gastar horas aconselhando pessoas e resolvendo problemas, sente-se seco e sem criatividade para novas mensagens. É neste ponto que precisa parar com tudo, separando-se para ouvir de Deus que o revigora espiritualmente.

5.1. Aprendendo A Usar As Escrituras Como Fonte Inesgotável De Mensagens

A disciplina da oração e do estudo da palavra revigoram espiritualmente o obreiro e mantêm aberto canal para a preparação de novos sermões, pois o envolvimento demasiado com o povo pode sutilmente distanciar o ministro de Deus.

A disciplina do estudo diário alimenta o obreiro e o capacita a alimentar o rebanho. Um plano de leitura bíblica anual em que o obreiro lê sistematicamente as escrituras durante o ano é um bom começo.

Na disciplina da leitura diária da Bíblia o ministro se depara a todo momento com novas mensagens, pois os temas bíblicos têm mensagens e orientações para todas as situações que o homem enfrenta. A Bíblia é Deus falando ao homem.

5.2. Lendo Bons Livros

Não qualquer livro, mas os melhores. Existem muitos livros à disposição dos obreiros. Se o pastor desenvolver o hábito de ler livros, aprenderá a distinguir livros de livros. Existem livros de quatro categorias: ruins, bons, ótimos e excelentes. E os livros servem de fonte de inspiração para novos temas. Pode-se ter prateleiras cheias de livros sobre a família, por exemplo, e dentre todos alguns são obra de excelência. Pode-se ter livros sobre sermões, e nem todos os sermões se aplicam à vida diária da igreja que se pastoreia.

No entanto, quando o obreiro pregar sobre um assunto que leu em determinado livro, deve ser sincero diante da congregação. Por exemplo, o obreiro pode começar dizendo: "Li um livro que me deixou fascinado pelo tema. O autor, fulano de tal, no livro..." e passa a falar do tema. John Stott afirmou: "*Se você tomar emprestado de alguém, dizem que é plágio. Se tomar de milhares, chamam-no pesquisa*". (STOTT, John, *The Preacher`s Portrait* (O formato do Pregador), Erdmans, oitava edição, 1981, p 17).

5.3. Desenvolvendo Um Senso De Observação

Os sermões de Jesus eram o resultado de suas observações sobre a vida das pessoas, da natureza, da política e economia de seu país. Ele podia falar de flores e compará-las às vestes de Salomão. Falava de uma parreira de uvas e a comparava ao relacionamento dele com os discípulos.

Falava de um filho que saiu a viajar para gastar sua herança e do que ficou em casa e não aproveitava do que lhe era direito. Comparava uma mulher à cata de uma moeda, ao próprio Pai à procura de um filho perdido. Eram cenas que ele presenciava diariamente e outras que conhecia da história de seu povo.

Ao falar da importância da oração, usou a ilustração da mulher que batia todos os dias à porta do juiz pedindo que julgasse sua causa. Basta ler os sermões de Jesus, suas parábolas e exortações que o Senhor sempre calcava o que ensinava em cima de alguma coisa que ele observou.

Nem sempre a igreja precisa ouvir sobre temas teológicos; isto é bom, mas deve ser ensinado em momentos especiais. O povo precisa de coisas simples que afetam diariamente sua vida.

As galinhas comem ração de milho todos os dias e é tudo de que precisam. O homem precisa sentir que a palavra de Deus atende suas necessidades atuais.

Algumas das palavras das Escrituras são de difícil entendimento, porque foram ilustrações tiradas da vida do povo naqueles dias. Como entender a parábola das virgens, ou a das

vestimentas em uma festa e como entender ser lançado para fora onde há terror e medo nos dias atuais?

Assim, criam-se novas parábolas para ensinar o rebanho de Jesus Cristo. Parábolas atuais, como a águia e a galinha, ilustram duas espécies de aves que podem voar, mas só uma alcança as alturas.

No hemisfério norte a mesma parábola é entre o peru e a águia, mas no Brasil, comparar alguém ao peru é uma grande ofensa.

5.4. Criando Pastas Ou Arquivos Para Armazenar Dados

Apesar do surgimento dos computadores, a antiga maneira de se arquivar dados sem o medo de perdê-los atacados por vírus virtuais é em papel mesmo. (A não ser que se more em zona de risco onde os cupins furam enciclopédias de A a Z).

Entende-se que a tecnologia aperfeiçoou a forma de se arquivar notas, sermões e informações de maneira segura, em minúsculos objetos que não ocupam espaço, no entanto, no decorrer dos anos o mesmo objeto que hoje é moderno estará ultrapassado e não se encaixará em sistema computadorizado algum.

O estudante pode optar pelo arquivamento de informações de várias maneiras.

a) Pastas aéreas. Arquivos em que se podes armazenar por classificação em ordem alfabética; aquelas pastas dependuradas em gaveteiros. Ali se podem armazenar os sermões pregados durante o ano, classificados por temas ou pela data em que foram pregados. Desta forma, anota-se na parte superior do sermão o dia e onde foi pregado, o que evita que o sermão seja repetido na semana seguinte para o mesmo auditório.

b) Pastas fixas. São pastas em que se guardam recortes de jornais, anotações ouvidas em seminários, pregações de outros autores, etc. Por outro lado, além do gaveteiro com pastas

suspensas, o ministro pode optar em guardar seu material em pequenos baús. É que o velho baú encolheu, e agora acomoda pastas em forma de CDs, DVDS ou o que surgir pela frente nos próximos anos. O velho baú a que Jesus se referiu de onde o se pode tirar coisas novas e antigas encolheu, acomodando esses pequeníssimos objetos. "*Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas*" (Mt 13.52).

É recomendável que periodicamente – quem sabe a cada dez anos – se revise os sermões, rasgando os que não têm mais valia, e guardando aqueles que entende serem importantes para o futuro. Pode-se usar sermões antigos, mas estes devem ser constantemente atualizados.

c) Memória do computador. Este tem sido o método moderno de armazenamento. É fácil e prático. Pode-se colher dados, anotá-los e guardá-los em arquivos dentro da máquina. Basta acessar o computador para ter acesso ao material arquivado. Arquivos com frases célebres, ilustrações, histórias, estatísticas, etc. Hoje o computador ajuda a eliminar a grande quantidade de papéis, com um grande risco: Pode-se perder tudo em segundos. Por isso é sempre bom manter cópias reservas dos arquivos em disquetes ou CDs. Atentando para que material não caia em desuso perdendo-se toda uma história.

O dia a dia do ministério pastoral é desafiador. Certos ministros precisam dispor de ajudantes e secretários para manter seu gabinete funcionando.

6. Atentando Para Não Esquecer A Folga Semanal

Este tema é abordado no capítulo que trata da vida familiar do obreiro, e deve ser enfatizado e repetido aqui. O obreiro precisa reservar um dia da semana para descansar, se possível, num dia em que toda a família tenha condições de participar. Os missionários vindos do hemisfério norte implantaram aqui a segunda-feira como dia de folga, mas nem todos concordam que este seja um bom dia para se descansar.

Os que refutam a idéia da segunda-feira como dia de descanso alegam que é um dia impróprio, especialmente quando se tem filho pequeno. Geralmente os filhos estão na escola a maior parte do dia, e tudo o que é bom para que os filhos participem não funciona às segundas-feiras, como parques de diversão, teatros, etc. Em algumas cidades os museus e locais de lazer fecham as segundas-feiras.

Outra razão para que o dia de folga não seja na segunda-feira vem da afirmação de um médico de que neste dia existe um acúmulo de coisas do fim de semana, especialmente do domingo que precisa ser resolvido.

O doutor Archibald Hart que escreveu sobre adrenalina e estresse acredita que, na segunda-feira, "*há maciça carga de adrenalina, deixando o pastor cansado, irritável e levemente oprimido*" (*IN* Leach, Willian F. *O Pastor Pentecostal*, CPAD, p 69).

Além de que, na segunda-feira certas questões administrativas precisam ser resolvidas, especialmente financeiras. É preferível encontrar um dia em que toda a família participe, mas como o domingo é todo usado nas atividades da igreja, para alguns, o sábado parece ser a melhor ocasião.

Questões para reflexão: O ministro deve se perguntar se aprendeu a fazer uma agenda de atividades semanais. Depois disto, perguntar-se novamente se a agenda funciona. E ainda fazer a si mesmo uma última pergunta: A agenda semanal me deixa escravo do trabalho ou disponho de espaço para ouvir de Deus e do Espírito Santo?

Centralidade da reflexão: Uma agenda de compromissos ajuda o obreiro a colocar em ordem suas atividades semanais, pois é possível dedicar tempo a coisas inúteis e sem proveito deixando-se de lado o que é necessário e produtivo.

ATIVIDADES – LIÇÃO I

➢ Marque "C" para Certo e "E" para Errado

1) ☑ Pode-se ter uma vida de plenitude sexual em santidade sem quaisquer conflitos, e quando estes existem, precisam ser resolvidos pelo obreiro.

2) ☑ Traduzindo o hebraico de forma rudimentar, pode-se afirmar que Deus criou seres que se encaixam sexualmente, como macho e fêmea.

3) ☐ Pedro dá a entender que a relação sexual e o relacionamento entre esposo e esposa é algo que transcende a compreensão humana, isto é, vai além do conhecimento natural e humano. Ele faz questão de dizer que a quebra de relacionamento entre marido e esposa (brigas, discussões, separação, etc.), implica automaticamente na quebra de relacionamento do homem com Deus.

4) ☑ Terapeutas sexuais ponderam que uma pessoa que não aprendeu a controlar seus impulsos sexuais quando solteira, saberá conter-se depois de casada.

5) ☐ A constante abstenção sexual entre marido e mulher é caminho fácil para a tentação do Diabo. Por isso, marido e esposa devem conversar sobre suas dificuldades, tentações, e privações sexuais entre eles.

6) ☑ No ministério pastoral, os membros da igreja e a salvação dos perdidos devem ocupar o centro de nossa atividade todo o dia.

Lição II

O Ministro e Seu Gabinete
O Ministro no Púlpito

O MINISTRO E SEU GABINETE

O obreiro precisa pensar seriamente em ter um espaço para estudo da palavra e outro para atendimento das pessoas que o procuram. Quando não for possível ter dois espaços, um para estudo e outro para aconselhamento, o obreiro deverá coordenar o tempo para que o peso entre o estudo e o pastoreio não seja desigual.

O espaço físico pode ser adaptado em qualquer igreja, seja ela grande ou pequena, esteja no longínquo interior ou no lugar mais remoto do país.

O importante para o obreiro é ter um espaço em que sua privacidade e a privacidade das pessoas seja mantida. A seguir são apresentadas algumas propostas que podem ser ajustadas à realidade de cada cidade e de cada igreja.

1. ENCONTRANDO O LUGAR APROPRIADO

Um espaço físico necessário. No capítulo dois do segundo módulo, ao estudar sobre a importância da oração na vida do ministro, o estudante se deparou com Moisés que edificou uma tenda longe do arraial para ficar a sós e manter a comunhão com Deus. O texto dá a entender que a tenda era seu lugar de reflexão e de intimidade com Deus, e servia também como lugar de atendimento ao público. "*Todo aquele que buscava ao Senhor saía à tenda da congregação que estava fora do arraial*" (Ex 33.7).

Além de Moisés que se encontrava com Deus e atendia as pessoas numa tenda armada fora do arraial, a Bíblia apresenta o

caso de Débora, a profetiza, que "*atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim*" (Jz 4.4-5).

Não havia uma tenda, mas ela aconselhava as pessoas sob a sombra de uma palmeira, que ficou conhecida como "a palmeira de Débora". Entende-se que muitos pastores que não conseguem ter um gabinete fazem da sombra de uma árvore seu lugar de estudo e atendimento às pessoas.

Nem sempre é possível encontrar nos templos espaço adequado para um gabinete de estudo e outro só para aconselhamento. Geralmente o pastor estuda, aconselha e administra utilizando a mesma sala. E isto não é bom. O espaço para aconselhamento requer privacidade.

1.1. Evitando Trabalhar Na Sala De Casa

Em capítulos anteriores foi comentado que o pastor precisa de um local de privacidade para sua vida de estudo e oração, e na medida do possível, nunca em sua própria casa, a menos que seja grande o suficiente, e que haja ambientes separados para manter a privacidade do pastor e das pessoas que o procuram.

A experiência adverte que não se traga pessoas para dentro da intimidade do lar para aconselhamento. As pessoas ficam ali na sala, expostas a todos os que circulam pela casa nas atividades do dia a dia.

O pastor está conversando, e os da casa de ouvidos em pé ouvindo o que estão tratando. Isto tira a privacidade do aconselhamento.

O lar deve manter-se puro, e o obreiro deve manter sua família longe dos negócios da igreja e dos assuntos espirituais dos irmãos. Atender em casa não traz benefícios nem para o pastor nem para a pessoa que está sendo aconselhada.

Quando o gabinete de atender as pessoas é dentro da casa do pastor, muitas coisas podem acontecer, até mesmo ataques no

lar por parte dos demônios. Imagine alguém ficando possuído pelos demônios dentro de um apartamento. Ou numa casa de condomínio, berrando e chamando a atenção dos vizinhos.

Os demônios incomodam. Quando o ministro traz pessoas para dentro de casa os demônios que acompanham tais pessoas tendem a incomodar a família, deixando no lar um ambiente de opressão. As pessoas não crentes chamam estes acontecimentos de "energia negativa", mas são demônios mesmo. As crianças, por serem mais sensíveis, passam a ter pesadelos e visões. Caso seu lar seja o único e melhor local de aconselhamento, "cubra" a casa com muita oração e com a autoridade do Nome de Jesus Cristo.

O ambiente caseiro não é muito apropriado para o aconselhamento, porque a casa é um lugar informal, enquanto um gabinete junto ao templo pode permitir ao obreiro ser mais formal e sério. Nem sempre um ambiente de informalidade é bom para tratar assuntos sérios. O lar é lugar da privacidade da família, em que esposa e filhos têm ali o ambiente de estudo, de brincadeiras e podem se vestir com naturalidade. Quando se traz pessoas para dentro de casa, a família é constrangida a vestir-se mais formalmente para receber as pessoas. Até mesmo o pastor. Em casa, é lugar de liberdade até para usar a vestimenta que se quer.

2. A *Importância Do Gabinete Pastoral*

O espaço para oração, estudo e administração é importante, por várias razões. No caso do gabinete como local de aconselhamento é importante.

☒ **Primeiro,** porque preserva a privacidade de quem vem se aconselhar. Nem a esposa nem os filhos ficam a ouvir o que se fala. Quando o gabinete é na igreja, ou numa sala reservada só para isto, a pessoa que vem à procura de ajuda não fica tão exposta. Na sala da casa, ou no meio do templo, as pessoas circulam e ouvem o que se está falando. E interpretam até um pequeno gesto à sua maneira.

☒ **Segundo** porque a formalidade preserva a privacidade. Quando as pessoas entram num gabinete, se deparam com um ambiente sério, e não conversam banalidades. E sentem-se mais seguras quando a porta é fechada, porque não há "ouvidos" do outro lado da parede. Aí, sim, podem abrir seu coração.

☒ **Terceiro,** porque a formalidade do gabinete preserva a autoridade do ministro. Tanto este quanto a pessoa que está em busca de aconselhamento pastoral têm consciência de que está num lugar privativo. O pastor, quando aconselha no gabinete, pode exercer com mais naturalidade sua autoridade espiritual. O próprio espaço carrega em si a aura de autoridade.

2.1. Evitando A Aparência Do Mal

O ministro deve evitar aconselhar quem quer que seja numa sala totalmente fechada em que as pessoas que estão do lado de fora ficam a levantar suspeitas do que está ocorrendo lá dentro. O gabinete de aconselhamento, na medida do possível, deve ter uma janela ou parede de vidro para que as pessoas que estão do lado de fora vejam o obreiro e ou a pessoa que está sendo aconselhada, mas não ouvem o que eles estão conversando.

É recomendável que a pessoa que está sendo aconselhada sente-se de costas para a entrada, enquanto o pastor deve ficar olhando para a parte transparente, com isto, ele preserva a identidade de quem veio em busca de socorro espiritual. Isto permite, em muitos casos, que o ministro atenda uma senhora a sós, porque os que circulam pelo lado de fora percebem o que está ocorrendo lá dentro.

Aliás, é recomendável sempre que o líder se assente numa sala (ou até num restaurante) olhando para a porta, corredor ou salão da igreja. O obreiro passa a ter domínio de tudo ao seu redor. Até mesmo quando tem uma reunião informal no templo, ele deve ocupar uma posição que lhe dê visão ampla de quem entra no templo ou passa por algum dos corredores ao lado. Afinal, o obreiro é o pastor e guardião da igreja em todos os sentidos.

3. Separando O Lugar Da Administração Do Gabinete

O gabinete pastoral não pode ser o mesmo usado para a administração. Ainda que o espaço físico seja pequeno, é bom separar o gabinete de estudo e de aconselhamento do escritório da administração, especialmente porque as demandas dos órgãos governamentais e da sociedade requerem que os pastores sejam administradores de tudo.

No gabinete administrativo outras pessoas trabalham, e não devem ouvir o que se aconselha, além de que não é um bom lugar para o pastor estudar a palavra de Deus. Algumas igrejas contratam administradores que, sob orientação do líder fazem todos os trabalhos administrativos, liberando espaço e tempo para o pastor se dedicar ao rebanho, ao estudo e à oração.

Portanto, deve-se buscar uma alternativa que não conflita com o lugar de devoção, em que se tenha liberdade para orar, estudar e adorar, como Moisés, que "*costumava tomar a tenda e armá-la para si, fora, bem longe do arraial*" (Ex 33.7). Longe do barulho das tendas – dos telefones que tocam sem cessar, do pessoal que trabalha no escritório, etc.

As pessoas saberão que por trás daquela porta, o ministro ouve de Deus e decide o que é melhor para a vida do rebanho. As pessoas devem ficar cientes de que em certos horários não devem perturbar o pastor. Muitos líderes se deixam levar pela opinião do povo e por ele é premido. O líder faz a agenda e pastoreia o povo.

4. Preservando As Conversas De Gabinete

Quando se pede que um segredo seja mantido, fala-se em "boca de siri", isto é, que nada seja mencionado a ninguém.

O ministro é um depositário de informações, confidências e segredos que não devem ser partilhados, às vezes, nem com a esposa. Um trato de "mudez" deve ser mantido com a esposa em determinados assuntos. Ela também não precisa lhe relatar "tim-tim por tim-tim" o que certas irmãs conversam com ela.

Os párocos costumam levar a sério a confidência feita no confessionário. Esses tempos o noticiário apresentou o caso de umas imagens roubadas havia mais de 70 anos de um templo católico. Alguém, arrependido, confessou ao pároco, como e quem as roubara, e as devolveu. O comportamento do clérigo diante da polícia foi irrepreensível: recusou falar quem era o ladrão. O pastor, o médico, o psicólogo e o psiquiatra devem ser exemplos de ética, jamais revelando o que dizem as pessoas no gabinete.

Há que se ter cuidado para não revelar o que as pessoas conversam no gabinete pastoral. Algumas vezes, o obreiro deixa escapar no sermão ou numa conversa com amigos o que ouviu no aconselhamento pastoral, traído pela eloqüência, pela confiança e pela experiência, ferindo gravemente a alma da pessoa que veio em busca de socorro espiritual.

Neste caso, a seguir, o ministro pode entender as várias maneiras em que se é traído, não por outras pessoas, mas por si mesmo:

4.1. O Ministro Pode Ser Traído Pela Eloqüência

No calor do discurso e da pregação o obreiro é levado a cometer excessos. Muitas vezes, no calor da pregação, se lembra de um caso que ouviu no gabinete que se encaixa perfeitamente na ilustração do que quer explicar em seu sermão.

É constrangedor para um membro da igreja ouvir do pastor, numa pregação, aquilo que confidencialmente falou com ele no gabinete. Pode-se falar genericamente de casos, de algo que se leu, do que ocorreu em outro lugar, mas jamais citar casos ocorridos entre pessoas da igreja. Se possível, deve evitar citar casos semelhantes aos que recentemente ouviu no aconselhamento de gabinete.

4.2. O Ministro Por Ser Traído Pela Confiança

Às vezes o obreiro é tentado a compartilhar com a esposa os assuntos que tratou no gabinete ou nas decisões pastorais. A esposa tem uma amiga, que também tem sua amiga, e como a

igreja é lugar de amigos, em pouco tempo todos na igreja tomarão conhecimento das decisões íntimas do ministério ou do aconselhamento no gabinete pastoral. Ou fala "confidencialmente" a um colega do ministério, e logo todos estarão sabendo.

O ministro que direta ou indiretamente deixa transparecer o que ouviu em seu gabinete ou dá vazão aos murmúrios que existem entre o rebanho, vulgariza-se. As pessoas perdem o respeito por ele e de maneira alguma buscarão o pastor para um aconselhamento sério. O obreiro deve aprender a viver a vida comunitária, do corpo de Cristo, entrosado entre os irmãos, mantendo sempre um padrão de comportamento à altura de seu ofício.

4.3. Ele É Traído Pela Experiência

Muitas vezes, a pessoa que veio em busca de auxílio compartilha uma experiência pessoal, às vezes semelhante a alguma experiência nossa ou relata alguma experiência negativa, confessando suas dificuldades em superá-las. Ocorre que o que a pessoa relata é semelhante a alguma experiência que o ministro passou.

Reside aqui a tentação de partilhar com a pessoa aconselhada a experiência que teve. Sempre que uma experiência tiver um lado negativo, não é bom compartilhá-la como algo pessoal. Agindo assim o obreiro se expõe e se torna vulnerável.

Deve-se contar o caso como algo ocorrido com alguém de outra igreja, de alguma pessoa que compartilhou o problema num aconselhamento feito numa viagem, mas jamais como sendo dele. Quando o pastor compartilha a alguém no gabinete que conseguiu superar certo pecado, a igreja logo ficará sabendo.

4.4. Traído Pela Parcialidade

O ministro deve ser imparcial no julgamento. Tiago escreveu: "*A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento*" (Tg 3.17).

Seu gabinete deve ser "imparcial" no juízo. "*Não sereis parciais no juízo, ouvireis tanto o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for demasiadamente difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei*" (Dt 1.17).

Esta foi a recomendação que Moisés deu aos seus auxiliares: que julgassem cada caso sem mostrar parcialidade, fosse a pessoa rica ou pobre. O pastor não deve temer a ninguém na igreja, nem mesmo o que dá o maior dízimo. Este, se estiver em pecado, deve ser julgado na mesma medida do pobre.

Moisés não foi parcial na aplicação das leis, isto que ele era tido como última instância de julgamento. Quando o assunto chegava para seu parecer final e ele não sabia o que fazer, apresentava o caso a Deus, como aconteceu em três ocasiões. No caso das filhas de Zelofeade, Moisés não sabia como proceder e orou ao Senhor buscando solução (Nm 27.1-11).

Ele também buscou orientação de Deus sobre o que fazer com os que estavam impuros na celebração da páscoa (Nm 9.6-7). Moisés também não sabia o que fazer com os que foram vistos apanhando lenha no sábado. Deus deu a resposta (Nm 15.32-36).

É do gabinete pastoral, portanto, que saem as boas e as más decisões. Quando o obreiro estiver indeciso quanto a um assunto, e não souber o que aconselhar deve orar com a pessoa que lhe procurou para aconselhamento, ou acenar com a possibilidade de orar para ouvir uma palavra de Deus, e mais tarde dar seu parecer. É aconselhável, também, que o obreiro busque seus superiores para encontrar uma resposta sábia à pessoa que o procurou.

5. Levando As Pessoas A Se Sentirem Amadas

Um aperto de mão caloroso e uma palavra de oração no início do aconselhamento deixam as pessoas mais à vontade. Cada pessoa que procura o gabinete pastoral deve ser bem acolhida. Um pouco de cordialidade faz bem aos relacionamentos. Em regra geral, quando alguém se dispõe a procurar o pastor para aconselhamento

é porque tem algo sério a tratar. As pessoas querem se sentir amadas e protegidas, e buscam no pastor o braço amigo onde podem encontrar apoio. O obreiro deve tratar bem a todos os que lhe procuram, e com sinceridade acenar, com gestos ou palavras quando o aconselhamento chegou ao fim.

E deve manter cautela às pessoas que nada têm a fazer, que procuram o pastor para jogar conversa fora, gastando o precioso tempo que ele tem de administrar. Pessoas assim não contribuem com coisa alguma, sendo as que geralmente mais problemas trazem para o gabinete do pastor.

O gabinete pastoral deve ser visto pelos membros da igreja como um lugar de respeito e de confiança. Os irmãos aprenderão no decorrer do tempo que ali é o lugar de trabalho do pastor onde ele fala com Deus, estuda a palavra e ajuda as pessoas com seu conhecimento pastoral.

Questões para reflexão: Estou levando a sério a necessidade de um local para atender as pessoas, onde elas se sintam seguras? Estou levando a sério a necessidade de um local para estudo e oração?

Centralidade da reflexão: Quando as pessoas me procuram, devo tratá-las com amor e cuidado, evitando sempre que os assuntos que elas confessam no gabinete se tornem conhecidos das demais pessoas.

O Ministro No Púlpito

Bruce Thieleman conhecido pregador americano disse certa vez que "o púlpito chama os ungidos a si como o mar chama os marinheiros; e como o mar, ele agride e fere, e não descansa. Pregar, pregar de verdade é expor-se à morte um pouco toda vez e saber que cada vez o pregador terá de morrer de novo" (*IN* STOWELL, Joseph M. *Pastoreando a Igreja,* Editora Vida, 247).

O púlpito é a arma dos covardes, dizia um pastor, querendo afirmar com isto, que muitos pastores dizem no púlpito o que não conseguem dizer pessoalmente, por falta de coragem.

Neste capítulo o aluno estudará sobre quatro coisas importantes que devem ocupar a mente do pregador: Como usar o púlpito de maneira prática e objetiva, a teologia do púlpito, a metodologia e questão comportamental que norteiam o pregador.

Na primeira será abordado o conceito de "púlpito"; na segunda parte, a importância de se manter uma pregação sadia para a igreja.

Depois serão abordados os diversos métodos que um pregador pode usar para comunicar a mensagem divina, e por último o comportamento do pregador diante da congregação.

1. A Praticidade Do Púlpito

O púlpito exerce um fascínio sobre as pessoas, da mesma forma que um brinquedo sobre uma criança. Às vezes se observa como as crianças, nos cultos, ficam fascinadas diante dos

instrumentos de percussão, como a bateria. Quando o culto termina, elas correm para mexer nas baquetas e tocar os tambores. Parece, que, da mesma forma, o púlpito exerce certo fascínio sobre os pregadores. Estes anelam o púlpito como uma grande conquista.

Mas, para que serve o púlpito? Obviamente que o púlpito não carrega em si qualquer aspecto mágico apenas por ser um pedestal no local de reuniões ou no templo, e por estar localizado num lugar mais elevado a fim de que as pessoas consigam ver o pregador.

Este foi o recurso usado por Esdras e Neemias no Antigo Testamento quando o povo se reuniu durante a festa do sétimo mês, no retorno da Babilônia. Para poder ser visto pela multidão, e ficar acima dela, foi construído uma plataforma de madeira. "*Esdras, o escriba, estava num púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim (...) Esdras abriu o livro à vista de todo o povo, porque estava acima dele*" (Ed 8.4-5).

Se tivermos que pregar para o povo num lugar do mesmo nível da nave do templo ou do salão, as pessoas sentadas mais atrás não conseguirão ver o pregador, até o pregador de maior estatura tem a visão obstruída pelos irmãos sentados na primeira fila.

E os irmãos mais altos impedirão que os baixinhos vejam quem está à frente. E quando o pregador é baixinho não consegue ver o povo nem ser visto por ele.

Se não fosse com a finalidade de dar visibilidade ao palestrante, o púlpito nem precisaria existir. Jesus usou um lugar mais alto do monte como púlpito, para ser visto pelo povo: "*Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte*" (Mt 5.1), e de lá, mesmo assentado, pôde ser visto pelo povo. E noutra ocasião, "*entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões*" (Lc 5.3). A única maneira de ser visto e ouvido era do barco afastado da praia, porque a multidão o apertava.

Além de dar visibilidade ao pregador, por ser o lugar mais elevado, a voz de quem fala pode ser ouvida por todos, porque vem

de cima para baixo, permitindo que todos entendam o que o pregador está falando.

1.1. Conceito Errado De Púlpito

Muitos irmãos têm a falsa noção de que os lugares de reuniões sejam estes templos ou salões devem espelhar o modelo do tabernáculo, sendo o púlpito o lugar santíssimo, ou santo dos santos. Criou-se a idéia de o púlpito é uma espécie de local santíssimo, quando na realidade o que torna o espaço físico santo são os que nele se assentam. Assim como o local de reuniões que é santo, porque os que nele se assentam são, do ponto de vista bíblico, santos.

Não se pode perder de vista o aspecto profético e escatológico do tabernáculo e do templo que apontavam para Jesus e para a igreja. Jesus é o santo dos santos, e a igreja, o templo de habitação do Senhor.

Requer-se que ocupem lugar no púlpito apenas os santos, o que inclui todos os irmãos. Paulo dirigia-se aos irmãos, como "aos santos" de tal e tal cidade. "*À igreja que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos*" (1 Co 1.2). A igreja é o tabernáculo santo, o templo santo de Deus, a morada do Altíssimo; mas esta igreja não é um lugar físico, mas espiritual.

O que torna um "templo" santo são os santos, e não contrário. Um templo não faz dos membros, santos. Da mesma forma o púlpito só é santo, quando os que nele sobem são santos.

Pastores há que não permitem sequer que as crianças subam no púlpito porque é santo. Ledo engano. Se for um lugar santo, então quem tem direito de subir são as crianças, puras, inocentes e santas. O púlpito não torna mais santos quem nele sobe para pregar. A santidade é estilo de vida.

Os santos tornam santa a terra onde pisam com seus pés. Até mesmo um galpão rude de terra batida torna-se santo com a presença da igreja.

2. *Parte Teológica*

2.1. Lugar De Boas Palavras

O púlpito carrega em si mesmo uma aura de santidade na cultura ocidental, porque espera-se que dele emane a voz do pregador com ensinamento sadio para a igreja, e não lugar de brincadeiras de mau gosto. Paulo adverte a Timóteo que deveria manter linguagem sadia e de alto padrão, no púlpito e fora dele: "*Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus*" (2 Tm 1.13).

O padrão de sãs palavras deve fazer parte da vida de todo ministro, seja do púlpito ou numa sala de visitas. A linguagem rude, chula e baixa tira do ministro sua autoridade espiritual. A Tito Paulo recomendou: "*Fala o que convém à sã doutrina*". A palavra "sã", do grego *hugiaino* trata de saúde e de incorruptibilidade do falar.

As palavras devem comunicar o que é saudável às pessoas. É do púlpito que se transmite fé e segurança. Muitos pregam filosofias e ensinos de homens, mas devem pregar de tal maneira que produza fé no coração das pessoas. "*Como, pois, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue?*" (Rm 10.14 – NVI).

É, pois, pregando a palavra de Deus que se leva as pessoas a terem fé e a se moverem em Deus. E Paulo agrega uma boa-notícia a quem prega a palavra: até seus pés são formosos (Rm 10.15).

Não se deve usar o púlpito para ofender as pessoas e sim para se comunicar o amor e a misericórdia de Deus. O báculo ou o cajado do pastor é usado para apascentar as ovelhas e para bater no lobo. Uma pregação com linguagem rude e ferina machuca as pessoas; mas uma pregação cheia de amor levanta as pessoas e as ergue para Deus.

Paulo testemunhou que os gentios foram levados a Cristo por "*palavras e por obras*" (Rm 15.18). A pregação do evangelho produz fé no coração das pessoas. "*Disto também falamos, não em*

palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais" (1 Co 2.13). Pedro fala de alguns que usam de "*palavras fictícias*" para fazer comércio de pessoas (2 Pe 2.3).

Ele ensinou a Timóteo: "*Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes*" (1 Tm 4.16).

2.2. Lugar De Ensino

Os apóstolos eram firmes na palavra. "*Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor*" (At 15.35).

Se os pregadores ocupassem o púlpito para falar apenas a palavra do Senhor, pregando e ensinando, por certo teriam uma congregação responsiva e atenta às palavras do Senhor. Foi o que levou Paulo a permanecer um ano e seis meses em Corinto, "*ensinando entre eles a palavra de Deus*" (At 18.11).

Neste sentido, Paulo ensinava que o pregador ou ministro do evangelho não deve ter o sim e o não simultaneamente. "*Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não é sim e não*" (2 Co 1.18). E conclui que em Jesus sempre houve o sim.

Por isso afirma a Timóteo: "*Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina*" (2 Tm 4.1-2).

A palavra de Deus deve ter, pois, primazia do pregador. Paulo afirma que "*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça...*" (2 Tm 3.16).

Esta é a palavra de Deus que deve ser pregada, "*dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto*

é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios" (At 26.22-23).

2.3. Lugar De Palavras E Obras

A vida do pregador é importante. Antônio Vieira, pregador português, afirmava o seguinte: "*Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito é o conceito que de sua vida têm os ouvintes*".

E por que a mensagem não é eficaz, pergunta o autor. "*Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras (sem vida) são tiro sem bala; atroam, mas não ferem...*" (VIEIRA, Antonio, *Sermões*, Vol I, Lello e Irmão Editores, Porto, Portugal, p. 12 (Sermão da sexagésima, pregado na capela Real no ano de 1665).

Quando o ouvinte percebe que o pregador prega uma coisa e vive outra, que transmite um conceito e anda pela senda de outro, como haverá de mudar de vida? Como se converterá? Como fica a igreja cujos pastores têm belos sermões, mas não têm vida e suas obras os denunciam? "*Se a minha vida é a apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador, e outra o que semeia, como se há de obter fruto?*" (Ibid p 15).

O pregador tem que demonstrar obras e estilo de vida, para que a mensagem que prega seja frutífera. Para provar que é homem de Deus, não é necessário usar da eloqüência ou da capacidade de falar, pois os frutos de um ministério não são vistos logo no início, já que frutificar é ação do tempo, de maturidade e de estilo de vida.

Uma linda pregação pode ser apenas a ramagem da árvore, bela, mas sem frutos. Por isso é aconselhável que não use a pregação como meio de obter sucesso, e sim para transmitir estilo de vida. Não é a loquacidade que faz um bom pregador, e sim, outros fatores como, vida de oração, consagração, leitura, estudo

da palavra e respeito aos ouvintes; estas coisas fazem do pastor um homem aceito também no púlpito.

O verdadeiro ministro treme sempre que sobe no púlpito, diante da seriedade e da responsabilidade de sua missão. Pastores há, nada profusos na arte de falar, que no entanto possuem grande habilidade pastoral, capacidade para ensinar e muita graça de Deus no aconselhamento. Antes da palavra; as obras. Antes da eloqüência, o estilo de vida. O verdadeiro pregador é aquele cuja vida fala mais alto que suas mensagens. O ministério bem sucedido pode também ser exercido fora do púlpito.

3. A Parte Metodológica

A metodologia, dependendo do tipo de reunião pode se desmembrar em vários aspectos. Uma pregação tópica – serve quando o pregador utiliza uma palavra ou tema – serve bem para um culto em que a mensagem deve ser curta e direta, especialmente uma reunião evangelística quando se quer alcançar os perdidos. Uma pregação expositiva – quando se toma um capítulo inteiro para dele pregar – serve muito bem para estudos bíblicos e reuniões da igreja, e uma pregação textual, quando se usa apenas um texto, se encaixa perfeitamente quando se quer comunicar uma verdade. E o tempo pode variar para cada uma delas.

Na realidade, ao longo dos anos os pregadores vêm seguindo a escola socrática do discurso, a mesma que Pedro e Paulo utilizaram quando pregaram nos primeiros anos da igreja, pois os discursos daquele tempo seguiam o padrão dos filósofos greco-romanos. Hoje, existe uma tendência de se abandonar este modelo, utilizando-se técnicas modernas de conversação, sem o calor do discurso socrático.

O mais famoso dos pregadores, Antônio Vieira, português, que utilizava o estilo de Sócrates para pregar, traça algumas orientações importantes quanto ao tema.

3.1. A Matéria

Antônio Vieira fala sobre o conteúdo ou a matéria que o pregador apresenta. "O sermão", diz ele "há de ter um só assunto, e uma só matéria" (P. 19). Não se deve semear muitos tipos de sementes no mesmo sermão, ou nada se colherá. Ele diz: "*Se o lavrador semeasse primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio, milho, e sobre o milho cevada, que haveria de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis o que acontece aos sermões desse gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa... Por isso nos púlpitos se trabalha tanto, e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto para outro vento, que se há de colher senão vento? João Batista convertia muitos na Judéia, mas quantas matérias pregava? Uma só: a preparação para o reino de Cristo. Jonas converteu os ninivitas, mas quantos assuntos tomou? Um só assunto: a subversão da cidade. De maneira, que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto, e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão há de ser de uma só cor, há de versar um só objeto, um só assunto, uma só matéria.*" (p 20).

Como expressou alguém: percorre-se de Gênesis a Apocalipse, de Caim a João sem conteúdo algum.

Nem sempre o que se pretende pregar pode ser explicado em vinte minutos de pregação. Quando isto acontece, gera confusão; noutras bastam dez minutos sobre o tema e o assunto é entendido por todos. Algumas coisas não podem ser feitas às pressas. Pregar um assunto que precisa ser comprovado desde a base, em poucos minutos – em que há necessidade de se colocar o fundamento como numa construção – irá gerar inquietação e desordem mental nas pessoas. Outras vezes, prolongar-se demais num tema é afrontar a capacidade de compreensão dos ouvintes, como se fossem lentos para entender.

Os jovens costumam perder-se no púlpito tentando discorrer sobre temas vastos e grandiosos, perambulando pelas escrituras, como marinheiros sem bússolas, numa noite sem estrelas, buscando o Norte. E, enquanto vagueiam, os ouvintes mais

atentos e inteligentes os acompanham até certo ponto; depois, baixam suas âncoras, ignorando o que o pregador segue falando, pois sabem que, em algum momento ele vai dar contra as rochas e naufragar.

Quando se prega sobre o amor, deve-se decidir que tipo de amor falar: o de Deus, que redundou na morte de Cristo, ou o amor entre os irmãos. Se ao menos o pregador souber ligar João 3.16 a 1 João 3.16, tudo será perfeitamente esclarecido.

3.2. O TEMA

Viera ensina: "*Há de tomar o pregador uma só matéria, defini-la para que se conheça, dividi-la para que se distinga, prová-la com as escrituras, declará-la com a razão, confirmá-la com o exemplo, amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se há de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder as dúvidas, satisfazer as dificuldades, impugnar e refutar com toda a força da eloqüência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar... não nego nem quero dizer que o sermão tenha variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, continuar e acabar nela*" (p 20).

Pode-se contextualizar o sermão sem jamais fugir à verdade bíblica. Todo sermão deve ser trazido à realidade dos dias atuais, espelhando o problema do povo que os ouve, resolvendo seus questionamentos. O sermão deve gerar luz, e não confusão. Um pregador "loqüela" (desses que atiram para todo o lado) interpretava a parábola do Bom Samaritano da seguinte forma: "Os salteadores, são os ignóbeis demônios que maltratam e afligem o homem; o sacerdote representa o clero, pregadores que não sujam as mãos na tarefa de ajudar o próximo; o levita, seminaristas a caminho do clero, e o samaritano, Jesus. O óleo e o vinho, a palavra e o Espírito ministrados ao pobre no caminho, a hospedaria para onde foi levado, a igreja. Os dois denários, o Antigo e o Novo Testamentos; e a expressão "indenizarei quando eu voltar", a segunda vinda de Cristo. E alguém da platéia perguntou: "E o burro

quem é?". Uma voz responde no fundo do templo: "burro é quem inventou essa interpretação".

3.3. O Conhecimento

Outra coisa que Antônio Viera aborda é o conhecimento, ou ciência, e sobre pregadores que vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam, ele diz: "*O pregador deve pregar o que é seu, e não do alheio... eis aqui porque muitos pregadores não colhem frutos, porque pregam o alheio, e não o seu. Quando Davi saiu a campo contra o gigante, ofereceu-lhe Saul suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja Davi. As armas de Saul só servem a Saul, e as de Davi a Davi, e mais proveito tem um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não há medo que derrube gigantes.*" (p 22).

Sempre que alguém prega a mensagem gerada no coração de outro pregador, estará apenas repetindo palavras; quando a mensagem é forjada em seu coração, fruto de sua vivência espiritual e de seu conhecimento da palavra, o povo reage positivamente.

A mensagem engendrada no próprio coração tem vida, dinâmica, e ninguém melhor para saber o peso da mensagem que o próprio pregador.

É possível obter-se idéias nas mensagens que outros pregam, usar ilustrações que outros empregaram, mas pregá-las literalmente é apenas repetir algo que já foi falado. Assim, ninguém sente melhor o peso de seu sermão que o próprio pregador.

O pregador prepara a argumentação, arma o "laço" com que prende o entendimento de seu ouvinte. Sabe também onde a mensagem tem mais peso, alcança a profundidade do intelecto e sabe também quando é leve o suficiente para fisgar os que vivem na superfície.

Se a mensagem for copiada de outra pessoa, estará apenas na boca; se for gerada no coração, estará no intelecto e guardará sua forma original.

Cada discípulo preservou seu estilo. "*Mateus, fácil; João misterioso; Pedro grave, Tiago, forte, Tadeu sublime, e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada cláusula um raio, e cada razão um triunfo*" (p 24).

Paulo afirmou que o homem de Deus deve ser "*perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra*" (2 Tm 3.17) dando a entender que a mensagem que prega deve alcançar o entendimento do inculto e do culto. Deve estar preparado para falar a sábios, como Jesus e Paulo, que respondiam às perguntas que lhes faziam com grande sabedoria. Todo pregador deve ter uma visão panorâmica do texto, sabendo onde está inserido na história bíblica e na história universal.

Que pessoas ou acontecimentos históricos podem ser vistos paralelamente na história? Quando ele consegue situar seu tema na história, o texto que prega adquire mais força, evitando que fale absurdos.

O obreiro é também "designado pregador, apóstolo e mestre" (2 Tm 1.11). Assim, deve cultivar qualidades espirituais para levar as pessoas ao conhecimento de Deus.

4. A Parte Comportamental

O comportamento do ministro no púlpito afeta a mensagem e a receptividade dos ouvintes. Vieira, exemplo de pregador, aborda alguns aspectos que precisamos relembrar:

4.1. O Estilo

"*O estilo há de ser muito fácil e muito natural... porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte; na música tudo se faz por compasso, na arquitetura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte; caia onde cair. O trigo cai onde é lançado*" (p 16). Se entre espinhos, entre pedras, na beira do caminho ou na terra boa, onde a semente cai, nasce.

Assim, a pregação deve ser de maneira simples e natural, como quem joga a semente no campo. Naturalidade, com objetividade, porque a semente é lançada no rego ou na cova em que será plantada.

4.2. Cadência Ou Entonação Da Voz

As palavras ditas devem ter cadência, não devem ser escabrosas ou dissonantes, devem ser naturais. Pregadores há que falam de maneira gutural, arranhando a glote (e ficam logo sem voz) ou em monossílabos contínuos, sem altos e baixos. Nossa entonação de voz deve ter estilo. Pregadores que dão ênfase demasiada onde é necessário ser sóbrio e sublime; e são sóbrios e calmos onde deveriam erguer a voz e dar destaque à verdade que proclamam.

A entonação da voz exerce grande importância sobre o povo. A congregação reage ao timbre e à entonação da voz, podendo até mesmo ficar sonolenta. A voz estridente irrita os ouvidos do povo tanto quanto a voz tristonha. Deve-se aumentar o volume da voz quando é preciso enfatizar alguma verdade. Os alunos costumam ouvir de seus professores de homilética a história do pregador que anotou ao lado de seu sermão: "Gritar aqui - e fez uma seta indicativa - porque o argumento é fraco". Os jovens pregadores costumam começar suas pregações num tom muito elevado e, quando precisam da voz - já estão roucos.

4.3. Variedade De Expressões

Vieira diz: "*Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra há de estar negro; se de uma parte está em dia, da outra há de estar noite. As palavras devem ser como as estrelas, muito distintas e muito claras... no estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender os que nele sabem. O rústico (o homem do campo) acha nas estrelas os documentos para sua lavoura, e o mareante (navegador) para a sua navegação, e o*

matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante que não sabem ler nem escrever, entendem as estrelas, e o matemático que tem lido quantos escreveram não alcança a entender quanto nelas há. Tal pode ser o sermão: estrelas, que todos as vêem, e muito pouco as medem" (p 18). "*Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento a obra de suas mãos*" (Sl 19.1).

No meio de tanto conhecimento divino, o bom pregador saberá apontar para uma estrela específica – um tópico, um texto ou livro – e dará o destaque. Quando se olha um céu estrelado, fixa-se o olhar em algumas estrelas.

Assim, deve ser o pregador. Tem tanto a dizer; e mesmo tendo um grande conhecimento de Deus saberá apontar para um único fato e seus ouvintes o entenderão.

Assim, o púlpito não é lugar de se demonstrar conhecimento humano, mas o de Deus; tal qual as estrelas que "proclamam a glória de Deus", o pregador proclama o conhecimento divino. "*Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora...*" (Ef 3.10). Na realidade, o único conhecimento que deve ser destacado é o de Deus.

4.3.1. Provincianismos. Pode-se usar linguagem provinciana entre o povo de uma mesma província, mas jamais deve-se utilizar regionalismos em lugares onde o linguajar é diferente. Certos regionalismos podem soar, em alguns lugares do Brasil, como expressões inaceitáveis entre o povo, retirando da mensagem de Cristo seu grande valor, valorizando o que merece ser valorizado, como gírias populares.

Hoje com a globalização das comunicações o idioma também está se globalizando, mesmo assim, muitas expressões são incompreensíveis em certas regiões. Em alguns lugares o pãozinho é chamado de "cacetinhos", e ninguém se ofende. Pede-se o cacetinho e o balconista entrega o pão-francês. Noutros lugares, solicitar cinco cacetinhos é ofensa. Ou pedimos "negrinhos" e logo o balconista atende entregando "brigadeiros".

Expressões regionais não servem como meio de comunicação em alguns lugares. É necessário falar a linguagem do povo, sem baixar ou elevar demais o nível do português. De maneira proposital algumas palavras difíceis foram deixadas neste capítulo, para mostrar o que ocorre quando se prega a palavra de Deus do púlpito.

Deve-se comunicar a mensagem de Deus de maneira compreensível, evitando o uso de gírias, especialmente quando ainda não foram incorporadas no idioma do país. Algumas gírias tendem a desaparecer sem jamais fazer parte do vernáculo. E também termos difíceis como alguns usados neste capítulo que fazem o estudante recorrer ao dicionário.

4.3.2. Olhares e gestos. Sempre é bom ficar atento aos gestos, ao olhar, e aos vícios do falar. O pregador deve encarar sua platéia nos olhos. Não deve olhar a esmo. Deve fitar o povo, mas alguns pregadores costumam manter o olhar para um ponto perdido no horizonte. Ainda outros parecem sofrer de torcicolo porque mantêm o pescoço torto olhando apenas para um dos lados. Fixam o olhar numa pessoa, como se pregassem apenas para ela. Os olhos, a cabeça e os gestos do pregador devem indicar que está vendo todo o povo, sem se deter num ponto especial.

Outros se parecem a estátuas de aço, agarram-se ao púlpito enrijecidos, enquanto outros flexionam demasiadamente o corpo. Certo pregador afirmou que tendões frouxos podem significar argumentos frouxos.

4.3.3. Vícios. Alguns pregadores adquirem vícios ao longo da vida, como passar a mão no cabelo, gingar a cabeça, meter o dedo no nariz, piscar a todo tempo, etc. Alguns vícios que se adquire ao longo dos anos precisam ser eliminados. É bom observar quando se cai num destes vícios:

- ✓ ***Bater com os pés no tablado e dar murros no púlpito como recurso de espiritualidade e de poder***. Se barulho fosse sinal de poder, o mundo seria diferente. A palavra que pregamos atinge seu propósito por si mesma, pois, na afirmativa de Jeremias, é fogo e martelo que esmiúça a rocha (Jr 23.29). É seta que fere o

coração. No passado, os pregadores famosos não possuíam recursos como som ambiental e potentes caixas de som e microfones; liam suas mensagens, às vezes, pausadamente, no entanto as pessoas seguravam-se nos bancos com medo de caírem no inferno. A palavra de Deus é forte, não é necessário bater com as mãos ou com os pés. A ênfase pode ser dada com a voz e com os gestos.

- ✓ ***Mãos nos bolsos***. Outro vício é o de pregar com as mãos enfiadas nos bolsos, como se estivesse a brincar com algum objeto ali. Causa péssima impressão ver o pregador meter a mão dentro dos bolsos, além de que os ouvintes prestam atenção nestes detalhes e se distraem.
- ✓ ***Uso do lenço***. Outro vício é o uso contínuo do lenço. Alguns imitam o cantor italiano Pavarotti que canta segurando um lenço nas mãos. Esses são vícios que podem ser evitados. A menos que o pregador sue em demasia, deve evitar o uso constante do lenço.

Beber um pouco de água enquanto se prega umedece as cordas vocais, e impede que se fique rouco. Especialistas em voz recomendam o uso da água durante longas palestras para que se evite infecções de garganta.

Concluindo, pode-se afirmar que nem tudo o que ocorre neste relacionamento púlpito, pregador e auditório foi escrito de maneira exaustiva, permitindo ao estudante descobrir por si mesmo qualidades e defeitos que já incorporou ao seu estilo de pregador.

Questões para reflexão: Já fiquei irritado quando alguém me corrigiu sobre a maneira como me comporto pregando? Procuro me corrigir, espelhando-me no que é bom é agradável? Irrito as pessoas com minha voz e com meus gestos?

Centralidade da reflexão: Devemos estar atentos, para não incorrermos em práticas desagradáveis quando usamos o púlpito para pregar a palavra de Deus. Devemos nos vestir de maneira confortável, sem a intenção de chamar a atenção das pessoas sobre nós; e sim, levá-las a olhar para Jesus.

ATIVIDADES – LIÇÃO II

➢ Marque "C" para Certo e "E" para Errado

1)  O obreiro não tem necessidade em ter um espaço para estudo da palavra e outro para atendimento das pessoas que o procuram.

2)  Geralmente o pastor estuda, aconselha e administra utilizando a mesma sala. E isto não é bom. O espaço para aconselhamento requer privacidade.

3)  Há que se ter cuidado para não revelar o que as pessoas conversam no gabinete pastoral.

4)  O púlpito é a arma dos covardes, dizia um pastor, querendo afirmar com isto, que muitos pastores dizem no púlpito o que não conseguem dizer pessoalmente, por falta de coragem.

5)  O que torna um "templo" santo são os santos, e não contrário. Um templo não faz dos membros, santos. Da mesma forma o púlpito só é santo, quando os que nele sobem são santos.

6)  A palavra de Deus deve ter, pois, primazia do pregador.

Lição III

O Ministro: Carisma e Caráter
Observando o Padrão: Jesus, Exemplo Divino

O Equilíbrio Entre Caráter e Carismas

Caráter e carismas é tema importante que todo ministro deve entender, e esta lição tratará do equilíbrio entre caráter e carismas ou dons. Caráter é o resultado do acúmulo de dados que trabalharam na formação do indivíduo; enquanto carismas constituem dons ou qualidades que ele ganha ao longo da vida, neste caso especial que será tratado, trata-se dos dons espirituais que operam no crente e no ministro para o exercício da obra de Deus.

> *"Os gregos clássicos identificaram quatro virtudes cardeais: a sabedoria (ou prudência), a coragem, a temperança, a justiça. Essas são quatro virtudes do caráter e foram chamadas de virtudes cardeais da lei natural, porque se encontram em muitos sistemas de ética e de comportamento moral". (BICKET, Zenas, em O Pastor Pentecostal, CPAD, p 116).*

É comum que se dê maior valor, seja em nós ou nos outros, às manifestações do Espírito Santo e ao exercício dos dons e não ao caráter. É preciso entender que os dons espirituais são concedidos pelo Espírito Santo e que operam numa pessoa independentemente de seu caráter. Ocorre que muitos usam os dons espirituais para encobrir suas fraquezas de caráter, já que os dons, por serem do Espírito Santo, dão ao seu possuidor uma imagem bonita e de autoridade espiritual diante do povo, e podem servir para encobrir suas fraquezas, e até mesmo seus pecados.

1. CONCEITUANDO O TEMA

O caráter é o que distingue uma pessoa da outra sob o ponto de vista moral, intelectual e espiritual; é o conjunto de qualidades (boas ou más) que distinguem uma pessoa, um grupo, um povo ou uma nação. As pessoas costumam se referir a alguém de más qualidades como o "sem caráter".

Carismas (do grego χαρισμα (carisma), significa dom, dádiva, favor. Fala-se no carisma de alguém quando quer se referir aos dons especiais, como em Romanos 12.6: "*Tendo, porém, diferentes dons...*". Esses dons, ou carismas dão ao seu possuidor um toque de espiritualidade no exercício da vida cristã.

Via de regra, a pessoa que tem muitos dons espirituais confunde o que recebe do Senhor com aquilo que vem de sua formação em casa e no meio social. Valoriza os dons, e se descuida do caráter. Além de que é levada a polarizar certos aspectos do ministério em detrimento de outros.

Por exemplo, os que gostam de ensinar, enfatizam apenas o ensino e tendem a desprezar os demais dons. Os que têm dons espirituais de profecia costumam menosprezar o ensino agarrando-se apenas as manifestações do Espírito.

As ênfases numa verdade bíblica e o desprezo a outras é muito comum entre as pessoas, especialmente os pastores. Percebe-se isto em reuniões em que só há louvores e curas, e a ênfase é dada aos dons proféticos. Outras reuniões a ênfase é dada ao ensino, disciplina e ao uso da autoridade.

Esses extremos podem levar uma pessoa a ser obediente, sem fé; a viver em amor sem autoridade ou autoridade sem amor. Prende a pessoa a uma adoração só em espírito ou só em verdade, quando deve ser em espírito e em verdade.

Leva a pessoa a enfatizar que alguém tem de tomar sua cruz, mas não lhe instrui que a cruz só pode ser carregada com a

graça de Deus; o outro extremo é induzir as pessoas a viverem na graça de Deus sem levá-las a entender que a graça de Deus e a cruz são companheiras da jornada cristã.

2. O Caráter E O Juízo Vindouro

O Senhor Jesus deixou bem clara a questão de dons e caráter quando afirmou: "*Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade*" (Mt 7.22-23).

O Senhor não está condenando os que expulsam demônios e realizam milagres em seu nome; nem tão pouco se refere a pessoas não comprometidas com o evangelho, que usam do poder de seu Nome para fazer essas coisas.

Ele se refere aos que exercem os dons, mas vivem na prática do pecado, isto é, vivem na prática da iniqüidade. Expulsar demônios e realizar milagres é ordem do Senhor Jesus, e fazem parte da pregação do Evangelho. Jesus expulsou demônios e fez milagres.

Seus discípulos também. Paulo, muito mais. E Jesus está apontando o destino dos pregadores que têm dons, mas não têm caráter.

Muitos pregadores ficam receosos de mover-se nos dons espirituais com medo desta palavra de Jesus e se tornam pregadores mornos, sem dons espirituais algum, e esquecem que curar enfermos e expulsar demônios é mandamento de Jesus. Portanto, deve-se operar nos dons vivendo com caráter.

Estes que o Senhor Jesus afirmou que serão recusados no dia do juízo, não são bons exemplos para nós. Eles eram cheios de dons, mas viviam na prática da iniqüidade. Não é preciso ter medo de se mover na prática dos dons, quando se tem uma vida de santidade e caráter.

2.1. Exemplos Do Uso De Dons Sem Caráter

O melhor exemplo do uso dos dons sem caráter é quando a pessoa usa dos carismas para falar línguas, mas não abandona a mentira. Alguém se expressou afirmando que é preferível não falar "em línguas", falando a verdade; ou que se fale em línguas e não se fale da vida alheia. Uma pessoa pode ser cheia do Espírito Santo falando com Deus e falando bem do próximo. Por isso Paulo pede que deve-se anelar as "*coisas excelentes*" (Fp 1.10), trilhando por um "*caminho sobremodo excelente*" (1 Co 12.31b).

Um exemplo de carisma sem caráter é a vida de Sansão no Antigo Testamento. Nascido sob revelação de Deus a Manoá e à sua mulher (Jz 13.2-20), Sansão recebia forças de Deus o que o deixava carismático (Jz 14.19; 15.14), mas era um homem com fraquezas de caráter.

Viveu sua experiência sexual ao mesmo tempo em que era cheio do Espírito, o que resultou em tragédias. Outro exemplo é o do profeta Balaão. Era capaz de profetizar e abençoar a Israel com palavras verdadeiras (Nm 23.18-23), mas seu caráter era perverso (Nm 22.32; 31.16; 2 Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.14).

Foi ele quem deu a Balaque, rei dos moabitas a estratégia que resultaria na derrota do povo de Deus: fazer com que as israelitas se prostituíssem e se prostrassem ante os deuses de Moabe. E o seu fim foi também trágico (Nm 31.8). Quantos homens, ao longo da história, foram poderosamente usados por Deus, e depois rejeitados por seu caráter.

3. Caráter Cristão

Uma pessoa pode ter tido uma vida dissoluta, mas depois que recebe a Jesus e é cheia do Espírito Santo, recebe de Jesus o novo estilo de vida que lhe corrige o caráter, pois daí em diante se espelha em Jesus em seu estilo de vida.

Assim, o mesmo Espírito que concede ao obreiro os carismas, molda nele o caráter de Cristo.

É disso que Paulo trata em Gálatas 5.22-23: *"Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio"*. A tendência é, que se o obreiro não vigiar e não se corrigir diariamente, imitando a Cristo, os velhos sintomas da vida antiga tomem lugar do fruto do Espírito.

Os carismas são habilidades concedidas pelo Espírito Santo e não coisas adquiridas por iniciativa humana. A escritura afirma que o mesmo Espírito, que concede os dons, *"realiza todas estas coisas"* (1 Co 12.11).

3.1. O Caráter Cristão No Serviço

O serviço é a maior dimensão e expressão objetiva do caráter. O ser humano Trabalha e serve através dos carismas, e por eles podes demonstrar o espírito de serviço. Todos os dons ou carismas são concedidos para servir e ajudar o próximo. Quando se estuda sobre os dons espirituais e os dons ministeriais, descobre-se que foram dados ao cristão com o objetivo de capacitá-lo para servir.

Através do serviço, o crente mostra quem é e a qualidade de seu caráter. Sim, porque no serviço ao próximo ele se vê obrigado a exteriorizar o que se passa em seu interior. Assim, as qualidades apresentadas por Paulo em Gálatas de amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.22-23), só podem ser observadas no crente quando este vive a serviço do próximo.

Numa atividade realizada dentro de um gabinete – como aconselhamento e ajuda espiritual - estas qualidades não podem ser mostradas, mas no dia a dia, cuidando e servindo o rebanho do Senhor e servindo a comunidade em que está inserido, é que as pessoas verão se o obreiro tem o bom caráter de Cristo ou não.

O exercício dos dons, por sua aparência e aceitação entre as pessoas têm a tendência de iludir aquele que tem o dom, ofuscando seu verdadeiro eu, deixando de mostrar quem verdadeiramente ele

é. Ao falar de "aparência" o que se tem em mente é que alguns dons, como os de cura, de revelação e de profecia, pela maneira como se manifestam deixam uma aura de poder e santidade na vida de quem os possui. Por isso, alguns ministros usados poderosamente com os dons, esquecem de cuidar e de manter um caráter digno de homens de Deus. As pessoas os vêem como "*super-homens*", quase extraterrestres, e não somente elas se iludem, mas também os que têm os dons iludem-se, esquecendo que também são pessoas sujeitas a fraquezas. Ninguém conhece melhor o homem do que ele mesmo.

Aproveitando-se da falta de caráter do obreiro, Satanás age com sutil ardileza, armando laços traiçoeiros contra quem possui dons espirituais. Alguns obreiros descobrem que, apesar do pecado que praticam, os dons continuam a fluir, dando a ilusão de que está tudo bem. Paulo apontou para o cerne desta questão quando concluiu que o homem, apesar de ser poderoso em Deus, é humano, e sujeito a fraquezas.

Por isso, todo dia Paulo exigia que seu "eu" fosse crucificado com Cristo. Quando se estuda e se examina com profundidade a vida de Paulo, percebe-se que era homem de grande poder e que manifestava os dons de Deus onde pregasse o evangelho. A sinceridade de Paulo sobre as fraquezas humanas está expressa no seu grito de desespero, ao perceber a luta dentro de seu interior, entre a dinâmica divina dos dons, e a tendência pecaminosa de seu ser: "*Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*" (Rm 7.24).

Sempre que queria fazer o bem, Paulo descobria que, "*no tocante ao homem interior*", isto é, na vida do Espírito, ele tinha prazer na lei de Deus, e dentro dele se travava uma guerra, comandada pelo corpo, impedindo-o de viver no Espírito.

3.2. Os Dons Não Anulam A Operação Do Pecado

A abundância de dons na vida de um obreiro não anula a operação do pecado. E aqui o ministro se depara, também, com a

tendência de cair em dois extremos: achar que é imune ao pecado, porque os dons se manifestam tão poderosamente, ou achar que não pode exercer os dons, porque é pecador, lutando sempre contra as fraquezas de sua carne. O obreiro nunca deve esquecer que, mesmo operando nos dons, pode pecar. O obreiro aprenderá, também, o que significa subjugar a carne, para que o Espírito manifeste claramente a vida de Cristo em sua vida.

Nas próximas lições o estudante estudará alguns aspectos da vida de Cristo e de Paulo, no entanto, com respeito a este tema, especificamente, é preciso ver de maneira sucinta o que a escritura diz a respeito de Jesus e de Paulo.

3.3. Dois Exemplos Importantes: Jesus E Paulo

O exemplo de Jesus

"*Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber o diabo*" (Hb 2.14). Jesus era humano, sujeito às mesmas tentações de qualquer obreiro. Ele assumiu a forma e o corpo de pessoas humanas, isto é, assumiu fisicamente a descendência de Abraão (Hb 2.16).

Jesus precisou experimentar na carne como vivem os homens e como se sentem em relação as suas fraquezas. Diz o registro do livro de Hebreus, que "*convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos... pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados*" (Hb 2.17-18).

Jesus mostrou ao homem e ao Diabo que é possível viver sob tentação sem ceder nem pecar. É essa qualidade de vida que lhe deu poder de destruir o Diabo e a morte. "*Foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado*" (Hb 4.15).

O exemplo de Paulo

O apóstolo concluiu que o poder de Deus – os dons e suas manifestações, e a habitação divina – habitam em vasos de barro.

Ele considerava que o homem, com sua fragilidade e fraqueza não passa de um vaso de barro, mas é neste utensílio de tanta fragilidade – pois o barro quebra com facilidade - que Deus mostra sua excelência e poder. O ouro e as pedras preciosas podem mostrar sua glória, quando contrastados com o material mais inferior da terra, o barro.

As belezas do ouro e das pedras preciosas não resplendecem se o vaso for de ouro. É no vaso de barro que mostram seu valor. Para Paulo o crente é um vaso de barro em que Deus deposita sua glória e poder. "*Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós*" (2 Co 4.7).

"*Levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo*" (2 Co 4.10). O ministro e também qualquer crente são vasos depositários através dos quais Deus dá a conhecer aos homens "*as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia*" (Rm 9.23).

Paulo não conseguia entender como a grandeza do poder de Deus podia habitar num corpo de fraquezas e pecado. Ele sentia na carne este contraste de glória e fraqueza. Ao mesmo tempo em que fora arrebatado ao terceiro céu, ouvindo palavras "*inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir*", sabia que não podia se gloriar diante dos demais apóstolos e dos homens daquilo que vira no céu. A única coisa que podia contar aos homens era sua fraqueza.

Nessa luta intensa entre carisma e caráter, poder e serviço, ora sentindo-se poderoso e forte, ora sentindo-se fraco e impotente, descobre que um demônio o esbofeteia sempre que pensava na glória e no poder de Deus. E Deus desvenda ante os olhos de Paulo como funciona o seu poder: "*A minha graça de basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza*" (2 Co 12.9).

Como ministro de Cristo o obreiro aprenderá a se equilibrar sobre a frágil pinguela, esta ponte que liga poder e caráter, carismas e fraquezas. A única solução é admitir que se pode falhar, levando o corpo todos os dias para a cruz, crucificando-o com Cristo, e ressuscitando com ele todos os dias.

Um místico, citado por I.G. Arintero, autor de *La Evolución Mística*, disse: "*Às vezes Deus deixa nos melhores santos algumas fraquezas, e por mais que queiram não conseguem desvencilhar-se delas, nem se corrigir, para que sintam sua própria fraqueza, e vejam o que seriam sem a graça de Deus. Só as fraquezas impedem que nos vangloriemos dos favores que de Deus recebemos*" (ARINTERO, I.G. *La Evolucón Mística*, B.A.C. - Biblioteca de Autores Cristianos - Vol. 91 p 418).

4. Carismas: O Fluir Do Espírito Para O Serviço

O estudante observou anteriormente que os dons ou carismas são capacitações do Espírito Santo que o habilitam para o serviço. Pedro roga aos irmãos: "*Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multıforme graça de Deus*" (1 Pe 4.10). O dom, segundo Pedro, é recebido, portanto, é concedido por Deus. O estudante observou também que o Espírito Santo os carismas, que operam na fragilidade de seu caráter. Os dons não são para exaltação pessoal, para as pessoas reconheçam o quanto se é importante, nem para se fazer exibição ou espetáculos espirituais.

Os dons são concedidos ao obreiro e ao crente para servir. Desta forma, quando recebe os dons, a pessoa se torna, ela mesma, um dom de Deus para os outros.

Que privilégio ser dom de Deus às pessoas. Efésios 4.11 afirma que "*Ele mesmo concedeu...*", enfatizando esta verdade. No entanto, Cristo mesmo é o Dom inefável, concedido aos homens por intermédio de seus obreiros (2 Co 9.15). Assim, o carisma, em essência não é uma coisa, mas uma Pessoa, o próprio Espírito habitando no homem, para servir, para promover a vida do Corpo, como o próprio Cristo o faz.

Os carismas, ou dons são dados para a edificação do corpo de Cristo. "*Assim, também vós, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da igreja*" (1 Co 14.12). Os dons ou carismas não são para shows, para arbitrariedades ou extravagâncias como ocorre em muitos lugares, entre

"carismáticos", "renovados" ou "restaurados", e também entre os pentecostais. Os carismas são para renovar e edificar a igreja. E o critério é este: os dons não são para proveito do indivíduo, como se este fosse dono deles, mas para servir ao próximo.

Cuidado com a contrafação ou falsificação. É possível que um obreiro seja enganado e venha a cair no laço do inimigo caso não saiba fazer a separação entre caráter e carismas, pelas razões seguintes:

4.1. Confundindo Dons Com Habilidades Pessoais

Não se pode confundir carismas com talentos pessoais. É bom observar que os dons de Romanos 12 parecem tratar dessa capacitação natural de Deus que existem nas pessoas, às vezes herdadas geneticamente, diferentemente das manifestações de 1 Coríntios 12 que são dons ou manifestações concedidos sobrenaturalmente pelo Espírito Santo. Deus, porém, pode usar de maneira sobrenatural de um dom natural, e pode conceder dons sobrenaturais a alguém que não possui dons naturais.

4.2. Imitando Dons De Maneira Consciente Ou Inconsciente

Alma de uma pessoa possui a capacidade natural de copiar o que outros fazem. E pode tentar imitar também, alguma manifestação sobrenatural, repetindo-a como se fosse algo, naquele momento, concedido pelo Espírito. Às vezes esta cópia tem aparência e tom de piedade, mascarando diante das pessoas sua falsidade. Não é uma falsidade demoníaca, mas da carne mesmo.

4.3. Enganados Por Satanás

A capacidade do inimigo em imitar as coisas do Senhor é muito grande. É desejo dele querer ser como Deus. Falando sobre os falsos ministérios, ou serviços, Paulo atribui o surgimento deles ao próprio Satanás que tem habilidade de se transformar em anjo de luz, e seus ministros (homens) também podem se transformar em ministros ou servos de justiça (2 Co 12.14-15).

Como os dons e suas manifestações operam no mundo espiritual, as únicas armas para discerni-los são também espirituais:

a palavra de Deus e o discernimento de espíritos. Este último, um dom sobrenatural do Espírito Santo concedido aos irmãos (1 Co 12.10).

Da mesma maneira, para se saber se uma profecia é de Deus, basta examinar a palavra que aponta para a qualidade da profecia: ela é dada para edificar, exortar e consolar (1 Co 14.3). Esta é a base do julgamento apresentado por Paulo, ao ensinar como devem ser julgadas a profecia.

Ao afirmar que os demais julguem, coloca a base do julgamento: a profecia tem que edificar, consolar e exortar.

O ministro que cresce na prática dos dons e no ensinamento da palavra, poderá discernir perfeitamente esta questão entre carismas e caráter. Como afirma Paulo, ele deve ter *"as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal"* (Hb 5.14). O obreiro deve observar atentamente esta questão, como afirma Paulo, para cair nos laços do diabo, *"pois não lhe ignoramos os desígnios"* (2 Co 2.11).

4.4. Aprendendo A Discernir O Falso Do Verdadeiro

Existem maneiras de se saber se um profeta ou pregador é falso. Moisés foi orientado por Deus neste sentido.

A primeira maneira é quando ele usa dos dons de Deus para desviar as pessoas dos caminhos de Deus. Um pregador falso não se declara abertamente falso, e o que ele ensina nem sempre tem aparência de falsidade. Um pregador falso usa dos dons e carismas para levar as pessoas ao erro. A advertência é dada por Deus a Moisés no AT. *"Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los..."* (Dt 13.1-2).

O texto não está afirmando que o profeta é falso porque o que anunciou não aconteceu. Deus está alertando para que prestem atenção no profeta que anuncia um milagre e este acontece. O

profeta não é falso, pois o que anuncia se cumpre. Então, por que o alerta divino? Deus está alertando que o profeta poderá usar do milagre para levar as pessoas a servirem outros deuses, o que implica afirmar que todo milagre que não leva o homem a se render aos pés de Jesus Cristo deve ser julgado.

O que ele vaticinou aconteceu, e ele usou dos poderes divinos para desviar a atenção das pessoas de Deus para outros deuses. Aqui também não está afirmando que o tal profeta já estava "desviado". Pelo texto pode-se entender que ele é um profeta correto, mas se empolga com os acontecimentos e conduz as pessoas para longe do verdadeiro Deus. É assim que se torna falso. Ele usa dos dons para vaticinar ou realizar um milagre, este acontece, e ele atribui o milagre à sua própria capacidade ou a algum outro poder.

No caso do texto de Deuteronômio 18.20 o profeta é denunciado como falso quando fala em nome de Deus o que este não mandou, e a palavra que profetizou não se cumpriu. Mas no texto do capítulo 13, este profetiza, o milagre acontece, e o profeta usa do milagre para desviar a atenção do povo de Deus para outras coisas.

A segunda maneira de se identificar um profeta é pelo estilo de vida que o pregador ou ministro tem. Quando uma pessoa tem muitos dons, mas não tem caráter está na trilha do falso pregador ou profeta, porque prega uma verdade, mas se afasta dela no seu dia a dia.

É sobre isso que Jesus se refere no texto de Mateus: "*Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade*" (Mt 7.22-23). São pregadores que têm milagres, mas vivem na prática do pecado.

Pode-se usar esses dois critérios para se fazer uma auto-avaliação. E também para se avaliar a vida de certos pregadores.

São pessoas que possuem dons, mas não têm o caráter de Cristo em suas vidas. Dons e caráter devem andar de mãos dadas na vida cristã. O obreiro tem de espelhar sua vida e ministério nas orientações da Bíblia Sagrada.

Questões para reflexão: Entendi perfeitamente a questão de carismas e caráter? Em que área tenho a tendência de exagerar? Tenho a prática dos dons e continuo sistematicamente pecando? Ou venho primando unicamente pelo caráter sem manifestação alguma dos dons espirituais?

Centralidade da reflexão: Equilíbrio. Os dons devem ser usados com equilíbrio. Tudo o que é espiritual deve ser medido e conferido à luz da palavra de Deus.

OBSERVANDO O PADRÃO
JESUS, NOSSO MAIOR EXEMPLO

O texto de Hebreus revela a importância de Jesus como modelo do crente: "*Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma*" (Hb 12.1-3).

Depois de falar no capítulo onze de Hebreus sobre os heróis da fé, o autor da epístola, sem desprezar os heróis citados no capítulo onze, abre uma janela em que Jesus aparece como o grande autor e consumador da fé. A vida de Jesus, modelo divino será estudada a partir de duas características: seu coração de pastor e seu espírito perdoador.

1. JESUS, PASTOR DE DEUS NA TERRA

Deus tem um coração de pastor. É isto que se percebe no estudo das escrituras. O pastoreio, como tema bíblico, começa com Abel no livro de Gênesis (Gn 4) e termina com Pedro em 1 Pedro 5. Abel era pastor de ovelhas, e os obreiros de Cristo, no ponto de vista de Pedro, pastores de pessoas: "... *pastoreai o rebanho de*

Deus que há entre vós..." (1 Pe 5.2). Jesus é modelo divino para todos os ministérios, porque em qualquer função ministerial que alguém se envolve será necessário ter um coração de pastor.

O coração de Deus é como o de um pastor que ama as ovelhas e tem cuidado delas. Quando Deus olhava para a nação de Israel, via o povo como ovelhas sem pastor. Disse o profeta: "*Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor*" (2 Rs 22.17).

Ao longo da história, Deus levantou líderes que governaram a nação de Israel com paixão pela vida humana, cuidando das pessoas da mesma maneira que o pastor cuida de seu rebanho. Moisés tinha coração de Pastor, e por isso agradou a Deus.

Davi era pastor, e por isso Deus o fez rei de Israel. Jeremias profetizou que Deus haveria de levantar pastores que pastoreassem o povo conforme Deus gostaria que fossem pastoreados: "*Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que apascentem com conhecimento e com inteligência*" (Jr 3.15).

Ezequiel, o profeta, dedica o capítulo 34 sobre os pastores negligentes e os que apascentam a si mesmos, condenando os pastores infiéis e as ovelhas rebeldes.

O profeta Isaías, ao anunciar a vinda do Messias à terra, diz: "*Como pastor, apascentará o seu rebanho, entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente*" (Is 40.11). Ao viver entre os homens, Jesus cumpriu cabalmente esta profecia declarando a si mesmo como o bom Pastor. "*Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas*" (Jo 10.11). Este é o conteúdo de João 10.1-18. Nele, Jesus se apresenta como pastor de Israel.

No pastoreio a principal característica é a interação entre pastor e ovelha. "*As ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz*" (Jo 10.3-4). O pastor conhece a ovelha e esta o conhece.

O ministro deve desenvolver um ministério pastoral em que as pessoas os identifiquem como seus pastores. Elas precisam e dependem deste contato pastoral. Não importa se a igreja é grande ou pequena: o verdadeiro pastor transmitirá um senso de segurança ao seu rebanho. "*Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim*" (v. 14).

O mundo para Jesus era um grande rebanho sem pastor. "*Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor*" (Jo 10.16).

O evangelista Marcos descreve o coração de Jesus e de como reagiu ao ver o povo esperando por ele à beira do grande lago: "*Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor*" (Mc 6.34).

Esta característica de Jesus como Pastor de ovelhas pode ser analisada à luz do que dizem certos pastores de rebanhos de ovelhas. Ela precisa de constantes cuidados, e sente-se segura quando seu pastor está ao seu lado. Especialistas em criação de ovelhas apontam algumas coisas interessantes sobre elas.

A ovelha não consegue discernir distâncias. Diante de um obstáculo nunca consegue identificar se está longe ou perto. Empaca, pensando que o abismo está diante dela quando este está longe; e vai adiante, pensando que o abismo está longe, quando está perto.

Se a "ovelha guia", isto é, a que vai à frente pula de uma ponte, as demais a acompanham. Se uma ovelha adoece, afasta-se do rebanho e se isola das demais. Estas características mostram o quanto a ovelha precisa de pastor.

Por isso, o báculo ou cajado, símbolo do pastor, tem dupla utilidade: É usado para tocar na ovelha, dando-lhe um toque de carinho, de correção e de direção, e para afastar os lobos, batendo-lhe com força. O conhecido quadro do pastor que encontra a ovelha perdida, mostra o pastor usando a alça do cajado para resgatar a ovelha que está à beira do abismo.

O coração de pastor pode ser visto na declaração atribuída a João Wesley, pregador reformista do século XVII. Proibido de pregar nas igrejas anglicanas, devido a suas idéias, punha-se sobre os túmulos dos cemitérios situados ao lado dos templos, e anunciava: "o mundo é minha paróquia".

É preciso ver o mundo como campo de ação pastoral, e as pessoas como ovelhas que não têm pastor.

2. *Jesus: O Supremo Pastor*

Jesus é apresentado pelo apóstolo Pedro como o Pastor Supremo: "*Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa de glória*" (1 Pe 5.4) e mais adiante diz: "*Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma*" (1 Pe 2.25).

2.1. Jesus, Exemplo De Liderança

A imagem do pastor caminhando à frente de seu rebanho de ovelhas, segurando o cajado e conduzindo-as é um quadro que retrata a importância da liderança. Jesus entendia como os pastores de sua época cuidavam do rebanho, e afirmou aos discípulos que o pastor "*... chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz*" (Jo 10.3-4). Nos dias de Jesus os pastores costumavam colocar suas ovelhas no mesmo curral durante a noite. Ao amanhecer, o pastor falava e as ovelhas que lhe pertenciam conheciam sua voz e saíam para segui-lo. Convém ressaltar novamente o texto de Pedro apresentando a Jesus como líder do rebanho: "*Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa de glória*" (1 Pe 5.2-4). O rebanho sempre olha para o seu líder. As ovelhas o têm como modelo a ser imitado.

Pedro, portanto, apresenta a Jesus como padrão de pastor, o modelo a ser imitado, o "Supremo Pastor", isto é, o mais alto ou mais elevado; o primeiro e o principal. Nele o obreiro deve se espelhar. O livro de hebreus o apresenta como "*grande Pastor das ovelhas*" (Hb 13.20).

Ele não apenas é o bom pastor, o grande e supremo Pastor, mas o único pastor a ser imitado. O pastoreio é feito sob o comando dele e por ele.

2.2. Jesus, Exemplo De Firmeza E Autoridade

Na condução do rebanho requer-se do ministro que seja firme em seus pontos de vista – não que seja irredutível – e que tenha autoridade. Não pode ser irredutível quando tiver que admitir que errou, e firme na autoridade que Deus lhe concedeu. As ovelhas não têm dificuldades de obedecer. Por natureza são submissas. O problema do pastor é quando tem de pastorear bodes rebeldes que não querem ser orientados nem guiados. Estes precisam sentir a autoridade divina do pastor.

2.2.1. Os pastores de hoje: Exemplo de liderança concedida pelo Espírito Santo

Não apenas Deus e Jesus possuem coração de pastor. O mesmo sentimento, isto é, o mesmo coração de pastor é dado aos seus obreiros.

O quadro retratando o cuidado de Deus com rebanho foi observado e entendido por Paulo quando falou aos presbíteros de Éfeso e de Mileto sobre quem os constituiu como pastores: "*Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão rebanho*" (At 20.28-29).

Paulo via a igreja como um grande rebanho sobre o qual o Espírito Santo colocava seus pastores. O pastoreio está no coração

de Deus. Ele levanta homens com coração de pastor para cuidar das vidas indefesas.

Sendo que o grande devorador é comparado a um lobo, Paulo adverte que os lobos surgirão prontos para devorar o rebanho. O pastor, então, atentamente expulsa os lobos devoradores. Paulo previa que os lobos entrariam no redil para iludir o rebanho, especialmente depois que ele partisse.

Ele distribui de seu dom de pastoreio aos pastores da igreja. O ministro deve estar consciente de que foi chamado por Deus para pastorear o rebanho que pertence a Deus.

Sim, porque as pessoas que ele pastoreia não são propriedade sua, mas de Deus. Seja como apóstolo, profeta, evangelista, pastor ou mestre, a principal função, independente de título é o pastoreio.

Não importa quantas denominações existam na cidade: Jesus vê todas as pessoas como rebanho seu, pastoreadas por muitos pastores. O que se requer do ministro é que tenha o coração aberto para acolher as ovelhas de Jesus espalhadas em sua cidade e no Estado.

A autoridade pastoral sobre o rebanho não deve ser imposta, mas reconhecida. Uma pessoa só é pastor se for aceita pelo rebanho. E se possuir um rebanho. Ninguém é pastor apenas de título, sem alguém para cuidar e por ela ser responsável.

Alguns líderes são reconhecidos em suas cidades como pastores da igreja, isto é, de todos na cidade, pois, independentemente de denominações as pessoas o reconhecem como pastor da igreja – o que abrange todo o corpo de Cristo.

Os líderes civis ou religiosos reconhecerão a pessoa que é pastor do rebanho de Cristo na cidade. Isto não acontece de um dia para o outro. É preciso anos de pastoreio, com vida reta e doutrinariamente certa para galgar na cidade o título de pastor de todos.

Jesus teve sua autoridade reconhecida por muitos. *"Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões*

maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28-29).

Além do exemplo pastoral, no cuidado com o rebanho, Jesus nos deixou exemplo de abnegação e renúncia.

3. Jesus: Exemplo De Abnegação E Renúncia

No exercício do ministério pastoral e no convívio com as ovelhas o obreiro enfrenta situações que põe à prova o caráter de Cristo em sua vida. Um dos problemas mais comuns no convívio dos pastores entre si, e no convívio dos pastores com seus rebanhos, é a traição.

O coração de pastor é muitas vezes testado pela traição de seus melhores amigos e discípulos, e Jesus ensina como se deve reagir diante dos traidores.

Judas, discípulo íntimo que andou com Jesus durante três anos e meio o traiu por um punhado de dinheiro. Jesus e seus discípulos dormiam, comiam, riam, choravam e passaram juntos momentos de aperto e de necessidade, e certamente Judas, amigo fiel, viu a graça e a manifestação de Deus na vida de Jesus, no entanto o traiu.

Na noite da traição Jesus recém tivera seu momento de angústia e oração, quando Judas o beijou e o traiu. (Mt 26.47-50).

Jesus confiava em seus amigos, e por um deles foi traído, deixando a lição de que este é o preço que se paga, não apenas uma vez, mas muitas vezes, na vida ministerial.

3.1. Jesus, Exemplo De Como Reagir À Traição

A pessoa traída expõe através de suas reações o que está em seu coração. Se ela se revolta e briga por haver sido traída é porque a obra de Deus ainda não está completa em sua vida, nem o caráter de Cristo totalmente formado nela. Pedro foi testemunha do que Judas fez com Jesus, e, no entanto, ele mesmo, na hora da tribulação da cruz traiu a Jesus negando ser seu discípulo.

Pedro aprendeu com a reação de Jesus à traição e à calúnia, pois anos depois daquele acontecimento escreveu sobre seu mestre: "*Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente*" (1 Pe 2.23).

No livro de Salmos existe um texto messiânico em que Davi fala da traição que sofrera de seu melhor amigo. "*Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar*" (Sl 41.9). Davi não apenas fora traído por seu amigo, como profetiza a traição que Jesus haveria de sofrer por seu amigo. Davi exprime a dor da traição sofrida por seu amigo: "*Com efeito, não é inimigo que me afronta; se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo. Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à Casa de Deus*" (Sl 55.12-14). Apesar de ser a pior das traições, o verdadeiro homem de Deus aprende com Jesus que deve sempre estender a mão de perdão.

Com seu comportamento Jesus ensina que não se deve brigar nem fazer ameaças. Não se deve usar o ministério, nem a posição de governo e de autoridade para brigar, nem o púlpito para bater, com palavras sobre as pessoas. É preciso desenvolver um coração perdoador para amar os que causam danos. Não se deve amaldiçoar, mas abençoá-los.

Certamente Jesus não vê com simpatia aqueles que, dizendo-se seus servos, e que trazem nos ombros a honra do chamamento ministerial, empurrarem para tribunais eclesiásticos ou para os foros da justiça comum seus traidores.

Jesus, apesar de ser traído, sempre perdoou, deixando o exemplo aos seus servos. E quantas vezes ele é traído por aqueles que ele mesmo constituiu como bispos e pastores? Quantas vezes estes negaram conhecê-lo?

Quando se estuda a vida de José, no Antigo Testamento, percebe-se como a traição de seus irmãos magoou seu coração.

Traído por seus irmãos, que o venderam como escravo a mercadores midianitas, nutriu contra eles grande revolta a ponto de os colocar na prisão durante três dias.

Não satisfeito, manteve Simeão como prisioneiro até a próxima visita de seus irmãos. Pode-se perceber que José nutria no coração grande revolta e ira contra seus irmãos, pois depois da morte do velho Jacó, seus irmãos suplicaram-lhe novamente que os perdoasse.

> *"Vendo os irmãos de José que seu pai já era morto, disseram: É o caso de José nos perseguir e nos retribuir certamente o mal todo que lhe fizemos. Portanto, mandaram dizer a José: Teu pai ordenou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, pois, a transgressão de teus irmãos e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, te rogamos que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai. José chorou enquanto lhe falavam" (Gn 50.15-17).*

3.2. Deus Sentiu-Se Traído Pela Nação De Israel

Ezequiel, o profeta, falando em nome de Deus utiliza uma parábola, ou uma janela, para mostrar o relacionamento de Deus com a nação de Israel. O relato de Ezequiel 16 mostra a nação de Israel como uma menina recém-nascida e abandonada. Deus encontra a menina, cuida dela até que se tornou adulta. Deus a vestiu de vestidos finos e a enfeitou de jóias preciosas.

É agora uma linda mulher, mas, apesar de haver sido cuidada, abandona a Deus, que a protegeu, e se prostitui com as nações da terra. Deus se sente traído, mas promete perdoá-la, tendo em vista a aliança feita com ela em sua mocidade (Ez 16.60-63). A lição desta parábola é que Deus é perdoador, e quer que os que o servem, sejam também perdoadores.

Noutro episódio o profeta Jeremias chama a nação de Israel de pérfida, isto é, uma mulher desleal e traidora (Jr 3.6-7). Nenhum homem gosta de ser traído pela mulher amada, e Deus sentiu fortemente quando sua amada, Israel, resolveu abandoná-lo. A

figura da igreja como esposa no Novo Testamento traz a mesma idéia.

Assim como Deus se sente traído por sua amada e a perdoa, também o obreiro deve aprender a lidar com a traição, segundo o coração de Deus. A traição é como espada afiada que penetra o coração do homem. Ser traído pelo melhor amigo do mesmo ministério, ou membro da mesma equipe produz dores e tristeza no coração do obreiro, no entanto, quando alguém é traído, como reage? Com a mesma reação de Jesus ou reage como os ímpios?

A seguir o aluno verá alguns exemplos de situações que enfrentará no exercício ministerial, e de como deve reagir seguindo exemplo de Jesus.

🕮 Traído Por Seu Conselheiro

Uma das maiores dificuldades é quando a traição vem por parte de um superior ou de um conselheiro. O obreiro, muitas vezes precisa se abrir, buscando aconselhamento com alguém que lhe inspire confiança, e às vezes é com este alguém que se sente frustrado.

São muitos os obreiros que desabafam, magoados, porque aquilo que compartilharam ou confessaram ao seu líder, amigo ou pastor, de depois tudo o que ele confessou e desabafou foi exposto publicamente. As feridas deste tipo de traição custam a cicatrizar. Quando alguém se sente traído, se fecha interiormente ou abre a boca para denunciar.

O pior é quando se começa a desconfiar de todas as pessoas. Isto a leva a um isolamento espiritual, e se negar a abrir qualquer coisa de sua vida com alguém, por mais espiritual que seja.

Muitos pastores jovens preferem aconselhar-se com alguém que vem do exterior ou com algum pastor de outro estado, com medo de serem expostos ao ridículo. Os pastores mais velhos deveriam aprender a ouvir, a aconselhar, mas nunca mencionar, direta ou indiretamente, o que lhes foi relatado.

A história registra que Alexandre Magno, rei da Macedônia, grande conquistador, ao julgar uma causa sem a presença do acusado, tapando um ouvido com o dedo durante a acusação, disse: "Eu reservo este ouvido inteiro para o acusado". (ARRUDA, Silvio Ferraz, Frases Célebres Notáveis, Editora Nobel, p. 19).

Sua frase permanece como símbolo da imparcialidade, que deveria ser a principal característica do Direito. Os pastores costumam pecar pela parcialidade, dando ouvidos a acusações, sem que o acusado tenha oportunidade de ser ouvido.

📖 Traído Por Seu Melhor Assistente √

É aconselhável que pastores mais velhos evitem abrir seu coração a alguém com pouco tempo de ministério ou com pouca experiência ministerial.

É comum aos jovens, no afã da fama trair seus sentimentos delatando o que o mais velho lhe confessou.

Não se pode ignorar também que um pastor mais velho venha a trair os sentimentos de um pastor jovem que o procurou para aconselhamento.

Um dos exemplos mais claros do Antigo Testamento é o de Absalão que traiu a confiança de seu pai.

Mas também é traição quando um colega de ministério "costura" situações para colocar o colega em perigo. Aqui reside a essência do pecado de Absalão. O que fez ele? Depois de matar a Amnom, seu irmão, Absalão fugiu ficando dois anos longe de Jerusalém, mas é perdoado por Davi que o recebe de volta, entretanto, depois de perdoado, Absalão passa a "costurar" um trama para derrubar o pai e expulsá-lo de Jerusalém.

Sempre que alguém ia ao rei buscando conselho ou querendo ver julgada sua causa, Absalão o atendia na porta da cidade, e dizia: "*Olha, a tua causa é boa e reta, porém não tens quem te ouça da parte do rei*" (2 Sm 15.3).

Absalão queria ser reconhecido como autoridade, por isso exclamava: "Ah! Quem me dera ser juiz na terra! para que viesse a mim todo homem que tivesse demanda ou questão, para que lhe fizesse justiça" (2 Sm 15.4).

Alguns obreiros caem no laço do desejo pelo poder e traem seu pastor ou líder. E que mais fazia Absalão? Sempre que alguém o procurava, ele o tratava com cordialidade, "estendia a mão, pegava dele (da pessoa) e o beijava" (15.5). Por trás de um gesto de cordialidade, pode estar o espírito de Absalão.

Absalão, diz a Bíblia, conquistou durante quatro anos o coração de todos os homens de Israel (15.6-7). Ele minou a autoridade de Davi, dando a entender aos filhos de Israel que, como filho do rei, o estava auxiliando na difícil tarefa de julgar o povo. O povo deu ouvidos a Absalão imaginando que este auxiliava o rei nos negócios. Mas Absalão tinha segundas intenções, que era destronar seu próprio pai em Jerusalém.

📖 Traído Por Seu Discípulo

Discípulo é aquela pessoa que recebe sua formação espiritual por alguém do ministério, que o orienta e o ajuda ao longo dos anos, ensinando-lhe a palavra de Deus. É aquela pessoa em que se investe tempo e recursos preparando-a para o ministério. Tudo o que esta pessoa recebeu aprendeu diretamente de seu líder.

Aprendeu a estudar a palavra, a pregar, a fazer exegese de textos, a cuidar do rebanho; aprendeu sobre a questão do caráter, etc. O discipulador foi seu mestre. Esta pessoa cresceu na vida da igreja local e foi reconhecida pelo povo como homem de Deus, e consagrado a pastor. Ser traído por um pupilo é a pior coisa que um obreiro pode enfrentar.

Nesse caso, o obreiro traído sente-se como Jesus se sentiu em relação a Pedro. Três vezes Pedro negou a Jesus. E Jesus presenciou a tudo. Arrependido, Pedro chora copiosamente. Jesus

vai à cruz, morre e é sepultado. Pedro sofreu três noites e três dias. Sua consciência não o deixava sossegado. Ele negara o seu mestre.

Mas Jesus ensina o que fazer quando se é traído. O que ele fez a Pedro? Maria Madalena e as outras mulheres ouviram do anjo, na manhã da ressurreição, as seguintes palavras: "Vão, e digam aos discípulos dele, e a Pedro: ele está indo adiante de vocês para a Galiléia" (Mc 16.7). O anjo poderia ter dito: "digam aos seus discípulos...", mas ele acrescenta, "e a Pedro". A notícia chegou aos ouvidos dos discípulos, com a nota dominante: digam a Pedro. O traidor estava sendo perdoado.

Perdoar os traidores requer profunda experiência de vida interior com Deus. Corrie ten Boom relata sua experiência como prisioneira num campo de concentração da Alemanha durante a Segunda Grande Guerra. Depois de terminada a guerra, enquanto pregava numa igreja da Alemanha ela viu o guarda alemão, seu algoz do campo de concentração, no mesmo culto em que ela estava.

Reagiu negativamente diante daquele que fez com que ela e sua irmã tirassem a roupa no campo de concentração para serem revistadas. Sua irmã, tempos depois, morreu. Ela foi salva por milagre.

Agora, testemunhando como sua família escondera judeus em sua casa, e como seu pai e mãe morreram nos campos de concentração, reconhece diante dela, no mesmo culto, seu carrasco. Ela travou uma grande luta interior. Ela não conseguia perdoá-lo. Mas o Espírito Santo a convenceu da necessidade do perdão. Ela, então, se dirigiu ao guarda e o perdoou.

Esse é o verdadeiro espírito de Cristo. Perdoar os que nos perseguem e nos traem.

O ministro deve ficar atento aos pastores que têm prazer em fazer tramas e armar conspirações, evitando se tornar também ministro ardiloso que prepara laços contra os demais. É bom evitar o uso de tal artifício para galgar posições de governo ou de autoridade.

Este é o princípio do Diabo e é recomendado apenas àqueles que se utilizam da política para governar em benefício próprio. É preferível perder tudo, a armar conspirações contra seus melhores colegas. Amar e perdoar, eis o coração do pastor.

🕮 Jesus É Exemplo De Amor

Abordar este tema é como "chover no molhado", diriam os alunos. É necessário, entretanto, desenvolver um coração como o de Jesus. Ele é a expressão do Pai na terra.

"*Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*" (Jo 13.1). Quer dizer, é um amor que começa antes da fundação do mundo.

O grande amor de Jesus pela humanidade levou-o a morar entre os homens, identificando-se com eles:

> "*Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos*" (2 Co 8.9).

Seu grande amor é a garantia de que nada neste mundo consegue separar o crente de Jesus. "*Quem nos separará do amor de Cristo?*", pergunta Paulo.

E a seguir, Paulo faz uma lista de situações: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo ou espada, concluindo:

> "*Porque eu estou bem certo de quem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*" (Rm 8.35-39).

🕮 Jesus, Exemplo De Perdão

Na cruz, seus braços abertos pareciam abraçar o mundo, e sob intensa agonia, Jesus orou ao Pai: "*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*" (Lc 22.34).

"Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos; o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois, ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1 Pe 2.21-23).

CONCLUSÃO:

Um pastor de noventa anos de idade, aposentado, mais ainda com muito vigor físico e mental foi inquirido sobre o segredo de tanta energia e longevidade, já que era pastor desde a juventude. Respondeu: Perdoar e amar. Eis o segredo.

Deve-se observar o mandamento de Jesus de amar os inimigos; de perdoar os opositores e todos os que causam tristeza e mágoa. Eis o segredo da longevidade do obreiro.

Pergunta para reflexão: Estou realizando o ministério seguindo o exemplo de Jesus, ou estou caindo na cilada do mal que é magoar e entristecer meus colegas? Estou disposto a perder para que meu colega tenha sucesso ministerial?

Centralidade da reflexão: Pastorear é encarnar na vida os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, nosso exemplo de pastor. Nele temos os melhores referenciais.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

➢ Marque "C" para Certo e "E" para Errado

1) ☐ Os romanos identificaram quatro virtudes cardeais: a sabedoria (ou prudência), a coragem, a temperança, a justiça.

2) ☐ O melhor exemplo do uso dos dons sem caráter é quando a pessoa usa dos carismas para falar línguas, mas não abandona a mentira.

3) ☐ Uma pessoa pode ter tido uma vida dissoluta, mas depois que recebe a Jesus e é cheia do Espírito Santo, recebe de Jesus o novo estilo de vida que lhe corrige o caráter, pois daí em diante se espelha em Jesus em seu estilo de vida.

4) ☐ A abundância de dons na vida de um obreiro anula a operação do pecado o imunizando a pecados.

5) ☐ O coração de Deus é como o de um pastor que ama as ovelhas e tem cuidado delas. Quando Deus olhava para a nação de Israel, via o povo como ovelhas sem pastor.

6) ☐ A ovelha não consegue discernir distâncias. Diante de um obstáculo nunca consegue identificar se está longe ou perto. Empaca, pensando que o abismo está diante dela quando este está longe; e vai adiante, pensando que o abismo está longe, quando está perto.

Lição IV

Paulo, o Padrão
Barnabé: Exemplo de Perseverança

PAULO, O PADRÃO

No capítulo anterior o estudante se deparou com o exemplo de Jesus para o exercício do pastoreio. Não restam dúvidas de que Jesus deve ser modelo divino para todo obreiro, o modelo perfeito de alguém que desceu dos céus e viveu na terra entre os homens.

Neste capítulo o enfoque será a vida de Paulo como bom padrão de ministro, modelo bíblico exemplar de alguém que viveu intensamente o evangelho de Cristo.

Sempre é bom ter em mente que Paulo não era um pastor fixo numa igreja local, mas apóstolo que percorria o mundo de sua época pregando o evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo igrejas por onde andava, e foi ele quem estabeleceu os parâmetros para que se escolhessem os obreiros que pastoreavam as igrejas.

Certamente ao definir as regras de escolha de obreiros, Paulo deixou um legado espiritual a todo ministro.

Exemplo de liderança, ele não resumiu seu ministério a uma cidade, porque entendia que o seu chamamento era o de apóstolo, um missionário, que deveria percorrer o mundo proclamando o evangelho.

Neste capítulo, o aluno verá alguns aspectos da vida de Paulo como referência de serviço e amor aos obreiros.

1. O Chamado De Paulo

1.1. Paulo Não Pode Ser Considerado Padrão No Chamamento

Sim, porque seu chamamento difere dos demais discípulos que acompanharam a Jesus durante seu ministério entre os judeus. Todos os demais conheciam e conviviam com Jesus. O próprio Levi, ou Mateus, chamado por Jesus quando trabalhava na coletoria conhecia a Jesus, pois residiam na mesma cidade. Quem sabe até teriam crescidos juntos em Cafarnaum.

Paulo, no entanto, teve um chamamento excepcional, diferentemente dos demais. Enquanto os demais apóstolos pregavam o evangelho do reino depois que Jesus subiu ao céu, Paulo perseguia os crentes por toda parte. Acredita-se que a conversão de Paulo teria acontecido cerca de onze anos depois de Pentecostes, cujo registro se encontra em Atos 2. Paulo perseguia a igreja por toda a parte, como ele mesmo relata em seu testemunho no livro de Atos dos Apóstolos, e de perseguidor passou a ser também perseguido por causa do evangelho.

Seu chamamento foi feito diretamente por Jesus no encontro que teve com ele a caminho de Damasco (Atos 9). Depois que se converteu, e de passar três anos na Arábia, Paulo resolveu ir a Jerusalém para se encontrar com os apóstolos, mas o único a recebê-lo foi Barnabé, que o acolheu e o levou a conhecer a Pedro e Tiago.

Paulo, apesar de não ser aceito na equipe apostólica de Jerusalém, manteve a convicção de seu chamamento, e superou todas as adversidades. Além de não ser recebido e entendido pelos apóstolos de Jerusalém que não o viam com bons olhos, enfrentou todos os dias a oposição dos judeus que o perseguiam por todo o império romano tentando matá-lo.

Apesar de não fazer parte dos Doze, Paulo se considerava também apóstolo de Jesus Cristo, e confessava que vira a Jesus, "*como por um nascido fora de tempo*" (1 Co 15.8).

A certeza de seu chamamento era tanta que ele acreditava haver sido chamado ainda no ventre materno. "*Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça*" (Gl 1.15). Ou como afirmou a Timóteo: "*Para isto fui designado pregador e apóstolo, mestre dos gentios na fé e na verdade*" (1 Tm 2.7).

Por haver recebido um chamamento diferenciado, Paulo cria que fora chamado diretamente por Jesus Cristo, conforme o registro em Atos capítulo 9. Por isso Paulo introduz algumas de suas epístolas com a frase: "*Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo*" (1 Co 1.1).

Certo de que este era seu chamamento, fazia questão de manifestá-la em todas as cartas (2 Co 1.1; Ef 1.1; 2 Tm 1.1). Que convicção poder afirmar que estava no ministério pela vontade de Deus – e não dele mesmo.

"*Apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai...*" (Gl 1.1). Só Jesus e o Pai mereciam crédito por seu chamamento.

Desde o início Paulo firmou-se em Deus e não em homens. E quantos obreiros acham que foram chamados por Deus porque alguns homens os colocaram em cargos na igreja?

Apóstolo por mandato de Deus, diz ele a Timóteo (1 Tm 1.1), e "*separado para o evangelho de Deus*", afirma aos romanos (Rm 1.1). Esta certeza do chamamento deve ser a certeza de todo obreiro. Ter a convicção de que está servindo a Jesus por chamamento divino, e não de homens.

1.2. Paulo Recebeu Uma Chamada Específica Para Evangelizar Os Gentios, Isto É, Os Que Não Eram Judeus

Paulo tinha plena convicção de que seu chamamento era o de ser apóstolo aos gentios, e não aos judeus. "*Por intermédio de quem vivemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios*" (Rm 1.5). Em sua

primeira defesa, afirmou ter ouvido Jesus lhe dizer na estrada de Damasco: "*Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios*" (At 22.21).

Ele se recordava muito bem do que Jesus lhe dissera na estrada de Damasco: "*Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque para isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha... livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus...*" (At 26.16-18).

Esta disposição de pregar aos gentios gerou oposição dos demais apóstolos, especialmente de Pedro. Paulo afirma: "*Pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios*" (Gl 2.8). Depois ele fala que Tiago, Pedro e João, entenderam seu chamamento e lhe acolheram entre os apóstolos, "*a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão*" (Gl 2.10).

Disso ele dá testemunho, especialmente na carta aos romanos. "*Visto que sou apóstolo dos gentios, glorifico o meu ministério*" (Rm 11.13). No texto de Romanos 15 ele expõe como seu ministério foi importante e decisivo para a conversão dos judeus.

"*... e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia, como está escrito: Por isso, eu te glorificarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome. E também diz: Alegrai-vos, ó gentios, com o seu povo. E ainda: Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem. Também Isaías diz: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão*" (Rm 15.9-12).

Paulo recebeu de Deus convicção de que a igreja não era um avivamento do judaísmo, mas uma nova comunidade. Os apóstolos que estavam em Jerusalém custaram a entender esta questão e levavam os gentios que se convertiam a circuncidarem-se.

Esta era a divergência que ele tinha com os demais apóstolos, especialmente Pedro. Paulo fundou igrejas gentílicas e detestava os pregadores judaizantes, que queriam que cada gentio praticasse o estilo de vida dos judeus.

PAULO ELIMINOU A PRÁTICA DA CIRCUNCISÃO

Imagine o impedimento que a circuncisão causaria à pregação do evangelho nos dias de hoje. Se a prática da circuncisão persistisse, onde quer que se pregue o evangelho os pregadores teriam que fundar clínicas médicas para poder circuncidar os novos membros, antes de começar uma igreja, o que levaria os pastores, antes de tudo, a serem formados em ciências médicas.

A circuncisão seria um dos maiores empecilhos para a aceitação do evangelho nos dias atuais.

A questão da circuncisão foi tema do primeiro concílio de Jerusalém, em que judeus e gentios se reuniram para tomar a decisão da continuidade ou não desta prática judaica.

Tiago, apóstolo, levantou-se e defendeu o direito dos gentios continuarem fisicamente incircuncisos, e acreditou ser também do Espírito Santo a opinião final. "*Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que dentre os gentios, se convertem a Deus... Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...*" (At 15.19,28).

A tendência do povo de Deus de voltar a ser igreja com costumes judaicos, guardando dias e meses, observando as festas do povo judeu, trazendo para as reuniões de adoração elementos da cultura judaica, precisa ser revista à luz do que Paulo ensinou e praticou nas igrejas gentílicas, para que a igreja não se torne judaizante como queriam os irmãos daquele tempo, impondo que todos os gentios se circuncidassem.

Felizmente a palavra de Tiago pôs fim à questão no concílio de Jerusalém.

Conforme Paulo, a nova comunidade cristã não precisaria seguir os ritos da religião judaica: "*Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados*" (Cl 2.16) avisando que eram sombras de Cristo que haveria de vir. Àqueles que insistiam em guardar dias especiais, ele escreveu: "*Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente*" (Rm 14.5).

2. Paulo, Padrão De Obediência

Paulo é padrão de obediência, e estava disposto a pagar o preço do chamamento divino. Diante do rei Agripa afirmou: "*Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial*" (At 26.19). Teve a coragem de recuar quando o Espírito Santo se lhe opôs ao tentar ir para a Ásia e depois para a Bitínia, seguindo para Trôade.

Nesta cidade, teve uma visão de um varão macedônio que suplicava: "*Passa a Macedônia e ajuda-nos. Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho*" (At 16.9-10).

Jamais deixou de fazer a vontade de Deus. Na realidade, este é o maior desafio que todo obreiro tem diante de si. Muitos obreiros são chamados para realizar um ministério, e o abandonam por questões as mais diversas, especialmente financeiras ou abrem mão do chamamento ou usam o chamamento para galgar postos políticos e cargos sociais.

Paulo, apesar de ser advertido várias vezes de que não fosse a Jerusalém, pois seria preso, insistiu na idéia e seguiu seu caminho, crendo estar dentro da vontade de Deus (At 21.4, 10-14). Falando aos pastores de Mileto e Éfeso declarou: "*E, agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações. Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus*" (At 20.22-24).

Paulo nunca desistiu de seu chamado. Ele sabia que fora chamado para os gentios, e nisto perseverou até o fim da vida. Na realidade, quando subiu pela primeira vez, depois de convertido, a Jerusalém, o fez por "*obediência a uma revelação*" (Gl 2.2).

Quantos obreiros têm certeza de que estão cumprindo o ministério para o qual Deus os chamou? Isto requer, muitas vezes, desprendimento.

O obreiro, portanto, deve se dedicar e se aperfeiçoar na vocação em que é chamado. Em Romanos 12 Paulo define bem cada serviço ao corpo. "*Se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo*" (Rm 12.7).

Se Deus chama uma pessoa para ser pastor local, esta deve buscar desenvolver um coração de pastor. Sim. É possível desenvolver um coração que ama e cuida do rebanho. Se seu chamamento é o de mestre, deve aprofundar-se na busca do conhecimento e na habilidade de ensinar. Se seu ministério é profético, a ele deve se dedicar.

A convicção que a pessoa tem de sua missão lhe dá segurança. Quando uma pessoa fica indecisa quanto o rumo a seguir, começa a realizar muitos empreendimentos e acaba por nada fazer.

Se Deus quer alguém à frente de uma igreja, esta pessoa deve se dedicar totalmente a ela. Todo obreiro deve se dedicar à vocação recebida de Deus.

É possível, como no caso de Paulo, que uma pessoa seja ministro pregador e mestre do evangelho sem que fique apascentando uma igreja, da mesma forma, os que são chamados para o pastoreio, devem se dedicar ao seu chamamento.

3. Paulo, Padrão No Serviço

Existe uma idéia entre certos segmentos evangélicos de que um ministro do evangelho deve liderar e fazer os outros trabalharem, enquanto ele mesmo só administra. Mas este não é o

exemplo que recebemos de Paulo. Paulo e Barnabé eram apóstolos que se dedicavam à pregação do evangelho e ao serviço dos pobres.

Paulo e Barnabé, apóstolos de Jesus, não ficavam sentados em seus gabinetes como alguns que se dizem apóstolos e pastores, ao contrário, vemos os dois subindo de Antioquia para Jerusalém com carregamentos de alimentos para os irmãos da Judéia. Uma grande fome se abatera na Judéia nos dias do imperador Cláudio e "*os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia, o que eles, com efeito, fizeram, enviando-o aos presbíteros por intermédio de Barnabé e de Saulo*" (At 11.28-30). Carregar fardos para os pobres faz parte do chamamento apostólico.

Paulo tinha em mente a orientação dos primeiros apóstolos de Jesus, que o recomendaram que nunca se esquecesse dos pobres: "*... recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer*" (Gl 2.10).

Ele era um trabalhador incansável, não apenas na obra, mas também na fabricação de tendas, e dali tirava seu sustento para pregar o evangelho e para sustentar os que estavam com ele. Nas palavras dele, "*... e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos*" (1 Co 4.12). "*Vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo*" (At 20.34).

Além de trabalhar com as próprias mãos para seu sustento e dos que trabalhavam com ele, Paulo trabalhava para socorrer os necessitados. Quantos ministros, hoje, trabalhariam para ganhar algum dinheiro e ajudar os pobres? Pois Paulo agia assim. "*Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber*" (At 20.35).

4. Paulo, Padrão No Exemplo

"*A fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra*" (2 Tm 3.17), orientava Paulo a

Timóteo. O que ele queria dizer com isto? Certamente que é a aptidão para desempenhar qualquer coisa. É necessário ensinar? Pode-se sair muito bem como mestre. É preciso pregar? Desempenha-se bem a tarefa de pregador. Existe falta de dinheiro? É possível conseguir, seja orando a Deus ou colocando mãos à obra – literalmente.

Paulo É Exemplo De Vida Simples

Nas questões financeiras, mantinha um rigor consigo mesmo e não se sentia bem solicitando ajuda dos irmãos da cidade de Corinto. Ele afirma: "*Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir, e, estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém...*" (2 Co 11.7-9). Que exemplo para a igreja de Corinto. Não ganhava um tostão daquela igreja, e recebia contribuições de uma igreja pobre na Macedônia para ajudar os irmãos de Corinto, chegando mesmo a passar por privações nesta cidade. Seu estilo de vida revelou a verdadeira condição daqueles irmãos de Corinto, que deixavam o apóstolo passar necessidades em seu meio.

5. Padrão Como Apóstolo

Paulo não era apóstolo de nome, como alguns que se afirmam apóstolos, mas no desempenho de seu serviço a Deus, tema já abordado no primeiro módulo em que o aluno estudou o tipo de chamamento que Paulo tinha em mente. Ele era ministro porque servia; era um ajudante de ordens, alguém que, como o "auxiliar de remador" trabalhava sob ordens.

Raramente Paulo é lembrado nos dias de hoje como exemplo apostólico a ser imitado. Quantos que se dizem apóstolos e ficam trancados em gabinetes administrativos de igrejas? O verdadeiro apóstolo vive em movimento, transitando no meio da igreja, sem distinção denominacional, trabalhando pela unidade do corpo, pela evangelização mundial, imitando a vida de Jesus, dos primeiros apóstolos e de Paulo.

Paulo estava ciente de sua responsabilidade com Deus. Ele sabia que o fundamento da igreja era Cristo, e que ele, Paulo, não somente deveria construir sobre Cristo, como estabelecer o fundamento das novas igrejas em todas as cidades do mundo. *"Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor... porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo" (1 Co 3.10-11).* E mais: acreditava que a igreja estava edificada *"sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular"* (Ef 2.20-21).

5.1. Modelo De Pregação De Poder

Paulo serve de modelo na pregação. *"Para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre"* (2 Tm 1.11). Ele ensina que a pregação deve ser com manifestação de poder (Rm ho15.18; 2 Co 12.12; 1 Ts 1.5). Ele sabia que palavras, apenas, não convertem uma pessoa, e que ele, pessoalmente, precisava contar com o poder de Deus para levar os gentios a Cristo. Convencia as pessoas com palavras de Deus e não com as suas. Por isso fala em *"por palavra e por obras, por forças de sinais e prodígios"* (Rm 15.18-19). Suas palavras, isto é, o que pregava vinha confirmado com manifestações de poder. Quantos pregadores têm palavras sem poder e poder sem palavras.

5.2. Modelo De Vida A Ser Imitado

Quem de ousa afirmar, como Paulo, que as pessoas devem-no imitar? As pessoas olharão para o obreiro e se perguntarão: imitar em quê? Mas este deve ser o objetivo do obreiro e ministro de Cristo: viver de tal forma que as pessoas os imitem. Primeiro, imitando-os como seguidores de Jesus Cristo. *"Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados, e andai em amor, como também Cristo nos amou..."* (Ef 5.1-2). Depois, imitando-os em seu estilo de vida.

É preciso observar o estilo de vida de Paulo. *"Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores"* (1 Co 4.16). Ele podia dizer: *"Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Co 11.1).*

"Imitadores nossos e do Senhor" (1 Ts 1.6). Que ousadia. Basta olhar para Paulo que se vê espelhado nele a pessoa de Cristo. Eis aí uma advertência aos ministros, quer sejam apóstolos ou pastores locais: imitem a vida de Paulo.

5.3. Modelo De Fé E Desprendimento

> *"Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto. Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livrei das suas mãos" (2 Co 11.24-33 c/ 1 Co 4.9-13).*

Nos textos aos Coríntios, Paulo fala das dificuldades que enfrentou ao longo de seu ministério. Se o estudante anotar uma por uma as dificuldades enfrentadas por Paulo no relato destes dois textos verá o que significava desprendimento na obra de Deus naqueles dias.

5.4. Modelo De Abnegação

Paulo não costumava se orgulhar da sabedoria que tinha, no entanto, por vezes deixa transparecer seu conhecimento de leis, das letras, da história e das escrituras. Sua formação religiosa se dera

aos pés de Gamaliel, principal mestre dos judeus (At 5.34 e 22.3). Gamaliel tinha grande prestígio entre o povo. Herdeiro do pensamento de Hilel, um dos mestres dos judeus, era um mestre, ou rabino, considerado um dos melhores professores da lei. Uma tradição não inteiramente segura o considera filho ou neto de Hilel. (Notas de John L. Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, Ed. Paulinas, p 372).

Paulo escreve aos Filipenses que poderia confiar, se assim o quisesse, em sua capacidade natural, porque vivia conforme a lei desde que tinha oito dias de vida quando foi circuncidado; e que era irrepreensível na aplicação da lei, mas, afirma, "*o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo... por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo*" (Fp 3.7-8). A palavra refugo aqui é a mesma que esterco. Aos olhos de Cristo, a sabedoria humana é esterco.

O que vale quando alguém é conduzido à salvação é a sublimidade do conhecimento de Cristo.

5.5. Modelo De Perdão

Um fato negativo na vida de Paulo foi sua insistência com Barnabé de não querer levar a João Marcos, pela segunda vez, na viagem missionária.

Os dois discutiram, brigaram e se separaram. O Espírito Santo chamara os dois para trabalharem juntos, mas o forte temperamento de Paulo os dividiu (At 15.36-40).

No início de seu ministério Paulo precisava aprender a morrer para sua carne. Não há dúvidas de que a igreja tomaria outro rumo se Paulo não tivesse se separado de Barnabé, nem subido a Jerusalém, advertido que fora pelo Espírito Santo. Isto pode haver retardado a obra de Deus. Só a eternidade confirmará.

No entanto, no fim da vida, preso, Paulo reconhece o ministério daquele que ele havia desprezado, e pede que Marcos venha para ajudá-lo: "*Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério*" (2 Tm 4.11). O que aconteceu entre o homem de

Atos 15 e o de 2 Timóteo 4? Certamente uma mudança de vida, pois se humilhou, reconhecendo o ministério de Marcos.

5.6. Modelo De Perseverança Até A Morte

Ele podia dizer no fim de sua vida: "*Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada...*" (2 Tm 4.7-8). Quantos são os que não completam a carreira, caindo no combate, abandonando a fé ou o renunciando ao seu chamamento? Fé e carreira são duas coisas que têm de ser completadas juntas. Estudar a vida de Paulo é compensador ao estudante da Bíblia.

Pergunta para reflexão: Vivemos intensamente o chamamento de Deus, renunciando aos prazeres, aos deleites da vida, pregando o evangelho e estabelecendo igrejas como nosso amado irmão Paulo?

Centralidade da reflexão: A vida de Paulo é exemplo de abnegação e serviço. Ele não media dificuldades quando o Espírito Santo lhe enviava para regiões remotas; e, mesmo avisado pelo Espírito Santo, em várias ocasiões, de que seria preso em Jerusalém, decidiu ir até lá pregar a palavra de Deus.

BARNABÉ: EXEMPLO DE PERSEVERANÇA

Neste capítulo o aluno estudará a vida de Barnabé como exemplo apostólico. No ensino de teologia pastoral deve-se levar em conta que ele também era considerado na igreja primitiva um apóstolo de Jesus Cristo. Barnabé não pode ser esquecido como exemplo de humildade e de serviço apostólico, ainda que Paulo, Pedro, João e Tiago sejam mais influentes na igreja e na composição do Novo Testamento que ele. Barnabé, no entanto, exerceu papel importante para o sucesso do ministério de Paulo.

Barnabé teria escrito uma epístola conhecida como "Epístola de Barnabé", dividida em quinze capítulos, que não consta no cânon do Novo Testamento. Sua obra foi citada por Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio e Jerônimo e outros pais da igreja.

Orígenes e Jerônimo consideravam a epístola de Barnabé canônica, isto é, inspirada. Um bom número de teólogos concorda que a epístola que ele escreveu era lida pelos judeus cristãos, ou ebionitas, que se apegavam muito a ritos e cerimoniais. Uma nota sobre os ebionitas:

> Os ebionitas são citados por Irineu de Lião (discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João), na segunda metade do século II d.C., no tratado, Contra as Heresias, nos seguintes termos: (Os ebionitas) só usam o evangelho de Mateus e rechaçam ao apóstolo Paulo, chamando-o de apóstata da lei. Pois os ebionitas, servindo-se somente do evangelho de Mateus, deixam-se por ele persuadir e não pensam retamente do Senhor. Obras, como "Viagens de Pedro" de fins do século I fazem referência a este grupo.

1. Os Apóstolos Mudaram-Lhe o Nome Para Barnabé – Filho Da Consolação

Barnabé nasceu na ilha de Chipre e era levita, isto é, descendia dos filhos de Levi, que no Antigo Testamento foram escolhidos por Deus para formarem a tribo sacerdotal. Sendo levita, por certo, era de família nobre e sabia interpretar a Lei. Foi considerado um dos apóstolos da igreja, e como Paulo, não fazia parte dos Doze. Paulo o considerava apóstolo, conforme podemos ver no texto de 1 Coríntios 1 Co 9.3-6.

É possível acompanhar a trajetória deste homem de Deus desde o nascimento da igreja, visto que ele foi um dos que vendeu um campo e depositou o dinheiro da venda aos pés dos apóstolos. Ao proceder assim, ficava livre dos compromissos terreais, dispondo-se a viver somente para pregar o evangelho de Jesus Cristo.

Ele era parente de Maria em cuja casa a igreja se reunia na cidade de Jerusalém, pois na casa dela os irmãos estavam reunidos orando por Pedro que estava na prisão. Foi para lá que Pedro se dirigiu quando o anjo o libertou.

É quase certo que o jovem Barnabé estava na casa orando quando Pedro apareceu (At 12.12). Maria é a mãe de João Marcos, e este é apresentado nas escrituras como primo de Barnabé (Cl 4.10).

A primeira menção de Barnabé no livro de Atos tem a ver com seu caráter. Seu nome de nascimento era José, mas os apóstolos acharam por bem mudar o nome dele de José para Barnabé, nome grego que quer dizer "filho da consolação"; um nome que combinava melhor com o estilo de vida deste levita. "José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer filho de exortação, levita, natural de Chipre" (At 4.36).

Alguns acreditam que do início da igreja à dispersão dos irmãos em Atos capítulo oito tenha se passado onze anos. Se assim

for, Barnabé teria conhecido a Jesus e estava no cenáculo quando do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, acompanhando o crescimento da igreja em Jerusalém este tempo todo. Quando veio a perseguição, alguns discípulos fugiram de Jerusalém e foram para Antioquia, e naquela cidade começaram uma igreja gentílica entre os gregos.

Os apóstolos que estavam em Jerusalém ficaram sabendo que uma igreja gentílica havia se iniciado em Antioquia e precisavam de alguém que descesse até lá para tomar conta da emergente igreja, e por ser uma igreja iniciada por gregos que se converteram ao evangelho de Cristo, enviaram um judeu-grego, que se identificava melhor com a cultura dos gentios. "*A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia*" (At 11.22).

Barnabé demonstrou entre aqueles irmãos a qualidade de seu caráter, pois, diz a escritura, que, "*tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e* ***exortava*** *a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor*" (At 11.23 – grifo nosso). O filho da consolação chegou a Antioquia insistindo aos irmãos que se fortalecessem na fé.

A capacidade de consolar, exortar e edificar é fundamental a todo servo de Deus que trabalha na obra. Estas três palavras são encontradas no texto de 1 Coríntios 14.3 em que Paulo afirma que "*o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando*", apontando que o obreiro deve ter um ministério que "levante" o ânimo das pessoas, ajudando-as a permanecerem firmes na fé, e não as desanimando.

Estas três palavras têm o sentido positivo e não negativo. Consolar - *paramuthia* e exortar - *paraklesis*, possuem sentidos semelhantes no grego bíblico, e indicam "ficar ao lado", "falar ao pé do ouvido, animando" e também tem o sentido de discursar, animando e encorajando a pessoa. A raiz "Para", no grego quer dizer "ficar ao lado", e "*kaleo*" chamar. No grego, consolar, tem um sentido mais forte e mais intimista que exortar, pois indica a

presença de alguém que fica juntinho, ao lado, ajudando. Já a palavra edificar, vem do grego – *oikodome* - que é construir, erguer, cuja raiz *oikós* quer dizer casa, ou construção. (Vine's Expository Dictionary of Biblical Words, 1985, Thomas Nelson Publishers). Como se vê o nome Barnabé tem conotações bem fortes de alguém que está ao lado de outra pessoa para animar, ajudar e para erguê-la.

Assim, Barnabé possui qualidades espirituais que devem ser imitadas, "*Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor*" (At 11.24). A bondade, qualidade que todo irmão que consola e ajuda o próximo deve ter, era algo natural em Barnabé. Duas outras qualidades espirituais nele se destacam: ele era cheio do Espírito e tinha fé. Barnabé foi o homem que o Espírito Santo usou para fazer de Antioquia a igreja que se tornaria o centro de obras missionárias para o mundo todo.

2. Barnabé: Homem De Visão

Barnabé seria conhecido hoje nos meios empresariais como "caçador de talentos", pois descobriu em Paulo um obreiro em potencial e o animou a trabalhar no ministério, depois que os apóstolos em Jerusalém pediram que Paulo deixasse a cidade. Barnabé exerceu grande influência sobre seu primo João Marcos e sobre Paulo. Investiu em João Marcos, um moço inexperiente, e em Paulo, um judeu recém convertido.

2.1. Homem De Coragem

Paulo, anos depois de convertido, chegou a Jerusalém e queria se encontrar com os discípulos, mas muitos o temiam, pois desconfiavam de que ele estava se passando por discípulo para prender os apóstolos. Barnabé era homem de coragem, pois é dele a iniciativa de apresentar Paulo aos apóstolos que residiam em Jerusalém. Barnabé encontrou-se com Paulo, ouviu seu testemunho e "*tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos; e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus*" (At 9.26-27). O

filho da consolação não temeu represálias e pôs sua reputação em risco, acreditando no testemunho de Saulo.

Depois de ser acolhido por Barnabé em Jerusalém, Paulo passou a pregar a respeito de Jesus Cristo com muita ousadia, discutindo filosofia com os gregos – uma das especialidades de Paulo – e os irmãos acharam que ele deveria sair da cidade. "*Tendo, porém, isto chegado ao conhecimento dos irmãos, levaram-no até Cesaréia e dali o enviaram para Tarso*" (At 9.30). Conforme o testemunho de Paulo isto teria acontecido três anos depois de sua conversão (Gl 1.18-24).

3. Barnabé E Paulo E Seus Empreendimentos Missionários

Depois de se alegrar com os irmãos de Antioquia, Barnabé percebeu que Paulo seria de grande ajuda, e foi buscá-lo em Tarso. "*E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; e tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia*" (At 11.25-26). O texto dá a entender que Barnabé custou a achá-lo. Certamente decepcionado com o que lhe acontecera em Jerusalém, Saulo ao que parece, decidiu residir na cidade de Tarso com seus pais. Trabalhava em sua profissão e se dedicava ao estudo da escritura, quando Barnabé o encontrou.

Esta qualidade de Barnabé em apoiar e ajudar os novos obreiros que surgiam no seio da igreja, permitiu que ele, com a ajuda de Saulo transformassem a pequena igreja num centro importante de evangelização mundial.

3.1. Foram Companheiros No Crescimento Da Igreja

"*E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos*" (At 11.26). Agora, como fruto de seu ensino, as pessoas que se convertiam eram apelidadas de "*pequenos cristos*", ou *cristãos.* Alguns comentaristas acreditam que "cristãos" fosse um apelido pejorativo, outros, porque os discípulos desta cidade procuravam em tudo imitar o Senhor Jesus.

3.2. Companheiros Na Assistência Social

Ágabo, profeta que residia em Jerusalém foi a Antioquia e avisou os irmãos que uma grande fome viria sobre a terra. Os discípulos, acreditando ser esta uma palavra do Senhor, providenciaram ajuda para os irmãos da Judéia, e fizeram chegar, pelas mãos de Barnabé e de Saulo ajuda aos irmãos de Jerusalém. "*O que eles, com efeito, fizeram, enviando-o aos presbíteros por intermédio de Barnabé e de Saulo*" (At 11.30). Dois apóstolos com fardos nas costas e sobre mulas, ajudando os irmãos. Um quadro que raramente se vê nestes dias. "*Barnabé e Saulo, cumprida sua missão, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, apelidado Marcos*" (At 12.25).

3.3. Companheiros Para O Jovem João Marcos

Quando retornaram de Jerusalém, Barnabé e Saulo trouxeram João Marcos para fazer parte da equipe em Antioquia. Que qualidade possuía Barnabé, pois saíra anteriormente à procura de Paulo e agora queria investir em João Marcos. Que exemplo de vida e de ministério. Um ano com Saulo e, agora, mais investimentos no novo obreiro João Marcos.

Eis aqui um homem que, além de ser filho da consolação, é misericordioso, compassivo, clemente, piedoso, perdoador, reconciliador e pacificador. Quanta diferença de líderes que têm antiqualidades. São inclementes, indiferentes, rancorosos, briguentos e rançosos.

4. Uma Igreja Pronta Para Servir Ao Mundo

A missão da igreja é evangelizar o mundo, e ao que parece, o Espírito Santo encontrou na igreja pastoreada por esta equipe a igreja certa para a evangelização mundial.

Alguns comentaristas afirmam que durante muitos anos a igreja acomodou-se na cidade de Jerusalém, e até a morte de Estevão não cumprira com sua missão evangelizadora. Somente com a perseguição, os discípulos fugiram da cidade, iniciando igrejas em várias cidades da Palestina e em outros países. Deve haver

alguma razão por que os apóstolos ficaram na cidade e não foram expulsos, já que, nas vezes anteriores, sempre que havia perseguição, os primeiros a serem perseguidos e presos eram os apóstolos. Alguns comentaristas afirmam que eles não ofereciam mais riscos aos líderes políticos, aos sacerdotes e ao povo, e por isso, não foram incomodados.

Os discípulos mais ousados, como Felipe tiveram que fugir da cidade. Estudando o tema com mais profundidade, percebe-se uma mudança no projeto de Deus, outorgando à nova igreja dos gentios, a responsabilidade de evangelizar o mundo da época.

Isto fica evidente no relato dos Atos dos Apóstolos, porque depois de um ano servindo a Deus com jejuns e oração, o Espírito Santo falou ao grupo: "*Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado*" (At 13.2).

Não restam dúvidas de que os que vivem na presença do Senhor ouvirão a sua voz. "*Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram*" (At 13.3).

Um dos aspectos que deve ser destacado é a presença de outras raças na nova igreja gentílica, pois o plano de Deus inclui todos os povos do mundo. Um negro foi o primeiro profeta na igreja de Antioquia: "*Simeão, por sobrenome Niger*" – e *niger* é a palavra grega para negro – também servia o Senhor lado a lado com pessoas de outras raças. A igreja de Jesus Cristo é formada de todos os povos, raças, tribos e nações.

É de Antioquia que parte a primeira equipe apostólica para evangelizar os povos da terra, pois só a partir de Atos 13 é possível ver os ministérios apostólicos operando fora do âmbito da igreja local. Os apóstolos passaram a começar novas igrejas, estabelecendo líderes locais, os presbíteros, para cuidar das igrejas em cada cidade.

4.1. Uma Equipe Pronta Para Trabalhar

Este homem de Deus não quis ser um solitário na obra de evangelização e decidiu trabalhar em equipe. Diferentemente de muitos que decidem empreender um ministério "solo" como se na

igreja existisse lugar só para eles. Na igreja o ministério é todo inter-relacional. A obra de Deus tem de ser feita em equipe. Os obreiros precisam da ajuda de seus pares no ministério.

A primeira viagem da equipe apostólica, sob a liderança de Barnabé deixou igrejas em várias localidades, mas, no decorrer da viagem, não sabemos por que, o jovem João Marcos abandonou a equipe na Panfília e regressou para Jerusalém.

Não sabemos o que aconteceu; se foi o temperamento explosivo de Paulo que amedrontou o jovem, a dureza da vida ministerial, a saudade de casa, ou o quê; o certo é que o episódio ainda traria repercussões negativas algum tempo depois.

O relato do que Deus fez através destes dois apóstolos pode ser lido em Atos 13.4 a 14.28. No regresso a Antioquia, reúnem a igreja e relatam aos discípulos o que Deus fizera através deles entre os gentios. "*Ali chegados, reunida a igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles e como abrira aos gentios a porta da fé*" (At 14.27).

Como a igreja de Antioquia cresceu e se expandiu com características diferentes da igreja de Jerusalém, surgiu o primeiro conflito doutrinário com os judeus, a respeito da circuncisão.

Na nova igreja de Antioquia, os gregos que se convertiam não eram submetidos à prática judaica da circuncisão, causando problemas no relacionamento destes irmãos com os apóstolos de Jerusalém.

Alguns cristãos de origem judaica foram a Antioquia e começaram a ensinar que todos deveriam seguir o rito da circuncisão para serem salvos.

Paulo e Barnabé achavam que os gentios não precisavam cumprir a lei judaica para serem salvos, e houve grande discussão dos dois com os que desceram de Jerusalém. Então, a igreja de Antioquia, composta, maiormente por gentios, enviou os dois para tratar do tema com os apóstolos que estavam em Jerusalém.

A caminho de Jerusalém, Paulo e Barnabé aproveitaram para fortalecer a vida dos discípulos em várias cidades que havia no

trajeto (At 15.3) relatando o que Deus estava fazendo entre os gentios, e "*causaram grande alegria a todos os irmãos*" (At 15.3).

Eles aproveitaram o concílio para relatar o sucesso da jornada missionária, "*E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios*" (At 15.12). O concílio composto pelos apóstolos, presbíteros e pelos líderes concluiu que os gentios não precisavam se submeter ao rito da circuncisão. O Espírito Santo é sábio. Livrou a igreja desta carga da lei.

5. A Cisão

Depois do concílio de Jerusalém, Barnabé e Saulo retornaram para Antioquia acrescentando à equipe apostólica dois obreiros profetas que viviam em Jerusalém, Judas e Silas. Sem dúvida, Barnabé a ação parece haver partido novamente de Barnabé investindo em novos obreiros. Logo que chegaram a Antioquia, Barnabé e Saulo continuaram sua missão de ensinar e pregar a palavra do Senhor (At 15.35).

A equipe apostólica preparou-se, então, para uma nova viagem missionária. Mas surgiu um contratempo entre os dois. Barnabé queria levar com ele seu primo João Marcos que os abandonara na primeira viagem. Paulo não gostou da idéia e os dois discutiram muito.

> "*E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos", certamente porque Silas, que descera de Jerusalém com Judas, acompanharia também a equipe apostólica. "Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se. Então, Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre*" (At 15.37-39).

Observa-se neste episódio que Barnabé perdoou a João Marcos e dispôs-se a investir novamente no jovem, mas Paulo tinha um temperamento intempestivo, e fincou pé, insistindo que não

levaria Marcos com ele. Barnabé, ao defender o jovem Marcos, demonstrou novamente sua capacidade de gerenciar pessoas.

Certamente entendeu as razões por que João Marcos os deixou, e decidiu dar a ele uma nova oportunidade. Mas Paulo não pensava assim.

5.1. O Espírito Santo Os Uniu, As Opiniões Os Separaram

Não há dúvidas de que o temperamento e a intransigência de Paulo separou aqueles que o Espírito Santo unira. Não resta dúvidas de que a obra missionária teria sido maior se os dois continuassem viajando juntos pelo mundo. A obra de Deus sofreu muitos prejuízos com a separação deles. A partir daí, a história só relata o que aconteceu com Paulo, porque Lucas engajou-se na equipe em Trôade (At 16.7-10).

Os comentaristas insistem que em Trôade, Lucas se uniu à equipe apostólica passando a registrar os acontecimentos do livro de Atos. A mudança de tratamento no texto, do singular para o plural, ao escrever que "tentavam ir para a Bitinia" e "procuramos partir para aquele destino", é a chave para a chegada de Lucas. O Espírito Santo não aprovou a separação. Muitos dizem que a separação foi boa porque, a partir daí, havia duas equipes, no entanto, Deus não aprovaria este tipo de situação.

6. Barnabé, Exemplo De Tato Ministerial

Tato é a capacidade de lidar com as pessoas e assuntos. O Dicionário Aurélio define-o como cautela, prudência, habilidade, capacidade e vocação. Muitos dos problemas enfrentados pelos obreiros, especialmente no ministério, são decorrentes da falta de tato e da habilidade destes em tratar com as pessoas.

O obreiro precisa ter em mente que lida com pessoas e emoções, com sentimentos, razões e preconceitos, e por isso deve aprender a usar o tato, e o melhor exemplo é o de Barnabé. Cada pessoa é diferente e reage diferentemente da outra.

É bom ter em mente que o melhor dos homens, não passa de homem. "*Nós também somos homens como vós, sujeitos aos*

mesmos sentimentos" (At 14.15). Não se deve estranhar quando há diferenças entre as pessoas. As dificuldades, freqüentemente, prevalecem sobre outras circunstâncias. Os judeus incrédulos e as imposições dos judeus crentes não conseguiram separá-los, no entanto, o temperamento de Paulo provocou a separação.

Barnabé, ao que parece, não ficara bem visto pelos irmãos de Jerusalém por haver amparado a Paulo, conforme o relato de Paulo em Gálatas 2.1-9. E agora, paga alto dividendo pelo apoio que dera ao servo de Deus.

6.1. O Espírito Santo Os Uniu; A Carnalidade Os Separou

Cinco anos após este incidente Paulo escreveu que a única base para a separação entre os irmãos na Bíblia é o pecado. Esta é a tese de Paulo em suas epístolas. "*Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes*" (2 Ts 3.6). "*Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais*" (1 Co 5.9-11).

Não é possível comungar de igual para igual com os que se dizem discípulos de Jesus, mas vivem em pecado. Nem mesmo entre os líderes da igreja deve haver separação (1 Co 3.3-10).

6.2. Paulo Colheu Os Frutos Do Ministério De Barnabé

Barnabé que ajudou a forjar a Paulo, dando-lhe oportunidade de crescer e de ensinar na igreja de Antioquia, também investiu na vida de João Marcos. A história encobre o que teria acontecido nos anos seguintes com Paulo e Barnabé, se alguma vez voltaram a se encontrar, mas, pode-se inferir pelo registro bíblico de uma coisa: Preso em Roma, antes de ser decapitado, Paulo suplica a Timóteo que busque imediatamente a

João Marcos: "*Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos, e traze-o, pois me é útil para o ministério*" (2 Tm 4.11). João Marcos, o homem que fora motivo de cisão entre dois apóstolos, teve a oportunidade de abençoar e ajudar aquele que o rejeitou.

E quem está por trás dessa valorização pessoal? Barnabé! Em Colossenses 4.10 Paulo escreve: "*Saúda-vos Aristarco, prisioneiro comigo, e Marcos, primo de Barnabé (sobre quem recebestes instruções; se ele for ter convosco, acolhei-o*").

João Marcos pôde servir a Paulo no fim da vida deste, porque Barnabé investiu nele. Que qualidades podem ser vistas em Barnabé? Um homem hospitaleiro, porque acolhe a Paulo em sua cidade; homem generoso, dadivoso e desprendido. Persistente, porque sai à procura de Saulo e porque decide preparar a João Marcos para o ministério.

Paulo, por sua vez, nem menciona a Barnabé quando relata sua primeira viagem a Jerusalém (Gl 1.18), no entanto, anos mais tarde terá que reconhecer o ministério daquele que ele desprezou.

As fraquezas dos servos de Deus são o grande empecilho para o desenvolvimento da obra e também do indivíduo. João da Cruz, célebre místico português afirmou: "Muitas vezes Deus deixa nos melhores santos alguns defeitos, dos quais, por mais que queiram, não conseguem deles desvencilhar-se, a fim de levá-los a sentir sua própria fraqueza, para que aprendam que não podem viver sem a graça de Deus".

Pergunta para reflexão: Os irmãos de nossa igreja e as pessoas que nos conhecem nos consideram pessoas de caráter, de humildade e respeito? Vêem em nós um "Barnabé" sempre disposto a ajudar e a sofrer o dano?

Centralidade da reflexão: Que exemplo apostólico devemos seguir? Todos os apóstolos tinham suas fraquezas, mas cada um deles, muita qualidade. Em Barnabé temos exemplos de fidelidade, companheirismo e amor.

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

➢ Marque "C" para Certo e "E" para Errado

1) ☐ O eu chamamento de Paulo foi feito diretamente por Jesus no encontro que teve com ele a caminho de Damasco.

2) ☐ Pedro é padrão de obediência, e estava disposto a pagar o preço do chamamento divino.

3) ☐ Paulo e Silas, apóstolos de Jesus, não ficavam sentados em seus gabinetes como alguns que se dizem apóstolos e pastores.

4) ☐ Barnabé nasceu na ilha de Creta e era levita, isto é, descendia dos filhos de Levi.

5) ☐ Barnabé seria conhecido hoje nos meios empresariais como "caçador de talentos", pois descobriu em Paulo um obreiro em potencial e o animou a trabalhar no ministério.

6) ☐ Barnabé que ajudou a forjar a Paulo, dando-lhe oportunidade de crescer e de ensinar na igreja de Roma, também investiu na vida de Simão Pedro.

Lição V

O Ministro e Seus Relacionamentos
O Ministro: Fama, Orgulho e Honra

O Ministro E Seus Relacionamentos

Agora estudaremos a respeito do relacionamento do ministro com as pessoas que convivem com ele, sejam estes líderes políticos, comunitários e demais pastores que, como ele, pastoreiam o rebanho de Cristo na mesma localidade. Um dos enfoques será a necessidade da unidade do corpo de Cristo, que inclui irmãos e pastores de outras denominações, assunto às vezes controverso, mas recomendado pelas escrituras.

O tema se inicia com a abordagem da necessidade de se entender a importância da cidade aos olhos de Deus, pois nela o obreiro está ministerialmente inserido.

1. A Cidade E O Ministro

O relacionamento do obreiro com a cidade onde exerce seu ofício deve ser visto à luz da ótica de Deus sobre as cidades. Esta ótica divina pode ser analisada pela constante menção das cidades tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

As cidades são vistas nas escrituras como um conglomerado de homens e mulheres por quem Deus tem especial interesse.

O Antigo Testamento menciona constantemente cidades como Jerusalém, Babilônia e Nínive, e o Novo Testamento menciona Antioquia, Éfeso e Roma, o que indica que Deus demonstra especial interesse por elas. De todas as cidades Jerusalém é a mais mencionada nas escrituras.

Os centros urbanos são tão importantes que as leis dadas a Moisés estabelecem critérios para quem tem propriedade no campo e na cidade.

Tome-se como exemplo a cidade de Jerusalém. Ela era tão importante aos olhos de Deus que é bem possível que ele tenha colocado ali um anjo para guarnecer a cidade, pois quando Senaqueribe ameaçou invadi-la, o anjo saiu a defendê-la: "*Então, naquela mesma noite, saiu o Anjo do Senhor e feriu, no arraial dos assírios, cento e oitenta e cinco mil...*" (2 Rs 19.35-36).

Alguns comentaristas explicam que o anjo "saiu da cidade", indicando que Jerusalém tinha um anjo protetor.

Por ser a cidade um lugar de vida, Deus orienta os judeus da Dispersão – isto é, os que foram levados para o cativeiro - a trabalharem pelo bem de Babilônia: "*Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz*" (Jr 29.7).

Seria normal para o povo odiar a cidade da Babilônia e rejeitar tudo o que ali acontecia. Mas aos olhos de Deus, o povo deveria se adaptar à nova cidade, orando por ela e contribuindo para a paz da região. Este texto pressupõe que a cidade tem um papel importante no relacionamento Deus e povo. Se a cidade vai bem, o povo de Deus também.

No Novo Testamento Paulo entendeu a importância da cidade ao recomendar os cristãos a orar por todos "*os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito*" (2 Tm 2.2).

R:2

1.1. Cidades São Também Alvos Do Inimigo

As cidades são alvos diretos da ação de Satanás que direciona sua ofensiva contra os sistemas e estruturas dos centros urbanos.

Robert Linthcum, no livro *Cidade de Deus, Cidade de Satanás,* afirma que os líderes principais de uma cidade estão maduros e prontos para serem seduzidos, porque, como estão no

controle da situação, e acreditam no seu potencial são alvos do Diabo. Sem querer acabam seduzidos por forças espirituais ocultas, porque não conseguem conceber que Satanás controla as estruturas de certas cidades. Existem governadores, prefeitos e líderes comunitários que se declaram "guiados" por esta ou aquela força espiritual.

A igreja costuma ignorar esta estratégia do Mal, especialmente porque se preocupa apenas com o indivíduo, sem se preocupar com a cidade em que ele vive, deixando terreno aberto para que Satanás influencie os sistemas da cidade, incluindo sua espiritualidade. O pastor, por ser um líder espiritual não deve ignorar a ação do mal, e sim trabalhar e vigiar para que a cidade não seja atacada por leis e projetos com influência satânica. O líder deve ficar atento às leis e decisões do município que afetem ou prejudiquem a vida de seus cidadãos, sendo ele o primeiro a denunciá-las publicamente.

Existe uma luta pelo controle espiritual das cidades, e o próprio Espírito Santo se encarregou de mostrar a importância dos grandes centros urbanos a Paulo que pensava em seguir viagem para a Ásia e Bitínia, afastando-se cada vez mais dos grandes centros comerciais da época. Quando tentava afastar-se dos centros importantes, o Espírito Santo se interpôs no caminho de Paulo e o impediu duas vezes de seguir naquela direção (At 16.6-10).

E para onde o levou? Mostrou a Paulo numa visão que ele deveria seguir para a Grécia e suas grandes cidades e de lá para Roma.

Esta decisão do Espírito Santo fez que cidades como Éfeso, Corinto, Atenas e Roma se tornassem centros missionários para a evangelização mundial. Na cidade de Éfeso Paulo aproveitou o horário vago da escola de Tirano e a alugou para reunir as pessoas e dar treinamento de obreiros (At 19.9-10).

1.2. Amando A Cidade Onde Vive

O obreiro precisa ver a cidade como Deus a vê. Jesus amava a cidade de Jerusalém e sobre ela chorou, exclamando: "*Jerusalém,*

Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Mt 23.37).

O Senhor Jesus amava o mundo todo, mas amou com particularidade Jerusalém. O obreiro, na maioria das vezes é enviado – por Deus e pelos homens – a cidades que ele nunca anelou residir; e enviado a cidades em que não tem nenhum apreço. É necessário, neste caso, mudar o enfoque da visão, enxergando a cidade sob a ótica divina.

A cidade pode ser culturalmente diferente; o povo poderá ter costumes que são estranhos ao obreiro; as pessoas se comportam de outra maneira, no entanto, o obreiro precisa aprender a amar a nova cidade para onde foi enviado.

Neste sentido o obreiro precisa aprender a se adaptar às novas realidades, buscando enxergar a cidade como Deus a vê; e amar as pessoas como Deus as ama. Se assim proceder, logo se sentirá um cidadão dali, zelando pelo bem da sua nova cidade.

2. Relacionamento Com Os Líderes Da Cidade

2.1. Autoridades Da Cidade

O ministro deve se relacionar com os líderes da cidade sem que precise abrir mão da mensagem do evangelho, abandonar a fé que prega nem comprometer sua espiritualidade. Líderes como o prefeito, vereadores, juízes, delegados, promotores, comerciantes e industriais devem saber que há um ministro na cidade que defende princípios éticos e morais, e mesmo que não concordem com os pontos de vistas morais, passam a respeitar o pastor.

O obreiro deve ser firme quanto à sua postura ministerial, usando da autoridade divina, orando pelas autoridades e exortando-as biblicamente. Sempre que os projetos da cidade não interfiram nem se oponham à pregação do evangelho e ao estabelecimento da igreja na cidade, devem ser merecedores de seu explícito apoio.

Daniel conseguiu passar incólume por vários impérios sem se contaminar com o poder político. Ao contrário, quando a questão política atravessava seu caminho, se colocava ao lado de Deus, a ponto de ter que enfrentar os leões. E tinha autoridade para apontar o dedo para o rei Nabucodonosor e exortar: "*Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniqüidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranqüilidade*" (Dn 4.27).

Não teve medo do rei e o exortou. Anos depois, João Batista confrontou a Herodes com a verdade, e foi morto.

O obreiro deve ficar conhecido de todos os não crentes de sua comunidade. O barbeiro, o sapateiro, o lojista, o gerente de banco, enfim, todos devem saber que o obreiro é importante para os assuntos da comunidade. Sempre que houver um assunto espiritual as autoridades o procurarão.

Nas cidades pequenas é mais fácil manter um bom relacionamento com as autoridades. O obreiro deve evitar cair na tentação de deixar seu posto de embaixador de Cristo na terra, para se tornar embaixador de homens. Nunca deve dividir o ministério espiritual que lhe dá acesso todos os dias ao Trono de Deus de onde recebe ordens de Jesus, com os tronos de homens.

Pastores há que todos os dias são atraídos pelas mordomias do poder, e dividem seu ministério com autoridades do mundo da política. O ministro do evangelho tem que alterar, pela pregação do evangelho, o estilo de vida de uma cidade, contribuindo para que o sistema iníquo de governo dê lugar a um governo de justiça e ordem.

O pastor deve ter em mente que quando envereda pelo caminho da política tende a perder sua autoridade espiritual.

2.2. Relacionando-Se Com Os Demais Ministros Do Evangelho Da Cidade

Em muitas cidades os pastores isolam-se dos demais colegas de ministério da cidade, assumindo ares de que são independentes e que não precisam dos demais pastores. Isto, no entanto, não é

bom. Existem muitos pastores fiéis com os quais pode-se ter comunhão, o que pode ser feito através de reuniões, conselhos de pastores, encontros e eventos da igreja.

Não se pode esquecer que a igreja de Jesus Cristo não é uma denominação em particular, por mais antiga que seja, e sim todos os irmãos, de todas as denominações que professam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor na mesma cidade.

O foco da unidade, no entanto, não é o de realizar trabalhos em conjunto, apenas, mas o de manter comunhão em torno da Pessoa de Jesus. Quando os líderes desviam os olhos de Jesus, tendem a colocá-los em banalidades como costumes, práticas religiosas culturais, denominações, etc.

Jesus sempre orou para que seus seguidores fossem um com ele e o Pai. "*Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim*" (Jo 17.22-23).

A unidade entre líderes de diversas denominações deve levar em conta também a unidade do corpo de Cristo na cidade. Em Cristo, todos formam uma mesma unidade. Olhando teologicamente, existe apenas uma igreja – Deus só tem um corpo. Paulo pede que os irmãos de Éfeso se esforcem "*diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da* paz" (Ef 4.2).

Assim, é preciso haver esforço da parte dos obreiros para que a unidade seja preservada. E acrescenta: "*Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos*" (Ef 4.3-6). Muitos tomam este texto para defender a fé de seu pequeno curral; como cada igreja tivesse seu próprio deus e vários senhores, com multiplicidade de fé, outros batismos e vários deuses, no entanto, este texto se refere a todos os irmãos do corpo de Cristo.

3. A Chave Da Conquista Da Cidade

A igreja tem em suas mãos a chave para mudar a vida espiritual e, conseqüentemente, a vida social de uma cidade. A chave é a unidade. E unidade não se consegue apenas com reuniões de pastores, mas com unidade de propósito. Nenhuma igreja, denominação, ou congregação local pode mudar a vida de uma cidade, isoladamente e sim com a ajuda de toda igreja e dos pastores. Somente desta maneira conseguirá alterar a vida espiritual de uma cidade, modificando a sociedade.

No livro *Violência tem Solução?* (SOUZA FILHO, João A.- Editora Betânia, B.H) o autor aborda alguns pontos sobre as dificuldades de se trabalhar em unidade com outros pastores da cidade.

☒ **Primeiro**, porque os pastores são acossados diariamente pelo medo de perder as ovelhas de seu rebanho a outro pastor na mesma cidade. Muitas vezes é fruto da falta de conhecimento que se tem dos demais pastores e também falta de amizade e de abertura entre eles para tratarem abertamente da vida dos membros do rebanho. Sempre é bom ter em mente que uma pessoa pode não se adaptar ao pastoreio de alguém e estar feliz sob o pastoreio de um colega. Neste ponto reside a maior fonte de desconfiança entre os pastores da cidade.

☒ **Segundo**, porque em geral os pastores receiam que, perdendo alguns membros haja diminuição dos recursos financeiros tão necessários para seu sustento. Muitos homens acham que o pastoreio eficaz está na quantidade de dinheiro que entra nos cofres da igreja. Como geralmente uma grande parte dos pastores depende integralmente dos recursos financeiros da igreja e não consegue sobreviver sem ele, por não ter qualquer outro recurso nem mesmo uma profissão, o zelo pelas pessoas pode estar ligado à necessidade de manter os recursos financeiros no mesmo patamar. Isto pode levá-lo a separar-se do outro pastor com o qual alguns de seu rebanho começaram a congregar. E lhe traz conflitos. E que conflito.

☒ **Terceiro**, os pastores lutam contra a semente da iniqüidade que encontra campo fértil em obreiros megalomaníacos, cujo objetivo é aumentar o número de membros, fundar novas "obras" visando a fama e o sucesso, não importando por quais meios. No afã de levar muitas pessoas para Deus, a perversa iniqüidade do ego não tratado, agindo no homem de forma tão imperceptível, motiva-o a trabalhar ainda mais. É diferente quando ele trabalha visando ganhar pessoas, salvar o homem de seu pecado, pensando apenas na excelência do reino de Deus na terra.

O desejo de subir de "status" social persiste em muitos pastores e isto, indiscutivelmente, impede o fluir da unidade de Deus entre eles. A sede do poder e domínio minam suas motivações. Um pastor pode estar tão imbuído com a evangelização e com o surgimento de novas congregações que a expansão entra em conflito com a unidade, roubando-lhe a prioridade. Aliás, este conflito entre unidade e expansão tem sido objeto de estudo em muitas conferências de pastores e deveria ser analisado com mais freqüência.

☒ **Quarto**, os pastores lutam contra a semente da iniqüidade que permeia por trás dos dons de Deus que neles operam. Sua obra cresce; seus compromissos aumentam, mas ele não está disposto, e encontra dificuldades em renunciar aos seus "direitos", pois afinal, crê que foi levantado por Deus para este tempo e não vai "perder tempo" com pastores que, a seu ver, nada têm a fazer. Não percebe, contudo, que uma semente de iniqüidade está agindo como um "vírus" nos dons que Deus lhe deu. Enquanto no reino de Deus o destino do obreiro é perder e perder e nada ter, a fim de que o Senhor tudo tenha, no reino do homem sob a capa de uma igreja forte e crescente, esconde-se o egocentrismo iníquo. É difícil, neste caso, andar em unidade, já que se terá de abrir mão de certas prerrogativas.

☒ **Quinto**, os pastores lutam contra o falso conceito de restauração, pressupondo que Deus levantou o seu grupo para este tempo a fim, e que sua igreja é a comunidade exemplar

para todo o mundo. Isso ocorre aqui e é também forte na América do Norte. O conceito messiânico de que as pessoas os procurarão buscando em suas congregações o conhecimento do Senhor.

A idéia subjacente de que sua denominação ou igreja local é a Sião de Deus no país, lugar de onde procedem o conhecimento e a lei. Esta é a tônica perversa que domina o íntimo de muitos pastores ferindo o corpo do Senhor na cidade. Reflexo do obreiro ainda não tratado, sem revelação de Deus no coração perversamente iníquo, todavia cercado por uma abóbada invejavelmente bem colorida de liderança, poder e glória. Sua congregação, por certo, crê que é a igreja modelo na sua cidade e quiçá, no país. Escondida no interior de seu povo está o chavão de que a unidade é possível quando todos reconhecerem e honrarem a posição de liderança que ele exerce.

Pode-se, pois, desenvolver um ministério na cidade que, ao longo dos anos levará o obreiro a ser reconhecido como homens de Deus por todos os segmentos da sociedade: políticos, empresários e a sociedade em geral olharão para os ministros como líderes religiosos importantes, com grandes benefícios e contribuições para o desenvolvimento da cidade.

Não se deve esquecer jamais de Daniel, o profeta bíblico que não se contaminava com os favores políticos do rei. Deve-se imitar a Isaías, que, mesmo da família real assumiu seu papel de profeta. Deve-se olhar para João Batista que teve ousadia para denunciar os pecados de Herodes, e olhar também para Paulo que não temia falar de Jesus diante do povo, de reis e do imperador romano.

4. Desenvolvendo Um Ministério De Servo

O pastor e sua igreja devem ser exemplo de serviço na comunidade, isto é, devem ser os primeiros a "arregaçarem as mangas" no lugar onde estão inseridos socialmente. Em épocas de crise, secas, inundações, desemprego e de violência, os pastores devem ser os primeiros a mobilizar a igreja para socorrer os mais necessitados.

A igreja do primeiro século conquistou a comunidade, isto é, os cidadãos, pelo estilo de vida, servindo e ajudando a todos indistintamente na sociedade, especialmente os pobres. O evangelho do reino que o ministro prega tem como características a manifestação do poder de Deus, a qualidade de vida dos membros da igreja e a justiça social. A igreja não deve pregar a justiça social, ela deve vivê-la. Quando João Batista duvidou de Jesus como o Messias de Israel, Jesus mandou lhe dizer: "*Os cegos vêem, os coxos andam, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho*" (Mt 11.5).

Os apóstolos repetiram a Paulo a recomendação de Jesus de que não deveriam esquecer dos pobres. Paulo reafirmou este objetivo: "*recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer*" (Gl 2.10). A sociedade passará a crer no evangelho quando observar as boas obras dos crentes.

4.1. Desenvolvendo Um Espírito De Serviço Sendo Exemplo A Outros Pastores

É um serviço que deve ser prestado primeiramente com o seu líder. Eliseu era conhecido como aquele que deitava água sobre as mãos de Elias: "*Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias*" (2 Rs 3.11). O obreiro precisa aprender a diferenciar um bajulador de um "puxa-saco".

O bajulador serve seu líder buscando posição na terra, o servo busca a recompensa eterna. A pessoa que serve com espírito de serviço tem em vista o galardão no reino de Deus, e não as benesses terreais. Era isto que Paulo tinha em mente quando disse aos irmãos para serem "*firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão*" (1 Co 15.58).

O obreiro deve aprender a servir seu colega de ministério, seja da mesma igreja ou de outra congregação, tendo em mente que seus inimigos não são os demais colegas pastores de outras denominações e sim Satanás.

Os demais pastores da cidade também estão empenhados na luta contra o diabo. Contra Satanás devem se unir todas as forças na cidade, jamais contra o colega pastor de outra igreja.

Este espírito de serviço pode ser desenvolvido ajudando um obreiro de outra igreja ou denominação que esteja passando por privações financeiras, suprindo-lhe as necessidades e de sua família.

É comprovadamente certo que, nos momentos de perseguição e de necessidades os pastores se unam para sobreviver. Não é necessário esperar pela tribulação; deve-se ajudar o colega como forma de mostrar a ele a unidade que se tem em Cristo Jesus.

4.2. Exemplo De Serviço Entre Os Irmãos

Os líderes da igreja devem ser exemplo de serviço, servindo também os irmãos da igreja. Jesus exortou aos discípulos, afirmando que a autoridade do obreiro vem pelo serviço.

Quando Tiago e João, a pedido da mãe deles queriam ocupar lugar de destaque no reino de Deus – fato que deixou os discípulos de Jesus irritados, Jesus, chamando-os, disse: "*Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*" (Mt 20.25-28).

No reino de Deus a autoridade não vem de cima, pelo cargo, mas pelo serviço. Neste estudo procurou-se mostrar, por duas vezes o exemplo de Paulo e Barnabé, apóstolos, que subiram para Jerusalém carregados de mantimentos para socorrer os irmãos da Judéia, e, pelo serviço que prestaram ganharam notoriedade entre os demais apóstolos.

Quando o ministro aprender a estará obedecendo a um dos principais mandamentos de Jesus.

Pergunta para reflexão: Quando trabalhamos para Deus em nossa cidade, levamos em conta os demais pastores e irmãos em

Cristo que não fazem parte de nossa Denominação? Sabemos de algum obreiro de outra igreja que esteja passando por necessidades financeiras? Podemos socorrê-lo?

Centralidade da reflexão: O líder da igreja na cidade tem de levar em conta que a igreja não pode calar sua voz profética. Ela se cala quando entra em aliança com os governos do mundo e perde sua autoridade.

O Ministro: Fama, Orgulho E Honra

Fama, orgulho e honra formam um tema tríplice que raramente é estudado num currículo de teologia pastoral, e o motivo de se trazer este tema é que, no meio evangélico existe uma tendência de acreditar que o reconhecimento, o elogio, ou uma palavra de consideração poderá levar a pessoa elogiada à ruína ou à queda, deixando-as tomadas de orgulho.

De maneira geral as pessoas costumam habitar nos extremos, isto é, gostam de elogios e dependem deles ou nunca elogiam nem querem ser elogiados.

Tal tendência é vista também no tratamento que certas igrejas dão aos seus líderes, pois algumas tratam o ministro como um semideus, e outras o tratam como um empregado qualquer. Os dois extremos são perigosos.

Não se deve temer os elogios nem recear de elogiar alguém. Somente o imaturo se ensoberbece quando é elogiado, e pode cair com facilidade. Para o ministro e pastor que tem uma vida de

humildade e quebrantamento, o elogio ou a falta dele nada diminui nem acrescenta. Ele é estável.

Por outro lado a fama é um bom teste, pois quando alguém fica famoso tende a revelar seu grau de maturidade. O orgulho é próprio dos novatos e leva o obreiro a incorrer no erro de Satanás.

Neste capítulo o estudante verá, primeiramente, que a fama, em si mesma, não constitui um pecado. O problema reside quando a pessoa não sabe lidar com ela.

Aí sim, pode incorrer em muitos erros. Depois, o estudante verá que o orgulho é, quase sempre, resultado da fama, e aprenderá como Deus diferencia o humilde do orgulhoso.

E por fim, estudará a questão da honra e de como é importante aprender a dar honra uns aos outros e a tratar os obreiros com honra. Por isso, o tema será abordado à luz da vida de alguns homens de Deus que se tornaram famosos, mas nem por isso se ensoberbeceram.

1. A Boa Fama

O obreiro tem três caminhos por onde trilhar: o da boa-fama, o da má-fama e o da fama nenhuma. Obviamente que todos almejam a boa-fama, mas alguns, por serem negligentes na vida cristã caem no caminho da má-fama, geralmente devido a pecados que cometem.

Outros, apesar da vida de integridade, desenvolvem seu ministério num bairro populoso da cidade e não se tornam conhecidos além de suas fronteiras, o que indica que a questão da fama não depende apenas dele, mas de fatores diversos que aqui não serão discutidos.

A fama tem alguma importância aos olhos de Deus? A fama é uma necessidade para a divulgação do evangelho? As duas questões podem ser resumidas da seguinte maneira: Se Deus faz um de seus obreiros famosos, não é para que a fama seja do obreiro, mas que o Nome de Jesus seja glorificado entre os povos.

Este é o princípio apresentado no Salmo 67. Deus abençoa o homem, para que o Nome dele se torne conhecido de todas as nações da terra. A fama, portanto, como neste Salmo visa unicamente glorificar a Deus.

Ana, mãe de Samuel e Maria mãe de Jesus atribuíram a honra e a fama ao querer de Deus. Ana em agradecimento a Deus pela vida de Samuel, exclamou: "*Ele levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória...*" (1 Sm 2.8).

E Maria, mãe de Jesus orou, dizendo: "*Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada*" (Lc 1.48). Elas entenderam que o destino delas fora traçado por Deus, e que ele preservaria seus nomes na galeria das mulheres santas.

Este tema será tratado pelo lado positivo, por isso dois exemplos bíblicos devem ser observados: Davi e o Senhor Jesus Cristo.

Estudando os exemplos de pessoas famosas na Bíblia, descobre-se que a fama é fruto da obediência do homem a Deus, e que o obreiro não deve se preocupar em se tornar famoso. Deve se preocupar, isto sim, em servir e obedecer a Deus. O primeiro exemplo aqui tratado é o do rei Davi.

1.1. A Fama De Davi

Davi jamais trabalhou em cima de uma estratégia ou de um lance de marketing para ficar famoso, como fazem certas pessoas. Ele sempre atribuiu sua fama ao poder de Deus. Isto é, o próprio Deus decidiu que faria de Davi um homem famoso em Israel.

Davi, quando criança e jovem era desprezado por seus familiares, o que se depreende de quando Samuel foi enviado por Deus para consagrar um dos filhos de Jessé como rei (1 Sm 16). Enquanto todos se regalavam no banquete com o profeta, Davi estava no campo cuidando das ovelhas. Foi deixado lá, de propósito.

Todos os filhos estavam no jantar, menos Davi. Mas o homem a quem Deus queria honrar estava pastoreando um

pequeno rebanho de ovelhas numa terra desértica. Deus, em sua soberania tirou-o de detrás das ovelhas e o colocou no palácio.

O que diz a Bíblia? "*Davi lograva bom êxito em todos os seus empreendimentos, pois o Senhor era com ele*" (1 Sm 18.14). Deus era com Davi. Quando Deus participa da jornada, ninguém se orgulha da fama, pois atribui o sucesso a Deus e não às suas habilidade. A fama, por certo, será uma dádiva divina e não fruto do esforço pessoal do homem. Deus diz a Davi: "*Tomei-te da malhada e de detrás das ovelhas, para que fosses príncipe sobre o meu povo de Israel*" (1 Cr 17.7).

Apesar de ser tirado de detrás do rebanho de ovelhas para ser rei de Israel, a humildade sempre foi a tônica deste famoso homem. Quando Deus falou a Davi que faria uma casa para a família dele, o rei exclamou: "*Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui... e me trataste como se um fosse homem ilustre... que mais ainda te poderá dizer Davi acerca das honras feitas a teu servo?*" (1 Cr 17.16-18).

A galeria da fé de Hebreus 11 é composta de homens e mulheres de fé, que tomaram a decisão de obedecer a Deus. Ficaram famosos, e estão na galeria da fé, porque dependiam de Deus e não de si mesmos.

Davi não buscava o caminho da fama, ele se tornou famoso porque Deus assim o quis. Ungido rei de Israel por Samuel (1 Sm 16), voltou para o campo para pastorear as ovelhas de seu pai. Ele poderia dizer: "agora sou rei, quero o trono". Mas esperou em Deus. Até que um dia, Saul ficou sabendo da habilidade musical dele, e mandou dizer ao pai de Davi: "*envia-me Davi, teu filho, o que está com as ovelhas*" (1 Sm 16.19).

A partir daí Davi vivia entre o palácio e o campo. O óleo da unção o deixou mais humilde, ao contrário de muitos que recebem a unção e querem logo o poder. Quando derrotou a Golias, o gigante, tornou-se famoso.

Os líderes de Israel, treze anos depois que Samuel o ungiu chamaram Davi e lhe disseram: "*Outrora, sendo Saul ainda rei, eras*

*tu que fazias saídas e entradas militares com Israel; também o Senhor, teu Deus, e disse: Tu apascentarás o meu povo de Israel, serás chefe sobre o meu povo de Israe*l" (1 Cr 11.2). Alguns adquirem fama por meios naturais, outros, dependem de Deus.

Anos depois, o filho de Davi, Salomão tornou-se famoso, e pessoas iam para Jerusalém, vindas do mundo todo para conhecê-lo. A razão porque Deus tornou o nome de Salomão famoso é porque Salomão decidiu tornar conhecido o nome do Senhor em toda a terra.

A fama de Salomão, portanto, era reflexo da fama do nome de Deus. "*Tendo a rainha de Sabá ouvido a fama de Salomão com respeito ao nome do Senhor, veio prová-lo com perguntas difíceis*" (1 Rs 10.1). Conforme se percebe pelo texto, a fama de Salomão estava ligada diretamente ao nome do Senhor.

Muitos obreiros são pegos de surpresa porque se vêem de repente famosos devido a um milagre, ao sucesso numa conferência em que pregaram, num congresso ou num destaque na mídia, e caso não estejam preparados nem suficientemente humilde caem no laço do orgulho, a principal arma de Satanás, conforme 1 Timóteo 3.7.

Quando se examina a vida de homens e mulheres que se tornaram famosos, descobrimos que foram pessoas que se consagraram a Deus. Da mesma maneira, descobrimos que a fama e o orgulho os levaram à queda.

O caminho a ser seguido, no entanto, não é sair em busca da fama, mas evitá-la, seguindo o exemplo de Jesus que evitava a fama buscando o caminho da oração e da comunhão com o Pai. E como reagiu Jesus diante da fama? Quando lhe contaram que ficara famoso por batizar mais gente que João, deixou a Judéia e voltou para a Galiléia (Jo 4.1-3), o que demonstra que Jesus soube conviver com a fama sem se deixar dominar pelo orgulho. Logo depois da multiplicação dos pães a multidão se reuniu para o proclamar rei, mas ele "*retirou-se novamente, sozinho, para o monte*" (Jo 6.15).

E em vez de entrar na cidade montado num cavalo de raça, escolheu um jumentinho, porque a profecia de sua vinda o

anunciava como "*Rei, humilde, montando em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga*" (Mt 21.5). E como reagem alguns líderes religiosos nos de hoje diante da fama? Já não se montam jumentos porque é baixeza demais; recorre-se a carro blindado, que é mais seguro.

2. O ORGULHO

A fama dos que se dizem amigos pode servir de teste a qualquer pessoa. Quando alguém reage negativamente diante da fama de um colega pastor demonstra que ainda não está suficientemente preparado para a fama. Por isso, é bom refletir e se perguntar se alguma vez no ministério o estudante se sentiu desanimado quando algum colega se destacou na comunicação da graça de Deus, e nos dons espirituais.

Como reagir quando alguém se destaca ministerialmente? E quando o trabalho que se faz progride maravilhosamente, que reação a pessoa demonstra? Orgulha-se ou continua humilde? Quando alguém, neste caso sente-se superior aos outros, mostra sintomas do mau uso da fama. A única maneira de vencer a vaidade e o orgulho é admitir que se é orgulhoso.

Neste estudo é preciso tratar do orgulho e da fama conjuntamente, pois a balança da fama traz benefícios ao humilde, mas serve de derrota para o orgulhoso.

Um obreiro que não reconhece os limites de sua capacitação, de sua fragilidade humana, e que não tem uma vida de quebrantamento, facilmente cairá no laço que a fama e o orgulho lhe aprontam, pois estes dois costumam andar de mãos dadas.

Na escritura existe um princípio inquestionável sobre o orgulho, em que Deus declara que detesta e abomina o orgulhoso. Salomão, apesar de famoso entendeu que "*O Senhor detesta todos os orgulhosos; eles não escaparão do castigo, de jeito nenhum*" (Pv 16.5 - NTLH).

A oração de Maria aponta na mesma direção, ao declarar: "*Dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos*

soberbos" (Lc 1.51), e também na oração de Ana, mãe de Samuel: "*O Senhor abaixa e também exalta*" (1 Sm 2.7). Estas declarações revelam o coração do próprio Deus.

Os orgulhosos ele trata com desprezo, como se vê no exemplo bíblico do que aconteceu com Hamã, o todo-poderoso primeiro ministro do rei Assuero. A fama dele acabou no dia seguinte a um jantar com o rei e a rainha Ester. Este é o caso relatado no livro de Ester em que Hamã, um ministro de Estado de Assuero foi honrado e empossado como primeiro ministro, acima de todos os demais príncipes do reino, uma espécie de "chefe da casa civil" da monarquia. Só o rei estava acima dele. Concomitantemente relata a história de Mordecai, um judeu que não se curvava diante do primeiro ministro. A belíssima história de Ester, a moça judia que se tornou rainha, relata um final de história bem diferente. O orgulhoso Hamã foi enforcado, e o humilde Mordecai elevado ao posto de ministro.

A questão do orgulho foi resumida na declaração do apóstolo Pedro: "*Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça*" (1 Pe 5.5). Vindo de Pedro é perfeitamente aceitável. Pedro se sobressaia dos demais companheiros e experimentou ascensão e queda em poucos dias.

2.1. Orientações Sobre O Orgulho Ao Povo De Israel

Deus tratou da questão do orgulho quando deu mandamentos para o povo de Israel no deserto. Prevendo o futuro de glória, de abastança e riqueza que o povo haveria de ter na terra da promessa, Deus dá alguns conselhos ao povo.

Não se orgulhem de serem povo de Deus nem de serem muitos

"*O Senhor Deus os amou e escolheu, não porque vocês são mais numerosos do que outros povos; de fato, vocês são menos numerosos do que qualquer outro povo. Mas o Senhor os amou e com a sua força os livrou do poder de Faraó, o rei do Egito, onde vocês eram escravos. Ele fez isso para cumprir o juramento que tinha feito aos nossos antepassados*" (Dt 7.7-8 - NTLH).

Deus está afirmando ao povo que não era por merecimento deles que ele os levava para a terra prometida, mas porque estava cumprindo a palavra que dissera a Abraão. Portanto, resume Deus, *"não se orgulhem, pensando que vocês foram escolhidos por serem os melhores. Existem nações maiores, mas eu escolhi vocês, eu os amei..."*.

OLHEM PARA O SEU PASSADO

"Tenham o cuidado de não esquecerem Deus, que os tirou do Egito, onde vocês eram escravos" (Dt 7.12 – NTLH). Deus lembra ao povo que na nova terra, o povo se enriqueceria e, portanto, deveria ter em mente, sempre, que um dia foram escravos na terra do Egito, lembrando-se sempre do Senhor, cuidando bem de seus escravos, sem os maltratar.

Deus diz: *"Guarda-te, para não suceder que, depois de teres comido e estiveres farto, depois de haveres edificado boas casas, e morado nelas... se eleve o teu coração... não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas..."* (Dt 8.11-17).

Por que tantas recomendações ao povo? Porque a tendência do homem é de se orgulhar, esquecendo-se de que foi Deus quem lhe deu todas as coisas.

A nação de Israel deixaria de ser um povo de escravos e passaria a dominar outras partes da terra, e eles deviam ter em mente que suas conquistas não foram por suas próprias forças, mas com a ajuda de Deus.

Esta recomendação deve ser lembrada por cada ministro, pois, antes de ser salvo, cada pessoa era escrava do mundo e foi conduzida à elevada posição de governo e autoridade na terra. Não é isso o que ocorre com tantos ministérios famosos? A fascinação pela riqueza e a glória do poder enchem o homem de orgulho e levam-no à queda.

Deus tem muita sensibilidade ao orgulho, e percebe quando o ego de um de seus obreiros está inflado pela fama e orgulho. Mas também é sensível ao pobre e necessitado, ao humilde de coração, e o levanta concedendo-lhe poder.

Esta mesma orientação dada por Deus ao povo de Israel serve de modelo ao ministro. O falecido pregador Metodista Stanley Jones diz num de seus devocionais: "Por que algumas igrejas reservam lugares especiais no púlpito onde ninguém pode se assentar a não ser o bispo? Por que alguns ministros usam roupas diferentes - a do bispo é roxa [...] Por que somente os pastores podem dar a ceia?" E ele mesmo responde: "Tudo porque a igreja foi invadida pela sociedade pagã, que sempre se baseou em privilégios e posição especial, e desconhece a idéia revolucionária de que alguém receba o grande Dom de Deus, o Espírito Santo!...", e termina, dizendo: "Não busco privilégios especiais, pois como homem tenho o maior dos privilégios. Sou igual a todos". (JONES, E.Stanley, *Mastery, The Art of Mastering Life*, Abingdon Press - p 48).

É uma honra, e não orgulho uma pessoa ser chamada para o santo ministério. Deve, portanto, atender o chamamento com humildade.

O orgulho vem tanto pela ostentação da riqueza quanto pela pobreza. Como disse certo escritor do século quinto: "Existem ciladas na abundância das riquezas, existem ciladas nas angústias da pobreza. As primeiras nos conduzem ao orgulho, as outras nos incitam para as dissensões. A saúde é causa de tentação, a doença é causa de tentação, enquanto a primeira é matéria de negligência, a segunda é sujeito de tristeza ..." (MAGNO, Leão, *Sermões* - Patrística - Editora Paulus - Pg. 117).

No livro *Paredes do Meu Coração*, o autor fala do evangelista imaturo, pessoa que chega a uma cidade exigindo tratamento cinco estrelas – "o melhor hotel, os melhores restaurantes, telefone com linha direta - para a igreja pagar a conta... uma personalidade competitiva (para não dizer, orgulhosa) que usa as pessoas para realizar seus projetos" (THOMPSON, Bruce - *Paredes do meu Coração*, Editora Betânia - p 113).

Deus pode fazer qualquer de seus obreiros famoso dando-lhe destaque entre os líderes da igreja e no meio da sociedade, não

para que o obreiro em si tenha fama, mas para que através da vida dele o nome do Senhor seja engrandecido e glorificado; nunca para que se torne mais famoso que Deus.

O orgulho é um sintoma que precede a queda. Quando o obreiro começa a ceder diante do dinheiro, de mulheres, do orgulho e passa a ser autoritário, Deus se torna seu inimigo. É possível alegrar-se quando líderes famosos atravessam os anos de vida incólumes, deixando um lastro de humildade e de serviço; na velhice, como diz o Salmo continua frutificando (Sl 92.12-14). Os que não souberam palmilhar com humildade o caminho da fama sucumbiram pelo caminho.

3. Honra

O terceiro aspecto é o da honra, e não é necessário que um ministro tenha fama para que seja honrado. A honra não deve ser apenas para o ministro que está em evidência ou no governo da igreja, mas deveria ser parte da reciprocidade entre os irmãos, pois diz Paulo: "*Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros*" (Rm 12.10).

É bom e biblicamente correto honrar as pessoas, especialmente aquelas que arduamente trabalham na obra, e a honra pode ser expressa não apenas com palavras de elogios, mas também com presentes que tenham algum sentido. Um incentivo ou um elogio, não deixará uma pessoa orgulhosa, se esta tem maturidade cristã. Paulo elogiava e recomendava que seus obreiros fossem bem tratados. "*Nossa irmã Febe*", disse ele, "*é obreira na igreja de Cencréia. Cuidem bem dela, e dêem-lhe tudo que precisar. Ela é uma excelente protetora de muitos. Uma mulher de Deus. Tem me ajudado muito*" (Rm 16.1-2 transliteração do autor).

E em Romanos 16 ele elogia o casal Priscila e Áquila, elogia a Epêneto, a Maria, Andrônico, Júnias, dos quais diz serem, "*notáveis entre os apóstolos*". Ele elogia e honra a cada um desses irmãos. Vale a pena ler sobre eles. Em 1 Coríntios 16 ele recomenda cuidados especiais com os da casa de Estéfanas, pessoas consagradas a Deus, e acrescenta: "*Reconheçam a homens como estes*" (v 18).

A tendência, no entanto, é ficar nos extremos. Algumas igrejas, cansadas das festas e cultos em honra de seus líderes, que pareciam ocupar o lugar do Todo-Poderoso deram uma guinada e passaram a tratar seus líderes sem qualquer consideração. Se antes o obreiro era honrado e tinha o privilégio de ser o primeiro a assentar à mesa na hora do almoço, para citar um exemplo apenas, hoje, em algumas localidades é o último, às vezes sendo totalmente desconsiderados.

Muitas igrejas optaram por tratar seus pastores no mesmo nível de qualquer membro, e tinham lá suas boas intenções, mas esqueceram da questão da honra entre os irmãos. A honra é dada a qualquer pessoa, não importa se é líder ou não. Como é bom se sentir bem tratado, com honra e dignidade.

4. A Posição Bíblica Quanto A Honra

a) Todos devem ser honrados. Pedro diz: "*Tratai a todos com honra*" (1 Pe 2.17). Valor, estima, preciosidade é o sentido da palavra grega aqui empregada. Essa é a normalidade entre os irmãos.

b) Honra diferenciada. "*A quem respeito, respeito; a quem honra*" diz Paulo (Rm 13.7). Alguns merecem apenas o respeito, outros honra.

c) Galardão de profeta. "*Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo*" (Mt 10.41). O que queria dizer Jesus? Quando se recebe e se honra uma pessoa enviada de Deus, ele recompensará devidamente, é o que se deduz do contexto. Mas quantas vezes despreza-se ou nem se dá a devida honra àqueles que Deus envia para ministrar nas igrejas? Honrando o mestre receber-se-á galardão de mestre; o profeta, e receber-se-á galardão de profeta; apóstolo e receber-se-á o galardão proporcional, etc.

d) Honrando com ofertas generosas. O ministro precisa aprender a honrar os que ministram em suas igrejas com ofertas generosas. Nada mais constrangedor do que, depois de uma série

de conferências ser despedido de mãos vazias, ou apenas com o dinheiro da passagem. Que tristeza e falta de incentivo quando um pregador ou conferencista é convidado por uma igreja, e é despedido apenas com o dinheiro da passagem – quando muito.

Deve-se manter uma atitude de ética diante do pregador, jamais tirando uma oferta especial para ele, diante dele. É possível fazer provisões com antecedência para não constranger o pregador.

Paulo ensinou a igreja de Corinto a fazer esse tipo de previsão financeira: "*No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for*" (1 Co 16.1). Paulo fala do mesmo tema em 2 Coríntios 9.5.

A oferta em dinheiro ao pregador convidado, faz parte da honra. Paulo destaca o obreiro que trabalha arduamente: "*Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino*" (1 Tm 5.17 NVI), ou como diz a versão atualizada: "*Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino.*" E aqui fala de honorários, de remuneração pelo trabalho realizado, pois a seguir ele cita um texto da escritura: "*Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário*" (1 Tm 5.18). O que Paulo está querendo dizer? Que o boi só trabalha se estiver alimentado.

Paulo afirma: "*Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado, pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais para os filhos*" (2 Co 12.14). Mas não é isso que acontece no meio evangélico.

Certos pregadores, até mesmo alguns que vêm do exterior "*andam atrás de nossos bens*", como afirmou Paulo. Se um obreiro faz conferências por necessitar de dinheiro para seu sustento ou porque precisa de recursos para manter sua organização, seu ministério está fora de foco, sua motivação totalmente equivocada,

e ele precisa aprofundar-se um pouco mais no ensino do Novo Testamento sobre finanças e sustento do obreiro.

Apesar de ser um tema controvertido, por questão de ética um obreiro não deve estipular o preço de seu trabalho, nem cobrar "cachês" para pregar. No entanto, muitas igrejas não valorizam o obreiro ético que nada impõe, que se dispõe a viajar pelo meio mais barato, e pagam cachês altíssimos a grupos musicais ou a artistas para que se apresentem em suas igrejas. Esse foi o problema que Paulo enfrentou.

A igreja de Corinto que ele começou não o reconhecia como apóstolo nem o sustentava, a ponto dele dizer: "*... gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus. Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir, e, estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém*" (2 Co 11.7-9). A seguir informa que foi suprido de suas necessidades pelos irmãos pobres da Macedônia.

Paulo elogia a disposição da igreja de Filipos pela forma como esta o supriu financeiramente, enviando ofertas quando ele estava em Tessalônica: "*Porque até para Tessalônica mandastes, não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades.*"

Depois, Paulo dá um exemplo a todos os obreiros: "*Recebi tudo, tenho em abundância; estou suprido...*" (Fp 4.15-18).

Que obreiro poderá dizer à igreja onde vai ministrar, "Estou suprido"? Que evangelista pode dizer ao comitê organizador de sua campanha, "não preciso de ofertas"? Que pregador poderia, como Paulo, afirmar: "*tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes*"? (1 Tm 6.8).

Por outro lado, devido a falta de honra das igrejas para com os pregadores e a disposição em pagar altos cachês a grupos artísticos, muitas vezes os obreiros são "empurrados" a pedir ofertas, e nesse sentido erram, tanto quanto as igrejas que não aprenderam a questão da honra.

e) Honrando com boa hospedagem

Os convidados devem ser bem tratados, com boa hospedagem. Seja um pastor que veio para uma conferência, ou um irmão em Cristo que veio apenas para participar, merece ser tratado com dignidade. Os servos de Deus convidados para pregar em uma igreja devem ser bem tratados. A recompensa virá de Deus. Nada pior para um pregador do que ficar hospedado numa casa em que as crianças são rebeldes, gritam, choram e os cachorros latem dia e noite.

g) Honrando a família do preletor.

Deve-se também honrar a família do preletor. Como se sente feliz o obreiro que retorna para casa com presentes extras, oferecidos pela igreja, para a esposa e os filhos. Esse primeiro amor parece estar arrefecendo na vida da igreja. A honra deve voltar a ser ensinada, para que a igreja aprenda a receber o galardão que Deus tem para o seu povo. O princípio ensinado por Paulo à igreja de Corinto é que o "abençoado", no caso o que recebe os donativos, também abençoa os doadores, intercedendo e suplicando a Deus a favor daqueles, "*enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós*" (2 Co 9.14).

h) Protegendo o preletor.

Uma prática sadia é a de evitar que o convidado fique a sós, sem a amizade de alguém. Um obreiro nunca deve andar a sós, por isso, sempre que possível deve levar alguém consigo nas viagens, e, em caso de obreiros que vêm pregar na igreja, alguém deve ser designado para cuidar e andar com ele.

Esta é uma prática saudável, pois o obreiro que acompanha o pregador é treinado ao lado de seu mestre, e a pessoa que é colocada para servir tem a honra de ser galardoado pelo trabalho prestado. Foi assim que muitos homens foram levantados para a obra de Deus, e hoje alguns deles são conferencistas de renome.

Jesus enviou seus discípulos dois a dois. O que ele queria dizer com isso? Que nunca é bom andar sozinho.

Quando o pastor não pode consegue viajar acompanhado da esposa, a igreja deve prover a passagem para que outro obreiro ou um irmão o acompanhe em sua viagem. Isso é proteção.

E não apenas deve-se proteger o conferencista, mas também a todo e qualquer irmão que estiver de visita à cidade e hospedar-se com alguém da congregação.

Se uma pessoa de outra localidade estiver visitando alguém voluntariamente, e não estiver hospedada em casa de parentes, e sim na casa de algum membro da igreja, alguém deve acompanhar seus passos, não para fiscalizá-la, mas protegê-la e proteger a igreja.

É uma prática também recomendável que os membros das igrejas comuniquem aos seus pastores quando têm hospedes em sua casa, especialmente aquelas pessoas que não têm com eles parentesco.

Neste caso, é dever dos pastores chamar o hóspede, conversar com ele ou ela, expor a norma de vida da igreja em relação a hóspedes, checar informações, etc., evitando assim que um "rato" ou um "lobo" cause estragos no meio do rebanho.

Aliás, nenhum membro da igreja deveria receber hóspedes que não conhecem, a menos que recomendados e solicitados por seus pastores. Essa supervisão pastoral fecha as brechas à entrada de estranhos no meio do rebanho de Deus. Corta-se o mal pela raiz. Aqui também, uma questão de honra.

Pergunta para reflexão: A fama tem alguma importância aos olhos de Deus? Existe necessidade de sermos famosos? Como proceder com aqueles que chegam nas igrejas e em nossas casas sem aviso?

Centralidade da reflexão: Se Deus faz um de seus obreiros famosos, não é para que a fama seja do obreiro, mas que o Nome de Jesus seja glorificado entre os povos. É o caso da bênção divina sobre nós: somos abençoados para que o Nome de Deus seja glorificado entre as nações (Sl 67).

ATIVIDADES – LIÇÃO V

➢ Marque "C" para Certo e "E" para Errado

1) ☐ As cidades são vistas nas escrituras como um conglomerado de homens e mulheres por quem Deus tem especial interesse.

2) ☐ As cidades são alvos diretos da ação de Satanás que direciona sua ofensiva contra os sistemas e estruturas dos centros urbanos.

3) ☐ A igreja tem em suas mãos a chave para mudar a vida espiritual e, conseqüentemente, a vida social de uma cidade. A chave é a estrutura organizacional.

4) ☐ Não se deve temer os elogios nem recear de elogiar alguém. Somente o imaturo se ensoberbece quando é elogiado, e pode cair com facilidade.

5) ☐ O obreiro tem três caminhos por onde trilhar: o da boa-fama, o da má-fama e o da fama nenhuma.

6) ☐ Davi jamais trabalhou em cima de uma estratégia ou de um lance de marketing para ficar famoso, como fazem certas pessoas. Ele sempre atribuiu sua fama ao poder de Deus. Isto é, o próprio Deus decidiu que faria de Davi um homem famoso em Israel.

Referências Bibliográficas

STRONG, James, *Strongs Exaustive Concordance of the Bible*, Associated Publishers and Authors Inc. Grand Rapids, Michigan

LUTZER, Erwin em *De Pastor Para Pastor*, Editora Vida.

QUEIROZ, Edson *A Transparência no Ministério*, Editora Vida.

HENRY, Mathew, *Mathew Henry's Commentary*, Zondervan Publishing House.

UNDERHILL, Evelyn, *Concerning the Inner Life of the House of the Soul* (Tratado da Vida Interior e da Casa da Alma), London: Methuen & Co. Ltd. 1926, pg. 1)

NEE, Watchman - *A Vida Normal da Igreja Cristã*, Editora Cristã Unida, p. 118).

ATTALI, Jacques, *Os Judeus, o Dinheiro e o Mundo*, Futura.

CHENEY, Elizabeth *Stremans in the Desert*, (Mananciais no Deserto) edição em inglês pela Zondervan Publishing House.

LUDWIG, Charles, *Francis Asbury*: Cod´s Circuit Rider, Milford: Mott Media, 1984

NEE, Watchman, *Ye Search the Scriptures*, Christian Fellowship Publishers, Inc. New York, edição de 1974.

BILLHEIMER, Paulo E. *Seu Destino é o Trono,* C.L.C. 1ª. Edição 1984

BELL, Albert, *Explorando o Mundo do Novo Testamento*, Editora Atos.

Agostinho, *Confissões*, Editora Vozes, 1988

FOSTER, Richard *Dinheiro, Sexo e Poder*, Mundo Cristão

TERTULIANO, *Os adereços da mulher,* Editora Verbo, Lisboa-São Paulo.

MOFFAT, James. *The General Epistles*, James, Peter and Judas (Epístolas Gerais de Tiago, Pedro e Judas), Harper and Brothers, N.I.).

Da CRUZ, João, *Carmelo*, Editora Carmelo de São José, Portugal,

1958

ARINTERO, Juan, *La Evolución Mística*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1954.

LEACH, Willian F. *O Pastor Pentecostal*, CPAD

STOTT, John, *The Preacher`s Portrait* (O formato do Pregador), Erdmans, oitava edição, 1981.

STOWELL, Joseph M. *Pastoreando a Igreja*, Editora Vida, 247.

VIEIRA, Antonio, Sermões, Vol I, Lello e Irmão Editores, Porto, Portugal (Sermão da sexagésima, pregado na capela Real no ano de 1665).

BICKET, Zenas, em *O Pastor Pentecostal*, CPAD.

ARINTERO, I.G. *La Evolucón Mística*, B.A.C. (Biblioteca de Autores Cristianos), Vol. 91 John L. Mckenzie, *Dicionário Bíblico*, Ed. Paulinas.

Vine's Expository Dictionary of Biblical Words, 1985, Thomas Nelson Publishers



O ensino teológico além das fronteiras.

Av. Cel. Otávio Tosta, 51 - 1º Andar - Sala 5
CEP 85980-000 - Guaíra-PR
Fone: (44) 3642-5311 - Cel.: (44) 9131-6417
contato@cetadeb.com.br
www.cetadeb.com.br